

TATIANE CRISTINA DA SILVA

**PAISAGEM EM CONFLITO: UM ESTUDO DE CASO DO PROCESSO DE
IMPLANTAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL SERRA DO BRIGADEIRO E SEU
IMPACTO JUNTO AOS AGRICULTORES LOCAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS-BRASIL
2017

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

S586p
2017

Silva, Tatiane Cristina da, 1989-

Paisagem em conflito : um estudo de caso do processo de
implantação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro e seu
impacto junto aos agricultores locais / Tatiane Cristina da Silva.
- Viçosa, MG, 2017.

xiii, 130f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndice.

Orientador: Edson Soares Fialho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.114-123.

1. Impacto ambiental. 2. Paisagens. 3. Avaliação de riscos
ambientais. 4. Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (MG).
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Artes e
Humanidades. Mestrado em Profissional em Patrimônio
Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22 ed. 363.70098151

TATIANE CRISTINA DA SILVA

**PAISAGEM EM CONFLITO: UM ESTUDO DE CASO DO PROCESSO DE
IMPLANTAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL SERRA DO BRIGADEIRO E SEU
IMPACTO JUNTO AOS AGRICULTORES LOCAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.


APROVADA: 30 de agosto de 2017.



Gumerindo Souza Lima



Maria Isabel de Jesus Chrysostomo



Charlei Aparecido da Silva



Edson Soares Fialho
(Orientador)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, aquele que me escutou, amparou e deu força em mais uma etapa da minha vida.

Ao meu Orientador Edson, pela paciência durante o período de 2015-2017, pela aprendizagem concedida, pelos materiais indicados, pelas correções e orientações, pela presença constante até mesmo nos fins de semana através das redes sociais. Você é digno do meu respeito e admiração.

A toda minha família, meu bem maior, por estar sempre ao meu lado, confiando, apoiando e me fortalecendo com o seu amor.

Aos meus avós Avelino e Vica, por todos os ensinamentos, carinho e amor. Vocês são meus maiores exemplos de vida.

À minha irmã Tais, por estar sempre do meu lado, à minha mãe Geralda, ao meu tio Wilson, e à minha tia Ondina, por terem sido os maiores de todas as conquistas que a vida já pôde me proporcionar.

Ao meu esposo Wemerson, por me apoiar, incentivar, estar comigo nas pesquisas de campo e tolerar todas as minhas ausências nestes dois últimos anos.

À Universidade Federal de Viçosa e ao Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, pela oportunidade de realizar este sonho em tornar-me mestre.

Aos professores do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV, pelo conhecimento e aprendizagem nas disciplinas cursadas.

Ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga nas pessoas do Marquissuel e Senhor Neném, que gentilmente acompanharam as visitas de campo. Sem vocês essa pesquisa não existiria.

À Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Araponga, que prontificou em fazer parte da pesquisa e também auxiliou no trabalho de campo.

A todas as famílias de agricultores que me receberam cordialmente em suas casas. Este trabalho é para vocês!

Ao Comitê de Ética da UFV e o Instituto Estadual de Florestas, por autorizarem a realização desta pesquisa.

Aos funcionários do PESB nas pessoas da Ana, Genir, José Roberto, Laurielen e Michele, pelos materiais cedidos e entrevista concedida.

Aos colegas de mestrado, especialmente à Aline, Carol, Edmara, Fahrenheit, Tatiani e Thaís, pelas angústias e materiais compartilhados e apoio oferecido nessa caminhada.

A todos meus amigos, em especial à Cátia, Gilmar, Hígor e Tamara, que muito contribuíram nas correções e construção deste estudo.

Ao Leonardo e à Talita, do Laboratório de Bioclima, pelos mapas elaborados, e que tanto embelezaram o trabalho.

Aos membros da banca de defesa, Charlei Aparecido da Silva (UFGD), Gumercindo Souza Lima (UFV) e Maria Isabel de Jesus Chrysostomo (UFV), por aceitarem fazer parte da defesa deste trabalho.

A todos que de alguma maneira colaboraram, rezaram, incentivaram e participaram desta trajetória.

BIOGRAFIA

Tatiane Cristina da Silva, filha de Antônio Francisco da Silva e Geralda Américo, nasceu no município de Viçosa, Minas Gerais, em 26 de novembro de 1989.

Cursou o ensino fundamental e médio, na Escola Estadual Dr. Mariano da Rocha, em Teixeiras-MG.

Em 2007 iniciou o curso de Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa, transferindo para o curso de Geografia em agosto de 2008, concluindo este em maio de 2013.

Em março de 2015, ingressou no Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa, sob orientação do professor Edson Soares Fialho, submetendo-se à defesa da dissertação, em 30 de agosto de 2017.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	v
LISTA DE ABREVIATURAS	vii
LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE QUADROS	xi
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii
INTRODUÇÃO	1
PARTE I.....	8
Capítulo 1: O conceito de Paisagem: Perspectivas e abordagens	9
1.1. Introdução	9
1.2. Paisagem e suas multiplicidades.....	9
1.3. A Paisagem no âmbito da ciência geográfica	12
1.4. Paisagem-Território	15
Capítulo 2: O Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC): Patrimônio, Paisagem e Conflitos Ambientais.....	19
2.1. Introdução	19
2.2. Unidades de Conservação.....	19
2.3. Unidades de Conservação: Paisagem e/ou Patrimônio Natural.....	25
2.4. Conflitos Ambientais em Unidades de Conservação.....	28
Capítulo 3: Descortinando uma paisagem invisível	32
3.1. Introdução	32
3.2. Caracterização do município de Araponga-MG	32
3.3. Parque Estadual Serra do Brigadeiro	38
3.4. Aspectos Físicos do Parque	48
3.5. A zona de amortecimento do Parque Serra do Brigadeiro.....	53
3.6. Sobreposições de limites territoriais e as dificuldades de manejo no PESB ...	58
Capítulo 4: O Caminho Percorrido	62
4.1. Ambiente de Pesquisa.....	62
4.2. Técnica de coleta de dados	62
4.3. Visões da população e ambiente de pesquisa	66
4.4. Produto.....	68
PARTE II.....	69
Capítulo 5: PESB: Uma paisagem em conflito?	70

5.1. Introdução	70
5.2. Primeiras iniciativas de Criação do Parque	70
5.3. Percepções sobre a criação do PESB	73
5.4. Conflitos no entorno da Unidade de Conservação.....	76
Capítulo 6: Produção e Análise da Cartilha	82
6.1. Introdução	82
6.2. Objetivos da Cartilha	82
6.3. Abordagens da Cartilha	83
6.4. Público Alvo da Cartilha.....	83
6.5. A Importância da Cartilha.....	84
6.7. Impressões da Cartilha.....	85
6.8. A Cartilha.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
APÊNDICE	124
ANEXOS	125

LISTA DE ABREVIATURAS

APA: Área de Proteção Ambiental

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDEF: Centro de Estudos e Desenvolvimento Florestal

CTA: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata

CONAMA: Conselho Nacional de Meio Ambiente

EUA: Estados Unidos da América

FJP: Fundação João Pinheiro

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IEF: Instituto Estadual de Florestas

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPEA: Instituto de Pesquisas Econômicas aplicadas.

IUCN: União Internacional para a Conservação da Natureza

GTP: Geossistema, Território e Paisagem

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MMA: Ministério do Meio Ambiente

MG: Minas Gerais

ONU: Organização das Nações Unidas

PESB: Parque Estadual Serra do Brigadeiro

PNAP: Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PN: Parque Nacional

PRONAT: Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais

PROPEDAF: Projeto Integrado de Pesquisa e Desenvolvimento em Agricultura Familiar

RPPN: Reservas Particulares do Patrimônio Natural

SDT - Secretaria de Desenvolvimento Territorial

SEUC: Sistema Estadual de Unidades de Conservação

SISNAMA: Sistema Nacional de Meio Ambiente

SNUC: Sistema Nacional de Unidades de Conservação

TRSB: Território Rural da Serra do Brigadeiro

TSB: Território Serra do Brigadeiro

UC's: Unidades de Conservação

UFV: Universidade Federal de Viçosa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação do sistema tripolar proposto por Bertand em 1997.	13
Figura 2: Unidades de Conservação do estado de Minas Gerais segundo regiões IEF	20
Figura 3: Localização Geográfica do Parque Estadual Serra do Brigadeiro.....	23
Figura 4: Pórtico de entrada da cidade de Araponga.....	34
Figura 5: Produto Interno Bruto- Araponga: 2013	35
Figura 6: Esperança de vida ao nascer (1991-2010).	Erro! Indicador não definido.
Figura 7: População Municipal e Etnias de Araponga.....	38
Figura 8: Fazenda do Brigadeiro.....	40
Figura 9: Troncos de árvores e antiga serraria na Serra do Brigadeiro na década de 1960.....	41
Figura 10: Visitantes do PESB de 2012 a 2016.....	42
Figura 11: Municípios limítrofes e zona de amortecimento do PESB.	44
Figura 12: Localização Geográfica do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB)	46
Figura 13: Bromélias em afloramento rochoso, nas proximidades do centro de apoio do PESB	47
Figura 14: Neblina forte no dia 30 de setembro de 2016, impedindo a visão do centro de visitantes ao fundo da imagem, na direção da estrada.	48
Figura 15: Características Climáticas PESB.....	49
Figura 16: Climograma ombrotérmico de Gaussen para Araponga (sede)	50
Figura 17: Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul e do Rio Doce.....	51
Figura 18: Delimitação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e o limite da cota 1.000 metros de altitude, com a presença dos principais canais fluviais que nascem na Serra do Brigadeiro.....	52
Figura 19: Usos do solo no entorno do PESB	55
Figura 20: Usos do solo no entorno do PESB	56
Figura 21: Cultivo de café acerca de 900 metros de altitude, na BR-482	57
Figura 22: Placa APA de Araponga	60

Figura 23: Entrevistas realizadas no entorno do Parque.....	67
Figura 24: Entrevistas realizadas no entorno do Parque.....	67
Figura 25: Entrevistados conhecendo o texto da cartilha	85
Figura 26: Apresentação da Cartilha na residência de um dos entrevistados Serra das Cabeças.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conflitos ambientais: atores, causas e desdobramentos na Zona da Mata-MG	18
Quadro 2: Categorias das Unidades de Conservação, segundo SNUC	21
Quadro 3: Unidades de Conservação - MG	24
Quadro 4: Dados referentes ao município de Araponga	34
Quadro 5: População Total, por Gênero, Rural/Urbana.	36
Quadro 6: Estrutura Etária da População - Araponga.....	36
Quadro 7: Longevidade, Mortalidade e Fecundidade: Araponga-MG.	37
Quadro 8: Municípios limítrofes do PESB, área total e área do município e % dentro do Parque.....	45
Quadro 9: Dados Demográficos	54
Quadro 10: Estrutura Fundiária no entorno do Parque.....	55
Quadro 11: Unidades de Conservação do Entorno.....	60
Quadro 12: Entrevistas Realizadas em Araponga.	65

RESUMO

SILVA, Tatiane Cristina da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2017. **Paisagem em conflito: um estudo de caso do processo de implantação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro e seu impacto junto aos agricultores locais.** Orientador: Edson Soares Fialho.

O estudo de Unidades de Conservação se torna oportuno nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, principalmente porque a natureza passa a ser temática de fundamental relevância no mundo atual, em que desenvolvimento e crescimento econômico levam, cada vez mais, ao sucateamento exacerbado do meio natural, o que provoca ameaças ao meio ambiente e à população mundial. Esta pesquisa teve como finalidade estudar os conflitos e tensões geradas a partir da criação da Unidade de Conservação Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB), criado em 1996, na Zona da Mata de Minas Gerais. O estudo se faz importante para apontar a relevância da criação do PESB para toda a população que vive no seu entorno e para a preservação ambiental de remanescentes florestais do bioma Mata Atlântica. A pesquisa se pautou na utilização da técnica de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com dez agricultores, o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, um funcionário do Parque e um membro da secretaria de agricultura e meio ambiente, ambos do município de Araponga-MG. A partir de diálogos realizados com os entrevistados, a pesquisa verificou que os conflitos no Parque, em sua maioria, advinham da falta de interlocução entre os agricultores e a gestão do PESB. Neste sentido foi produzida uma cartilha, que teve como base, além de cumprir as exigências do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, complementar as discussões propostas pelo trabalho. A cartilha foi construída a partir das impressões sugeridas pelos próprios agricultores, com vistas a oferecer um material que fosse próximo a eles e que tivesse como finalidade buscar a maior interlocução entre os moradores do entorno e a Unidade de Conservação em estudo, em prol de um manejo mais eficiente e menos conflitante entre os envolvidos nessa paisagem-território.

ABSTRACT

SILVA, Tatiane Cristina da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2017. **Conflicting landscape: a case study of the implementation process of the Serra do Brigadeiro State Park and its impact on local farmers.** Advisor: Edson Soares Fialho.

The study of Conservation Units becomes opportune in the last decades of the twentieth century and the beginning of the twenty-first century, mainly because nature becomes the subject of fundamental relevance in the world today, where development and economic growth lead, more and more, to scrap exacerbated by the natural environment, which causes threats to the environment and the world population. This research aimed to study the conflicts and tensions generated by the creation of the Serra do Brigadeiro State Park Conservation Unit (PESB), created in 1996, in the Zona da Mata of Minas Gerais. The study is important to point out the relevance of the creation of the PESB for all the population living in its surroundings and for the environmental preservation of forest remnants of the Atlantic Forest biome. The research was based on the use of the technique of semi-structured interviews, carried out with ten farmers, the president of the union of the rural workers, an employee of the Park and a member of the secretariat of agriculture and environment, both of the municipality of Araçuaia-MG. From the dialogues made with the interviewees, the research verified that the conflicts in the Park, for the most part, stem from the lack of dialogue between the farmers and the management of the PESB. In this sense, a primer was produced, which was based on, in addition to meeting the requirements of the Master in Cultural Heritage, Landscapes and Citizenship, to complement the discussions proposed by the work. The booklet was constructed based on the impressions suggested by the farmers themselves, with a view to offering a material that was close to them and aimed at seeking greater interlocution between the residents of the surrounding area and the Conservation Unit under study, in favor of a more efficient and less conflicting management among those involved in this landscape-territory.

INTRODUÇÃO

No mundo em que se vive é comum apontar a “humanidade”, o “ser homem” ou “toda a sociedade” como vítimas da degradação ambiental, sem colocar em questão a maneira ou onde as pessoas vivem¹. A partir dos meios de comunicação se apreende que a degradação ambiental é um dos grandes problemas das sociedades contemporâneas, pois atinge todo o planeta Terra e todos os seus habitantes. Nesse sentido, é assustador pensar que os seres humanos, são, em grande parte, responsáveis pelo processo de destruição das formas naturais do meio ambiente e de toda vida².

Apesar do processo de degradação ambiental avançar em razão dos modos inapropriados de incorporação de novos espaços, algumas iniciativas têm início após a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente na década de 1960, com foco na proteção ambiental, tendo em vista preservar parte do que ainda resta dos ambientes naturais. As Unidades de Conservação (UC's), foco desta pesquisa, são exemplos de iniciativas criadas para minimizar a perda da biodiversidade, a qual foi, durante muitos anos, destruída em prol do progresso mundial.

Segundo o Portal EducarBrasil, Unidade de Conservação é toda porção do território nacional, incluindo as águas territoriais, com características naturais de relevante valor, de domínio público ou privado, legalmente estabelecidas pelo poder público, com objetivos deliberados e sob regimes especiais de administração, às quais se aplicam garantias apropriadas de proteção³.

O termo Unidade de Conservação é utilizado no Brasil para definir as áreas instituídas pelo Poder Público para a proteção da fauna, flora, micro-organismos, corpos d'água, solo, clima, paisagens e todos os processos ecológicos pertinentes aos ecossistemas naturais. Com a denominação Unidade de Conservação figuram diversas categorias, modalidades e formas de proteção à natureza, como parques nacionais/estaduais/municipais, estações ecológicas, reservas extrativistas, Áreas de Proteção Ambiental (APA), reservas biológicas, florestas nacionais, áreas de relevante

¹ ACSELRAND, Henri; MELLO, Cecília Campello do A.; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça Ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 11.

² *Idem*. p. 11-12.

³ PORTAL EDUCARBRASIL. **As Unidades de Conservação: história e características**. 2010. Disponível em: <<http://www.marcosgeográficos.org.br/pdf/html.php?id=132>> Acesso em 10 de Maio de 2017.

interesse biológico, monumentos naturais, reservas extrativistas, refúgios de vida silvestre, reservas da fauna, reservas de desenvolvimento sustentável e reservas particulares do patrimônio natural⁴. Internacionalmente, esses espaços são comumente definidos como Áreas Protegidas, principalmente pela influência e forte atuação da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), uma das mais importantes organizações dedicadas à conservação dos recursos naturais em âmbito mundial.

O surgimento do atual modelo de "áreas naturais protegidas" ocorreu nos Estados Unidos da América (EUA), devido ao problema da grande expansão urbana e agrícola sobre as áreas ainda não incorporadas ao processo produtivo capitalista, e que ainda conservavam a vida, os bens e os serviços ambientais naturais.

Em 1872, foi criada a primeira área institucionalmente protegida desse país, o Parque Nacional de Yellowstone. Após tal marco, o Canadá criou o seu primeiro parque nacional, em 1885, seguido pela Nova Zelândia, em 1894, pela África do Sul e pela Austrália, em 1898. Na América Latina, o México foi o primeiro a estabelecer uma reserva florestal, em 1894; logo em seguida foi a vez da Argentina, em 1903, do Chile, em 1926, e do Brasil, em 1937⁵.

Assim, gradativamente, foram sendo criadas áreas protegidas em diversos países, incluídas, inicialmente, nas categorias Parque e Reserva. Segundo dados da IUCN⁶, foram instituídas mais de 30.000 áreas protegidas em todo mundo no século XX, abarcando mais de 12,8 milhões de km², que equivalem a cerca de 9,5% da superfície do planeta, numa área maior do que a China e a Índia juntas.

Desde a década de 1960, os problemas ambientais vêm sendo amplamente discutidos em diversos eventos no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), nos quais são firmados importantes acordos internacionais. A primeira iniciativa proposta nessa década foi o "Relatório do Clube de Roma", redigido com a participação de representantes dos países industrializados com a proposta de "crescimento zero"⁷. Em 1968, o governo da Suécia propõe à Organização das Nações Unidas (ONU) a

⁴ BRASIL. **Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000: institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências**. Brasília. MMA/SBF, 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>> Acesso em: 21 de setembro 2016.

⁵ DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 99.

⁶ IUCN/WCPA. 2000. **Protected Areas: Benefits Beyond Boundaries**. Material disponível no site: <http://www.iucn.org.br/themes/wcpa>.

⁷ FOGLIATTI, Maria Cristina; FILIPO, Sandro; GOUDARD, Beatriz. **Avaliação de impactos ambientais: aplicação aos sistemas de transporte**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 249 p.

realização de uma conferência internacional para discutir sobre os problemas mundiais enfrentados pela degradação e propor iniciativas para preservação do meio ambiente. Essa conferência foi realizada somente em 1972 e ficou conhecida como Conferência de Estocolmo.

O Brasil possui o título de país com grande diversidade, sendo um dos mais ricos em diversidade biológica do planeta, detendo seis biomas de grande relevância (Mata Atlântica, Cerrado, Amazônia, Caatinga, Pantanal e Pampas), além do maior sistema fluvial do mundo. Porém, uma grande parte dessa rica biodiversidade encontra-se em perigo devido à intensa exploração e pressões geradas pelo atual modelo socioeconômico de desenvolvimento.

De acordo com Sanquetta, a Mata Atlântica se configura como um dos principais biomas brasileiros, sendo formado por um complexo conjunto de ecossistemas de exuberante diversidade biológica e importância socioeconômica. O bioma abrangia aproximadamente 13% do território brasileiro, sendo que a sua distribuição desdobrava-se ao longo da costa atlântica do país, abarcando áreas da Argentina e do Paraguai na região sudeste, perfazendo aproximadamente 1.350.000 km². Seus limites originais deliberavam áreas com vegetação nativa em 17 Estados (PI, CE, RN, PE, PB, SE, AL, BA, ES, MG, GO, RJ, MS, SP, PR, SC e RS). Entretanto, hoje, restam poucas áreas florestais que resguardam suas características originais e os remanescentes, já antropizados, continuam sofrendo constantes inquietações. Esse fator deposita a Mata Atlântica como um dos biomas mais ameaçados em todo o mundo⁸.

Diante desse panorama, desde a década de 1930, unidades de conservação têm sido criadas em todo o país, com categorias e objetivos distintos, nas esferas de poder federal, estadual e municipal. É clara a evolução das políticas ambientais brasileiras e da legislação específica para a proteção ambiental, sobretudo a partir da década de 1980. Órgãos como o Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), o Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) e um órgão voltado para a fiscalização, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) foram criados nessa década, que contou também com a lei federal nº 6938 de 31/08/81,

⁸ SANQUETTA, Carlos Roberto. **Experiências de monitoramento no bioma Mata Atlântica com uso de parcelas permanentes**. Curitiba: Funpar, 2008. 338p.

conhecida como Lei da Política Nacional do Meio Ambiente ou Licenciamento Ambiental.

Nesse sentido, o estudo de Unidades de Conservação se torna oportuno nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, principalmente porque a natureza passa a ser temática de fundamental relevância no mundo atual, em que desenvolvimento e crescimento econômico levam, cada vez mais, ao sucateamento exacerbado do meio natural, o que provoca ameaças ao meio ambiente e à população mundial.

A escolha da Unidade de Conservação Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB) ocorreu, inicialmente, pelo interesse em estudar as temáticas da *paisagem* e do *meio ambiente*, que culminou na inscrição do mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. A proximidade geográfica do PESB com a cidade de Viçosa⁹ fez crescer o interesse em conhecer e compreender melhor o processo de criação do Parque, sua importância para a população do entorno e para preservação de fragmentos remanescentes da Mata Atlântica.

A iniciativa de criação dos parques justificava-se por atender às atividades científicas, educativas, ambientais e às possibilidades de catalisar o desenvolvimento da região do entorno, oferecendo, inclusive, alternativas para as comunidades locais¹⁰. No entanto, o processo de constituição dos parques é, por natureza, conflitante: por um lado, numa economia de mercado, essa atitude impõe limites ao poder de ação e destruição do meio na utilização dos recursos naturais pelo homem e as organizações; por outro lado, o rigor do modelo de criação de parque e das práticas de implantação têm gerado inúmeros conflitos para as populações locais e, logo, obstáculos para a preservação e/ou conservação da área¹¹.

Dessa forma, esta pesquisa se faz importante para apontar a relevância da criação do PESB para toda a população que vive no seu entorno e para preservação ambiental do bioma Mata Atlântica, que sofre, a partir da década de 1960, grande perda florestal, principalmente pela apropriação da siderúrgica Belgo Mineira, hoje conhecida

⁹Viçosa-MG é a cidade onde reside a presente pesquisadora e o local onde o estudo foi criado no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa.

¹⁰ OLIVEIRA, Ivone Adelina de. **Gestão de conflitos em parques: estudo de caso do entorno nordeste do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro – Praia da Pinheira – SC**. 2005. 271f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005.

¹¹ OLIVEIRA, Ivone Adelina de. *Op. Cit.* p. 21.

como ArcelorMittal Aços Longos, no território do Parque. A apropriação, por sua vez, muito contribuiu para que os agricultores locais, juntamente com alguns órgãos públicos, tivessem a iniciativa participativa de preservar o que restou da floresta do Brigadeiro.

A história de criação do PESB remete à década de 1970, sendo essa consolidada pelo decreto nº 38.319 de 27 de setembro de 1996, no qual o governo do Estado deu origem legal, com área de 13. 210 ha¹² e perímetro de 156 km¹³. No final de 2005, entrou em vigor um novo decreto de demarcação do PESB, com área de 14.984 hectares, fruto de ações de regularização fundiária encaminhadas pelo Instituto Estadual de Florestas IEF-MG.

O recorte temporal adotado para o estudo engloba o processo de criação da Unidade de Conservação Parque Estadual Serra do Brigadeiro proposto na década de 1990, estabelecido em 1996, até o momento atual deste estudo: o ano de 2017. Dessa forma, a pesquisa perpassa os últimos 20 anos da implementação do Parque da Zona da Mata de Minas Gerais.

Considera-se, para este estudo, que a natureza precisa dos seres humanos assim como o ser humano depende da natureza para sobreviver. Nesse sentido, a pesquisa corrobora em discutir os conflitos embutidos nesse território, bem como a importância da população local para a manutenção da vida social e natural. Logo, para intermediar este estudo, foi elaborado um problema de pesquisa, tendo como finalidade buscar sua resposta.

O problema teve como base entender a dinâmica da paisagem intrínseca ao Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Assim, coube questionar: quais foram os conflitos ambientais presentes nesse território? A participação dos agricultores na construção do PESB indicou que esses foram cruciais para a preservação da Mata Atlântica? Para isso, o trabalho de pesquisa teve como objetivo geral analisar as tensões e conflitos entre os

¹² A proposta original abrangia uma área de 32.500 ha que, de acordo com pesquisadores, seria o mínimo para a efetiva conservação. O critério utilizado delimitava uma cota mínima de 1.000 m de altitude para os limites físicos do parque, abrangendo a área citada, no qual existiam pequenas propriedades rurais produtivas que seriam inevitavelmente desapropriadas. Com efetiva participação popular e de movimentos sociais, a cota deixou de existir em favor do direito da posse da terra pelas famílias que ali viviam.

¹³ FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org.). **Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e entorno: SIMPÓSIO SOBRE CONTRIBUIÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO INTEGRADO E PARTICIPATIVO DO PESB E ENTORNO**. Anais... Viçosa: UFV, 2000.

agentes envolvidos na implantação do Parque Estadual Serra Brigadeiro (1996) até o momento atual, bem como a importância da população do entorno para preservação de fragmentos da Mata Atlântica.

Diante do objetivo geral, se fez necessário alcançar pequenas metas anteriores, que foram definidas como objetivos específicos, sendo eles: identificar os conflitos ambientais no entorno do PESB; entender a importância da criação do Parque para os moradores de Araponga e para a preservação do fragmento florestal; e analisar as dificuldades no manejo da Unidade de Conservação Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.

A hipótese desta pesquisa foi levantada a partir dos objetivos propostos. Assim, a hipótese se orientou pela metodologia e demandas deste estudo, sendo ela: o território do Parque Serra do Brigadeiro está sujeito a tensões e conflitos por todos os órgãos e pessoas envolvidas no seu processo de consolidação. Logo, coube à pesquisa identificar os conflitos embutidos nessa paisagem. Nesse sentido, a finalidade dessa hipótese foi comprovar ou negar os conflitos nesse território, identificar os conflitos, com vistas a entender a dinâmica dessa paisagem-território.

A partir dessas considerações iniciais, se faz relevante apontar que esta pesquisa está proposta em seis capítulos. A seguir, apresenta-se uma síntese de cada um dos capítulos que compõe este estudo:

- O capítulo 1 abordará uma discussão teórica do conceito de paisagem na Geografia e nas outras ciências que abordam o conceito.
- O capítulo 2 discutirá o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, refletindo sobre as Unidades de Conservação enquanto Patrimônio e/ou Paisagem, e os conflitos ambientais produzidos pelas UC's.
- No capítulo 3, será feita uma caracterização da área de estudo: a cidade de Araponga e o Parque Estadual Serra do Brigadeiro, ressaltando fundamentalmente os aspectos socioambientais da área estudada.
- O capítulo 4 ressaltará o caminho percorrido para a realização desta pesquisa, apontando a metodologia desta sistematização e o processo de construção do produto final.
- O capítulo 5 abordará uma análise dos resultados obtidos com base nas treze entrevistas realizadas em campo.

- Por fim, no capítulo 6, será apresentado o produto final da pesquisa, o qual se baseou na elaboração de uma cartilha destinada aos estudantes do município de Araponga-MG e demais interessados, com vistas a apresentar um panorama sobre a história de Araponga, a criação do PESB, sua biodiversidade e algumas percepções da população do entorno do Parque.

Para terminar o estudo, mas não esgotando o assunto, serão feitas as considerações finais sobre as discussões pertinentes ao trabalho.

PARTE I

Capítulo 1: O conceito de Paisagem: Perspectivas e abordagens

1.1. Introdução

O capítulo 1 dissertará sobre o conceito de paisagem dentro da ciência e no âmbito da Geografia. Para isso, o esforço de organizar uma apresentação não se pautará em uma perspectiva cronológica, e sim em função de um recorte pautado em autores os quais propuseram contribuições, que, de certa maneira, acrescentaram no processo de discussão, formulação e ampliação do conceito de paisagem no âmbito da Geografia e nas demais áreas do conhecimento.

1.2. Paisagem e suas multiplicidades

A paisagem tem um caráter polissêmico, com múltiplas abordagens e dependente das influências culturais e discursivas. Essa elasticidade evidencia, na realidade, uma complexidade do conceito, em função de como ele foi abordado pelas diferentes áreas do conhecimento, bem como dentro da própria ciência geográfica¹⁴.

Para Ferreira, a concepção de paisagem nasce nos primórdios da materialização dos pensamentos humanos, por meio das pinturas rupestres, dotadas de significados afetivos e representações habituais do modo de vida dos seres humanos antepassados. O termo em si surge em meados do século XV com o poeta Jean Molinet. A partir desse ponto, sua construção como categoria de análise do “mundo” vem assimilando aspectos histórico-espaciais, ora objetivos, outrora subjetivos, de ordens estéticas e/ou afetivo-culturais¹⁵.

A paisagem deve ser compreendida como expressão humana “composta de muitas camadas de significados”, sobretudo relacionada às relações de poder, vinculadas às relações econômicas, de gênero, idade, religiosa etc. A paisagem, define-se como parte da construção cultural, deve ser o foco de estudo das relações entre a vida

¹⁴BRITTO, Monique Cristine de; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. **Paisagem e as diferentes abordagens geográficas**. *Revista de Geografia – PPGeo*, Juiz de Fora, v. 2, n.1.: UFJF, 2011.

¹⁵FERREIRA, Vanderlei de Oliveira. **A abordagem da paisagem no âmbito dos estudos ambientais integrados**. *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, dez- 2010, p. 187-208.

humana coletiva e suas relações com o mundo natural, bem como “os significados que as culturas atribuem para sua existência e para com as suas relações com o mundo natural”¹⁶.

Nesse contexto, a paisagem, para Berque, “é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura”¹⁷.

A paisagem, de acordo com Cosgrove, é simbólica, visto que são produtos da apropriação e transformação do ambiente pelo ser humano. A paisagem, para o autor, seria como um texto cultural, considerando suas diversas dimensões, o que possibilita diferentes e simultâneas interpretações¹⁸. Para Besse, “a paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, “selvagem”, numa primitividade que precede toda significação”¹⁹. A paisagem, assim, está intimamente ligada à cultura, às formas visíveis e às representações, aparecendo como um lugar simbólico, no qual a criação de uma unidade visual é determinada pela organização de significados.

Dessa forma, a paisagem é assim representada em tempo e espaço com diversas direções de intencionalidades, ações e significações. Logo, “a paisagem exige, para ser um corpo e carne, um olhar encarnado, um olhar vivo, em outras palavras, um ímpeto, uma intencionalidade presente e que atravessa o espaço que se abre entre o aqui e o distante”²⁰. Uma paisagem é um patrimônio quando se torna singular, uma vez que as suas qualidades são únicas. A singularidade pode derivar de duas referências: do apelo ao "solo", ou seja, à valorização do que se vê, é a paisagem em sentido mais estrito ou usual; e do apelo ao "passado", ou seja, a história única que fez o lugar²¹.

¹⁶ COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1988. p. 37.

¹⁷ BERQUE, Augustin. **Paisagem-Marca, Paisagem-Matiz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 84-85.

¹⁸ COSGROVE, Denis E. **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas de Teoria**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. 6º. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 108.

¹⁹ BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Trad. de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 80.

²⁰ BESSE, Jean-Marc. *Ibidem*, p. 92.

²¹ LAZZAROTTI, Olivier. **Tourisme et patrimoine: ad augusta per angustia**. *Annales de Géographie*. 2013. p. 91-110.

A fim de investigar a relação das sociedades com a terra ao longo do tempo, um dos propósitos tem sido descrever paisagens pretéritas, temporariamente sugeridas como o espaço físico percebido pelos olhos e representado, seja em documentos escritos, pinturas, mapas ou fotografias. No entanto, quando se observam as publicações dos últimos dez anos da História e também da Geografia, Antropologia e Arquitetura, o que é possível confirmar é que existem inúmeras noções de paisagens hoje empregadas por essas ciências²².

Os historiadores ambientais estão engajados em assuntos destacados internacionalmente sobre a relação das sociedades com a natureza. Alguns, com um claro projeto de conhecimento e de intervenção no território, procuram, a partir da noção de paisagem, “extrair formas de organização do espaço, estruturas, fluxos, tensões, direções, limites, centralidades e periferias”²³.

O destaque dado à paisagem e a assuntos associados como natureza, espaço, território e meio ambiente incidem num contexto histórico em que a preservação do planeta, de seus recursos e de suas paisagens consideradas significativas é parte de uma agenda global que encobre e descobre realidades²⁴.

Para a ecologia histórica, por exemplo, a paisagem é abordada como a manifestação material das relações entre os seres humanos e o meio ambiente. Sob essa perspectiva, corrobora-se que as relações realizadas entre seres humanos e ambiente são dialeticamente interativas²⁵. De acordo com a ecologia da paisagem, a paisagem é representada como um mosaico de ecossistemas locais e diferentes usos do solo, que é repetido, com forma similar, numa vasta área. Ou seja, consideram-se apenas os aspectos ecológicos da paisagem²⁶.

²² CORRÊA, Dora Shellard. **História ambiental e paisagem**. HALAC: v. II, n.1. p. 47-69. Belo Horizonte, 2013.

²³ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad. de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 65.

²⁴ COUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 152p.

²⁵ SOLÓRZANO, Alexandro; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; GUEDES-BRUNI, Rejan Rodrigues. **Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem**. *Ambiente & Sociedade*, v. XII, n.1. p. 49-66. 2009.

²⁶ *Idem*, p.49-66.

1.3. A Paisagem no âmbito da ciência geográfica

A discussão do conceito de paisagem é um tema antigo na Geografia. Desde o século XIX, a paisagem vem sendo debatida para se entenderem as relações sociais e naturais em um determinado espaço. No âmbito da Geografia, a interpretação do que é uma paisagem diverge dentro das múltiplas abordagens geográficas. Observa-se que existem certas tendências “nacionais” mostrando que o entendimento do conceito está amarrado às influências culturais e discursivas entre os geógrafos²⁷.

Segundo Suertegaray, em seu relato explicativo sobre as gêneses do conceito no seio da ciência geográfica, foi na “perspectiva clássica que os geógrafos perceberam a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito. Para muitos, o limite da paisagem atrelava-se à possibilidade do visual”²⁸.

Schier, ao produzir um contexto histórico epistemológico do conceito de paisagem em consonância com o desenvolvimento da Geografia, aponta que o conceito de *landschaft* estava atrelado ao positivismo descritivo comteano e introduzido no discurso da escola alemã, onde o tinha como uma categoria científica com foco no conjunto de fatores naturais e humanos agrupados em unidades espaciais²⁹.

Para Caseti, o conceito de paisagem aparece, com maior força, na Geografia na segunda metade do século XIX, com os geógrafos físicos alemães, que empregavam o termo *Landschaft*. E, a partir do século XX, o termo passa a ser utilizado de forma comum entre os geógrafos alemães para apontar aspectos concretos da realidade geográfica, ou seja, se torna um conceito de uso alusivo aos mosaicos das feições naturais visíveis³⁰.

A paisagem, para Suertegaray, é percebida como “[...] um conceito operacional, ou seja, nos permite analisar o espaço geográfico sob a dimensão, qual seja a da conjunção de elementos naturais/tecnificados, sócio-econômicos e culturais”³¹.

²⁷ SCHIER, Raul Alfredo. **Trajelórias do conceito de paisagem na Geografia**. *RA'EGA*, Curitiba, n. 7, p. 79-85, Editora UFPR, 2003.

²⁸ SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Notas sobre Epistemologia da Geografia**. *Cadernos Geográficos*. nº12. UFSC, 2005. p. 50.

²⁹ SCHIER, Raul Alfredo. *Op. Cit.* p. 79-85.

³⁰ CASSETI, Valter. **Geomorfologia**. [S.l.], 2005. Disponível em: <<http://www.funape.org.br/geomorfologia/>>. Acesso em 20 de abril de 2017.

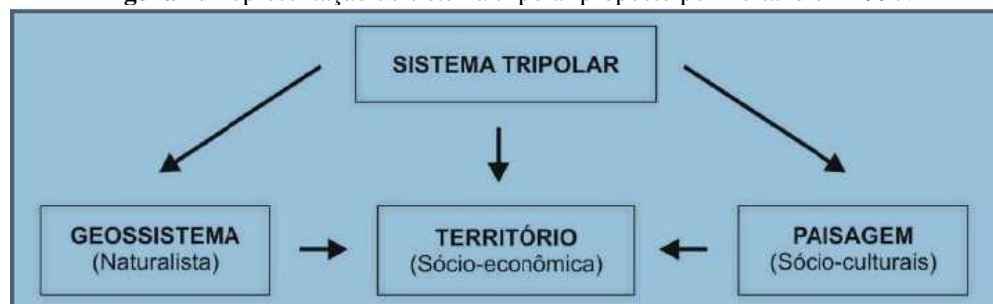
³¹ SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. *Op. Cit.* p.51.

Nas percepções de Maximiano, a paisagem está atrelada a uma escala espaço-temporal dinâmica das relações antrópicas e naturais, em um determinado espaço. Espaço este verificado pelo grau de abordagem dada por um observador, o qual verá a paisagem fragmentada, mas não dissociada entre si, ou seja, “a Paisagem não é o mesmo que espaço geográfico, mas pode ser compreendida como uma manifestação deste [...]”, ela “[...] poderia ser entendida como uma medida multidimensional de compreensão de um lugar”³².

Desse modo, a paisagem não deve ser alcançada como a simples adição de elementos geográficos disparados, mas sim, como um resultado das combinações dinâmicas de elementos físicos, biológicos e de interação social que reagem dialeticamente uns sobre os outros e que fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução³³.

Bertrand amplia a discussão de paisagem com o conceito de GTP (Geossistema, Território e Paisagem), que pode ser abarcado pelas três vias interdependentes que trabalham cientificamente na constituição do espaço geográfico, tendo como instância epistemológica e metodológica a inquietação de conservar a complexidade e a diversidade do ambiente, na tentativa de auxiliar na superação da ruptura entre sociedade e natureza. (Figura 1).

Figura 1: Representação do sistema tripolar proposto por Bertrand em 1997.



Fonte: BERTRAND, 2007.³⁴

O sistema tripolar GTP é uma representação que pretende conduzir as ciências à compreensão do funcionamento das unidades de paisagem, em seu todo naturalista/social/cultural. À medida que os estudos sobre a sustentabilidade vão

³² MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o Conceito de Paisagem**. Revista. *RA'EGA*. Curitiba, n. 8. Editora UFPR, 2004. p. 83-91.

³³ BERTRAND, George. **Paisagem e Geografia física global: esboço metodológico**. Cadernos de Ciências da Terra, São Paulo: IGEOG/USP, n. 13, 1971. (Tradução de Olga Cruz), 27p.

³⁴ BERTRAND, George. **Paisagem e Geografia física global: esboço metodológico**. Cadernos de Ciências da Terra, São Paulo: IGEOG/USP, n. 13, 1971. (Tradução de Olga Cruz), 27p.

adotando outras formas, tal metodologia de estudo também necessita ter sua flexibilidade. Isso porque todo sistema natural e humano tem uma dinâmica não só espacial, mas também temporal, uma evolução que contém períodos mais estagnados e outros mais dinâmicos.³⁵

Para Corrêa, é na Geografia Tradicional (1870-1950) que o conceito de paisagem é privilegiado, o de região, girando em torno deles a discussão sobre o objeto da Geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências. Nesse período, os debates incluíam os conceitos de paisagem, região natural e região paisagem, assim como os de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas³⁶.

A Geografia alemã adentrou-se no conceito da paisagem como categoria científica e o incluiu, até os anos 1940, como um conjunto de fatores naturais e humanos. Os autores franceses, sob influência de Paul Vidal de La Blache e Jean Rochefort, caracterizaram a *paysage* (ou o *pays*) como o relacionamento do homem com o seu espaço físico³⁷.

A revolução quantitativa, iniciada na década 1940, nos Estados Unidos, substituiu o termo *landscape*, que estava, até então, em uso nesse país sob influência da geografia alemã, pela ideia da “região” (Richard Hartshorne), sendo essa um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana. Paralelamente, surgiu na Alemanha e no Leste Europeu uma opinião mais holística que definiu as unidades da paisagem pelo conjunto dos seus processos ecológicos.

Pode-se inferir que o conceito de paisagem foi originalmente ligado ao positivismo, na escola alemã, numa forma mais estática, onde se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais e, numa forma mais dinâmica, na geografia francesa, onde o caráter processual é mais importante. Ambas tratam a paisagem como uma face material do mundo, onde se imprimam as atividades humanas.

A abordagem neopositivista direcionou-se para o termo região tentando dar enfoque ao processo de abstração da realidade física, conforme a sua metodologia quantitativa. A abordagem marxista (materialista), pouco interessada na geograficidade

³⁵PISSINATI, Mariza Cleonice; ARCHELA, Rosely Sampaio. **Geossistema território e paisagem - método de estudo da paisagem rural sob a ótica bertrandiana**. *Geografia(Londrina)*. Londrina, v.18, n.1, p.8. UEL, 2009.

³⁶ CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa Gomes e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p.17-19.

³⁷ SCHIER, Raul Alfredo. **Trajatórias do conceito de paisagem na Geografia**. *RA'E GA*, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

da paisagem, identificou-se com o termo região, o qual define como um produto territorial da ação entre capital e trabalho. As abordagens da ecologia humana, entretanto, beneficiam-se da ideia da paisagem ao demonstrar suas características sistêmicas, reunindo diversas categorias no mesmo recorte espacial³⁸.

Correntes contemporâneas da Geografia tendem a não mais distinguir paisagem natural e cultural. No entanto, ao ver a natureza como produto da ação humana, não somente como meio onde os homens atuam, percebem a paisagem como um contínuo.

1.4. Paisagem-Território

A partir do exposto sobre o conceito de paisagem, o presente trabalho compreende esse conceito como sendo determinado por um território caracterizado por marcos que, com base na acepção da língua portuguesa, pode assinalar o lugar natal, o rincão, o povoado, sugerido sempre com estreita relação com o território, delimitado de forma mais ou menos precisa³⁹.

A paisagem é apreendida como o espaço físico, transformada a partir de um projeto político, expresso também numa imagem, no que se quer visualizar. É o resultado de uma ação política. Não há uma interferência do subjetivo, deformando o visualizado, mas há prática de se dar forma particular ao espaço físico⁴⁰.

As transformações impingidas pela sociedade sobre a paisagem exigem mudanças importantes nos conceitos e métodos de análise geográfica que atuem na compreensão da realidade múltipla e complexa.

Nesse contexto das dinâmicas que caracterizam a paisagem contemporânea, o conceito de paisagem, em função da sua polissemia, se caracteriza como um dos mais disseminados e controversos da Geografia, vinculado à ideia de observação do meio e apreciação estética do mundo, apresenta formulações teóricas justapostas em disciplinas como Geografia, História e Arquitetura, assim como concepções vinculadas às diversas expressões artísticas e ações patrimoniais.

³⁸ SCHIER, Raul Alfredo. *Ibidem*, p. 79-85, 2003.

³⁹ VENTURI, Luis Antonio Bittar. **Ensaio geográficos**. São Paulo: Humanitas, 2008. 200 p.

⁴⁰ GONZÁLEZ, Juan Manuel. **Uma aproximación al estudio de la transformación ecológica del paisaje rural colombiano: 1850-1990**. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/46808/18/9587010760.capitulo2.pdf>>. Acesso em 01 de Junho de 2017.

Segundo Suertegaray⁴¹, a paisagem é um conceito operacional, ou seja, permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais. Ao optar-se pela análise geográfica a partir do conceito de paisagem, pode-se concebê-la enquanto forma (formação) e funcionalidade (organização), não necessariamente entendendo forma–funcionalidade como uma relação de causa e efeito, mas percebendo-a como um processo de constituição e reconstituição de formas na sua conjugação com a dinâmica social.

Nesse sentido, a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela coexistirão elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta. Logo, se a paisagem resulta do produto da coexistência de elementos naturais e ações sociais, essa perspectiva aproxima o conceito de paisagem ao de território, que, segundo Damatteis⁴², vem apresentando uma preocupação recente na Geografia de uma conceituação que leve em consideração a ação do ser humano em sociedade, promotor de transformações sobre a natureza.

Saquet corrobora tal ideia quando afirma que, nesse sentido, o território é colocado como conteúdo, meio e processo das relações sociais (alteridade) e das relações de exterioridade (homem-natureza), tela em que se desenvolve o tempo histórico e o tempo das simultaneidades⁴³.

Com base no exposto, a Serra do Brigadeiro pode ser compreendida através do conceito Paisagem-Território, uma vez que a área em questão é um palco de disputas que buscam, em um primeiro momento, proteger os elementos da natureza através da criação de um Parque Estadual que, por definição, segundo a legislação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), é uma unidade de proteção integral que, por princípio, exclui a presença humana. Em contrapartida, em outro momento, se torna um polo de investimentos do próprio poder público federal, que promove a

⁴¹ SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço uno e múltiplo**. *Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidade de Barcelona, Barcelona, n. 93, 2001.

⁴² DEMATTEIS, Giuseppe. **O Território: Uma Oportunidade para Repensar a Geografia**. In: SAQUET, Marcos A. (org.). **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, p. 7-11, 2007.

⁴³ SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

política pública de territórios rurais⁴⁴ como uma estratégia para que se possam integrar os espaços rurais, visando aos aspectos sociais, econômicos e políticos.

Tal fato demonstra a disputa de interesses entre os agentes sociais sobre a mesma unidade de paisagem da Serra do Brigadeiro, palco de conflito entre agricultores e a Unidade de Conservação, representada pelos agentes de fiscalização do IEF-MG.

O conceito de paisagem-território cunhado parte do pressuposto de que a paisagem observada do Parque Estadual Serra do Brigadeiro e seu entorno é pautada em vários discursos políticos e adaptada a múltiplos atores que, de alguma forma, se apropriam de uma paisagem Geobiofísica. A partir daí, busca-se entender as tensões e conflitos entre os agentes envolvidos na implantação do Parque Estadual Serra Brigadeiro (1996) até o momento atual, bem como compreender a importância da população do entorno para preservação de fragmentos da Mata Atlântica.

O termo paisagem-território adotado considera o PESB como uma paisagem, muitas vezes, invisível, porém em constante disputa de poder e sujeita a inúmeros conflitos. O Quadro 1 indica alguns conflitos identificados pela pesquisa de Fonseca, que estuda os conflitos ambientais na Zona da Mata de Minas Gerais.

A partir de sua análise, pode-se inferir que a paisagem do Parque se constitui como um ambiente em disputa com diversos atores sociais envolvidos, seja para a manutenção e preservação da natureza ou, também, em prol do desenvolvimento econômico e constante destruição do meio ambiente.

⁴⁴ Esse conceito não se aproxima das ideias de Raffestin (1993), uma vez que este é um instrumento de abordagem territorial em um âmbito nos processos de desenvolvimento rural sustentável que é fundamental para a concepção de planejamento de tal espaço, assim como instrumento de descentralização e de autogestão das políticas públicas. RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

Quadro 1: Conflitos ambientais: atores, causas e desdobramentos na Zona da Mata-MG

Tipos de Conflitos	Descrição do Conflito	Atores Sociais envolvidos	Municípios
Atividades Industriais	Os atingidos pela ruptura na barragem de contenção de rejeitos da empresa Rio Pomba Cataguases Ltda, durante os anos de 2006 e 2007, lutam pelo ressarcimento dos prejuízos sofridos.	Sindicatos; Fundação Oswaldo Cruz; Estado; Trabalhadores rurais; Moradores de Miraiá.	Miraiá Muriaé Patrocínio do Muriaé
Atividades Agroindustriais/ Atividade Agrícola/ Pecuária/ Florestal	Em 2007, moradores do entorno de indústrias alimentícias de Muriaé, denunciam ao MPE que essas empresas provocavam poluição de córregos, várzeas e nascentes da região e emitiam poluentes atmosféricos.	Estado; Empresa de laticínios Mata Indústria e Comércio Ltda; Empresa Laticínios Fapau Ltda; moradores do entorno das empresas de laticínios.	Muriaé
Atividades Industriais Áreas protegidas Atividade Agroindustriais/ Agrícola/ Pecuária/ Florestal	Conflitos entre empresas de mineração de bauxita (Companhia Brasileira de Alumínio, Mineração Rio Pomba, Mineração Curimbaba e MMX-Anglo Ferrous), a administração do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e agricultores da região.	Parque Estadual da Serra do Brigadeiro; Igreja Católica; ONGs; Companhia Brasileira de Alumínio; movimentos sociais; Estado; Índios Puris; pequenos agricultores e trabalhadores rurais; MMX (Anglo Ferrous); Sindicatos; Votorantim.	Araponga Divino Ervália Fervedouro Jequeri Miradouro Muriaé Orizânia Pedra Bonita Rosário da Limeira Sericita
Áreas protegidas	Conflitos fundiários entre pequenos agricultores e o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB). A luta dos pequenos agricultores levou à redução da cota altimétrica inicialmente proposta para demarcação dos limites do PESB. Contudo, permanecem conflitos relativos a indenizações e averbação de Reserva Legal.	ONGs; Parque Estadual da Serra do Brigadeiro; Estado; Sindicatos; pequenos agricultores.	Araponga Divino Ervália Fervedouro Jequeri Miradouro Muriaé Pedra Bonita Sericita
Infraestrutura	A comunidade luta contra a construção da UHE Barra do Braúna, pois não poderia ser concedida a Licença de Operação perante a existência de pendências sociais, sobretudo atingidos sem a respectiva prévia e justa indenização garantida na Constituição Federal e ausência de implementação de programas efetivos e participativos de reativação econômica das pessoas atingidas pela barragem.	Barra do Braúna Energética S/A; Estado; Universidade Federal de Viçosa (UFV); ONGs.	Muriaé, Laranjal Recreio, Leopoldina Cataguases
Áreas Protegidas	Exploração de bauxita no entorno do Parque Serra do Brigadeiro preocupa comunidades e produtores rurais.	Companhia Brasileira de Alumínio; Comunidades do entorno da Serra do Brigadeiro; Estado; Igreja católica; movimentos sociais.	Rosário de Limeira/ Muriaé/Miraiá

Fonte: FONSECA, 2012.⁴⁵

⁴⁵ FONSECA, Bruno Costa da; OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de; SOUSA, Dayane Rouse Neves de. **Conflitos ambientais: atores, causas e desdobramentos na zona da mata mineira.** *Caminhos de Geografia – Revista online*. v. 13, n. 42, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/> Acesso em 27 de Setembro de 2016. p. 292-294 (grifos nossos). (Adaptada).

Capítulo 2: O Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC): Patrimônio, Paisagem e Conflitos Ambientais

2.1. Introdução

O capítulo a seguir tem como objetivo discutir a criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e sua relevância na conservação e preservação das áreas protegidas no território brasileiro.

2.2. Unidades de Conservação

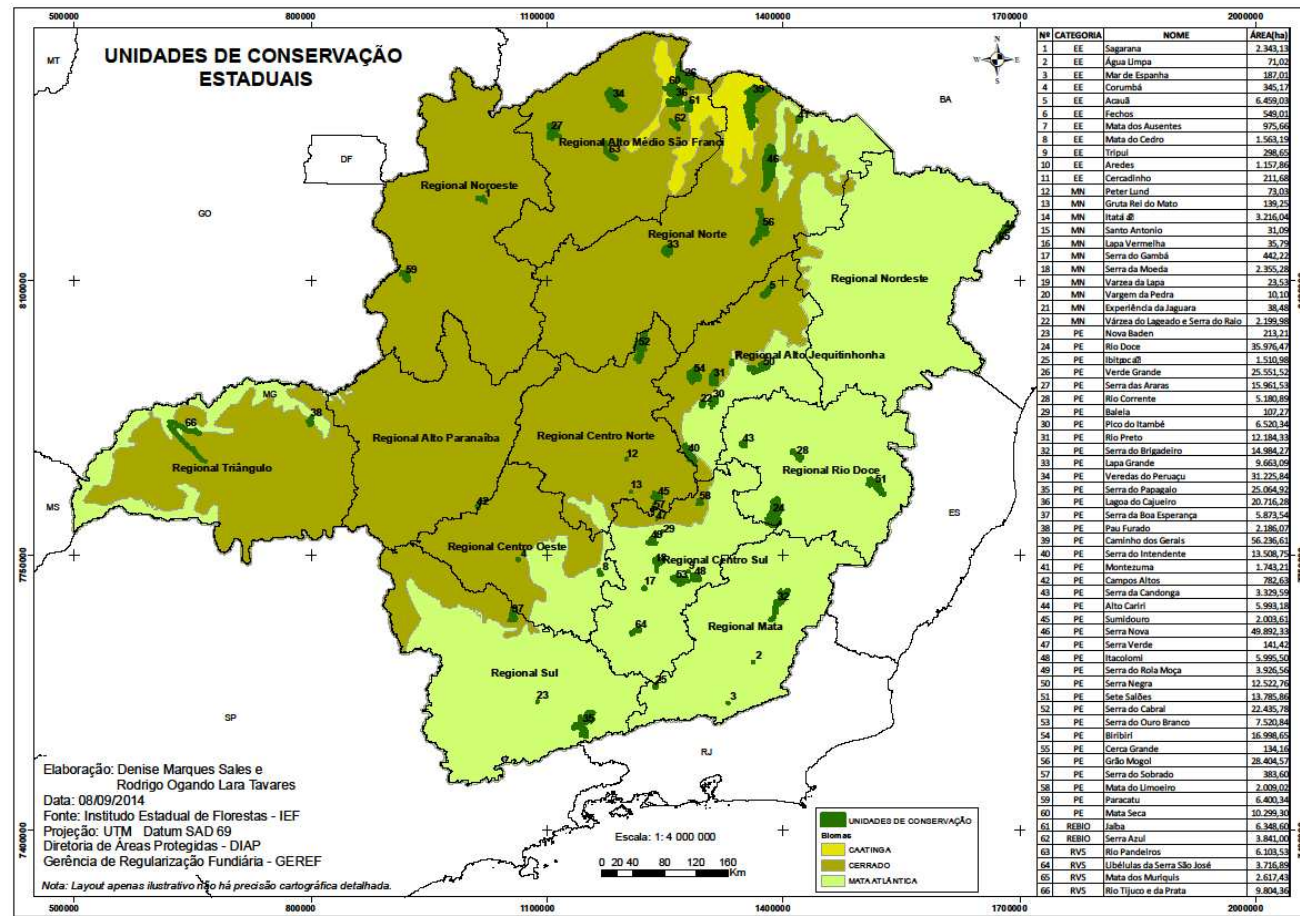
O termo Unidades de Conservação (UC's) é definido como espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídas pelo Poder Público, com objetivos de conservar e apresentar limites definidos, com regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. Elas se classificam em unidades de proteção integral e unidades de proteção de uso sustentável⁴⁶. A Figura 2 indica as principais UC's estaduais de Minas Gerais.

Desde 1934, com a criação da Floresta Nacional de Lorena (SP), as unidades de conservação realizam a proteção do patrimônio ambiental do Brasil. As áreas abrangidas por UC's têm aumentado desde então, sobretudo nos últimos anos, resultando em quase 1,5 milhões de km², ou 16,6% do território continental brasileiro e 1,5% do território marinho, dedicados para a conservação da biodiversidade, preservação de paisagens naturais com notável beleza cênica, uso sustentável dos recursos naturais e valorização da diversidade cultural brasileira⁴⁷.

⁴⁶ Art. 2º da Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000.

⁴⁷ MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**, 2011. p.4.

Figura 2: Unidades de Conservação do estado de Minas Gerais segundo regiões IEF



Fonte: IEF, 2016.⁴⁸

⁴⁸ INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Unidades de Conservação do estado de Minas Gerais segundo regiões IEF.** (Figura 2). Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/noticias/1/1874-13-regionais-xyz>>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

O Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC) é constituído por UC's federais, estaduais e municipais, tendo como objetivo manter a diversidade biológica, proteger as espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional, preservar e restaurar ecossistemas, promover o desenvolvimento sustentável, utilizar princípios e práticas da conservação da natureza, proteger paisagens naturais pouco alteradas e de notável beleza cênica, recuperar ou restaurar ecossistemas degradados, incentivar a pesquisa científica e o monitoramento ambiental e promover a educação e interpretação ambiental, valorizar a diversidade biológica, favorecer e promover educação, interpretação ambiental e o turismo ecológico e proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações. As Unidades de Conservação são divididas em dois grupos, expostos no Quadro 2.

Quadro 2: Categorias das Unidades de Conservação, segundo SNUC

Unidades de Conservação	
Unidades de Proteção Integral	Unidades de Uso Sustentável
Estação Ecológica	Área de Proteção Ambiental
Reserva Biológica	Área de Relevante Interesse Ecológico
Parque Nacional	Floresta Nacional
Monumento Natural	Reserva Extrativista
Refúgio de Vida Silvestre	Reserva de Fauna
	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
	Reserva Particular do Patrimônio Natural

Fonte: BRASIL/MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2011.

As UC's são a garantia de que parcela do nosso patrimônio natural será protegida diante da ameaça de desaparecimento, devido ao inadequado uso dos recursos naturais⁴⁹. Na presente pesquisa, será realizada uma análise da UC “Parque” e da sua importância na preservação da natureza.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a Revolução Industrial pode ser apontada como um marco nos fundamentos da criação de UC's, principalmente para a categoria Parques Nacionais. Esse processo de transformações econômicas e sociais teve início no final do século XIX e se solidificou durante o século XX, no momento em

⁴⁹ MILANO, Miguel Serediuk. **Mitos no manejo de unidades de conservação no Brasil, ou a verdadeira ameaça.** II CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, Anais... Dourados/MS. v. 1. 2000. p.11-25.

que os países industrializados começam a reagir frente às rápidas mudanças da paisagem natural⁵⁰.

De acordo com Quaresma, a expressão contemporânea Parque Nacional (PN) foi descrita em 1872 por George Catlin, ao defender a necessidade da criação do primeiro PN, o de Yellowstone, nos Estados Unidos. Entretanto, o que caracteriza a criação de Parques no mundo todo é o fato de que suas criações geralmente são permeadas por conflitos de todas as ordens e encontram-se ameaçados por vários fatores, que incluem tanto as comunidades locais, o grande público e os investimentos privados⁵¹.

O primeiro parque nacional criado no Brasil foi o de Itatiaia. A proposta foi feita, inicialmente, pelo botânico Alberto Lofgren que, em 1913, solicitou ao Ministério da Agricultura a criação de um parque nacional no maciço do Itatiaia com o propósito de pesquisa e lazer para as populações dos centros urbanos. O Parque Nacional de Itatiaia foi criado através do Decreto nº 1.713, emitido em 14 de junho de 1937 por Getúlio Vargas, a partir da Estação Biológica de Itatiaia. A criação dos parques nacionais foi estabelecida pelo artigo 9º do código florestal, aprovado em 1934, que definiu parques nacionais como monumentos públicos naturais que perpetuam, em sua composição florística primitiva, trechos do país que, por circunstâncias peculiares, o mereçam⁵².

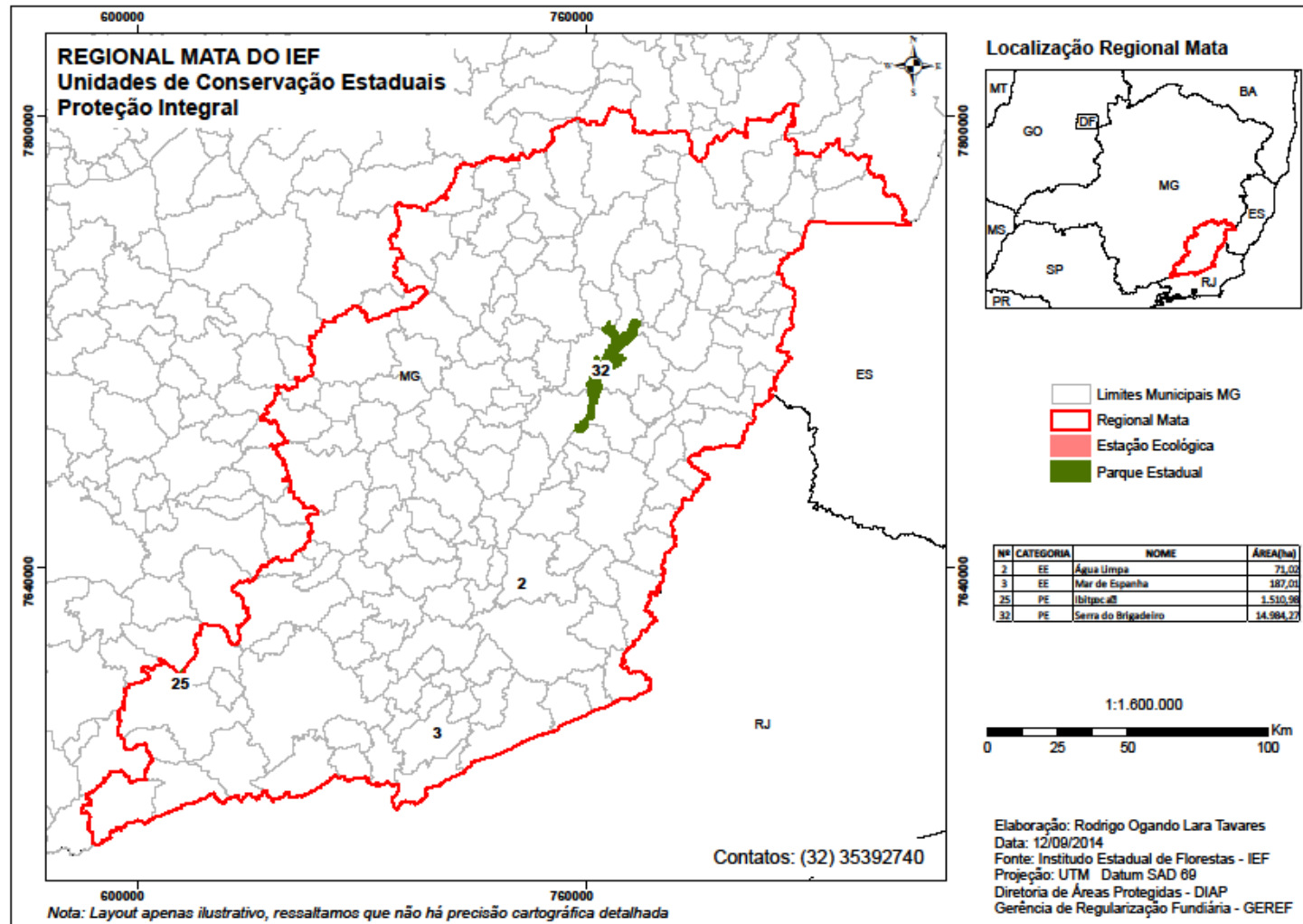
Amparada no SNUC, a criação da lei do Sistema Estadual de Unidades de Conservação (SEUC-MG) representou um papel fundamental dentro da política nacional de áreas protegidas de Minas Gerais. O Parque Estadual Serra do Brigadeiro é um exemplo de parques brasileiros incorporados no SEUC. Os Parques Estaduais, embora sejam Unidades de Proteção Integral, são as áreas abertas à ação humana, contemplando atividades voltadas para educação ambiental, pesquisa científica, turismo ecológico e divulgação. A Figura 3 indica a localização do Parque Estadual Serra do Brigadeiro dentro do estado de Minas Gerais, na Zona da Mata mineira.

⁵⁰ QUARESMA, Helena Doris de Almeida Barbosa. **O turismo em áreas de fronteira: alternativa para gestão de parques nacionais?** SEMINÁRIO INTERNACIONAL - AMAZÔNIA E FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO. Belém, 9 a 11 de outubro de 2008, UFPA. p. 6.

⁵¹ *Idem*, p. 6.

⁵² BRASIL. **Decreto nº 23.793. Aprova o Código Florestal.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro, 1934. p. 25.

Figura 3: Localização Geográfica do Parque Estadual Serra do Brigadeiro



Fonte: Instituto Estadual de Florestas- IEF/MG, [s.d.].

De acordo com o Instituto Estadual de Florestas (IEF), o estado de Minas Gerais abriga 39 parques estaduais, distribuídos em três tipos de vegetação encontradas no estado (Caatinga, Mata Atlântica e Cerrado), enquadrados no grupo de proteção integral, permitindo apenas o uso indireto dos recursos naturais. Dentre eles, apenas 11 apresentam infraestrutura para receber visitação, estando sujeitos às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo IEF e àquelas previstas no regulamento da unidade⁵³. O Quadro 3 indica as unidades de conservação do estado de Minas Gerais.

Quadro 3: Unidades de Conservação - MG

PROTEÇÃO INTEGRAL		
UC's	Quantidade	Área (ha)
Estação Ecológica	11	12.504,02
Reserva Biológica	02	10.050,94
Parque Estadual	39	50.4898,7436
Monumento Natural	14	16.529
Refúgio de Vida Silvestre	06	25.609,17
Total	72	569.591,87
USO SUSTENTÁVEL		
UC's	Quantidade	Área (ha)
Área de Proteção Ambiental	16	1.749.520
Floresta Estadual	2	4.538,87
Reserva de Desenvolvimento Sustentável	1	60.975,31
Total	19	1.815.034,18
Total Geral (Proteção Integral + Uso Sustentável) exceto RPPN e APE	91	2.384.626,05
RPPN	187	91.138,76
Área de Proteção Especial	25	-
Total Geral	303	2.475.809,81

Fonte: IEF.⁵⁴

Em Minas Gerais, a primeira área protegida foi o Parque Estadual do Rio Doce, criado em 1944, para proteger remanescentes de Mata Atlântica. O IEF é responsável pela administração das unidades de conservação mineiras. Existem ainda, no estado, Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), de propriedade e responsabilidade de pessoas, empresas ou organizações particulares, que se comprometeram a zelar pela integridade de suas áreas e a administrá-las, além de Estações Ecológicas, Reservas

⁵³ INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. IEF. Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/>>. Acesso em 21 de setembro de 2016.

⁵⁴ *Idem*.

Biológicas, Monumentos Naturais, Refúgios de Vida Silvestre, Áreas de Proteção Ambiental, Florestas Estaduais e Reservas de Desenvolvimento Sustentável⁵⁵.

2.3. Unidades de Conservação: Paisagem e/ou Patrimônio Natural

O surgimento da noção de patrimônio natural é um fator fundamentalmente contemporâneo, uma vez que, apenas na década de 1970, sob o comando da UNESCO, esse se consagrou internacionalmente. Entretanto, a sua origem é anterior, pois o patrimônio natural surge da preocupação com o monumento que, de início, aparece como histórico e artístico, para depois se conformar também como monumento natural⁵⁶.

Para Pelegrini, a concepção *wilderness* (ou mundo selvagem), criada no século XIX, beneficiou a criação de parques e estações ecológicas americanas, tendo em vista uma concepção de incompatibilidade entre a existência humana e a conservação da natureza, o que levou à defesa do uso restrito ou supressão total das áreas de proteção ambiental. Entretanto, no século XXI, o reconhecimento das populações tradicionais e do possível subsídio para conservar e manter a diversidade biológica marcaram o surgimento de um ecologismo diferente do que surgiu nos países industrializados e que corroborava com o mito da “natureza intocada” dois séculos anteriores. A autora afirma que:

A aceção do “equilíbrio dos ecossistemas” e do “novo naturalismo”, manifestos por meio de movimentos sociais, primou pela diversidade cultural e pela união entre o homem e a natureza de modo a garantir a gestão democrática dos espaços territoriais e o adequado manejo das áreas de proteção ambiental⁵⁷.

É notório perceber duas direções na aceção da construção de patrimônio natural: a primeira concebe o plano mundial, que se firmou com grandiosidade e beleza

⁵⁵ INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. **Guia Parques Estaduais de Minas Gerais**. Disponível em: <<http://conservacao.mpambiental.org/wp-content/uploads/2015/03/Guia-ParquesEstaduaisdeMG.pdf>>. Acesso em 21 de setembro de 2016.

⁵⁶ SCIFONI, Simone. **A construção do patrimônio natural**. São Paulo, 2006. 294f. Tese (Doutorado, em Geografia) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 27.

⁵⁷ PELEGRINI, Sandra Cássia Araújo. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.26, n.51. 2006. p.118.

e, nesse caso, advém da ideia de monumentalidade com preocupação principalmente com a estética. Demanda, também, algo intocável, ou seja, os grandes testemunhos naturais que foram poupados da intervenção humana. Já a segunda, apareceu no Brasil a partir de algumas experiências regionais, visto que o patrimônio natural passou a ser entendido como aquisição da sociedade, voltado para as práticas sociais e a memória coletiva. Assim, é possível afirmar que o patrimônio natural faz parte da vida humana⁵⁸.

Scifoni certifica que o patrimônio natural não concebe somente testemunhos de uma vegetação nativa, intocada ou ecossistemas pouco transformados pelo homem. A partir do momento em que faz parte da memória social, ele incorpora, especialmente, paisagens que são objeto de uma ação cultural, na qual a vida humana se produz e reproduz⁵⁹.

Pelegrini sugere que, quando unimos o patrimônio natural ao conceito de paisagem, incorporamos as relações do homem com o meio e, além disso, aponta que os “modos” ou “gêneros” do viver humano produzem “paisagens culturais”⁶⁰. O conceito de paisagem cultural incorpora vários aspectos e várias abordagens no campo da preservação do patrimônio, considerando sua interdisciplinaridade e a necessidade de superação da fragmentação ainda exercitada⁶¹.

A partir de uma concepção mais dilatada e integradora entre a ação do homem e a natureza e entre os patrimônios material e imaterial, adotar a paisagem como patrimônio sugere, ao passo que aceita o constante movimento e as relações intrínsecas e inseparáveis entre conceitos e abordagens da história, da sociologia, da antropologia, da memória, da arte, da cultura, da ecologia e suas correspondências no meio físico, seja nas edificações, nos objetos ou nos territórios urbano, rural ou natural⁶².

A paisagem se torna um patrimônio a partir do momento em que é singular, ou seja, suas qualidades são únicas. Essa singularidade pode decorrer de duas referências:

⁵⁸ SCIFONI, Simone. *Op. Cit.* p. 27.

⁵⁹ SCIFONI, Simone. *Op. Cit.* p. 16.

⁶⁰ PELEGRINI, Sandra Cássia Araújo. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental.** *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v.26, n.51, p.118. 2006.

⁶¹ FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. **O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções?** *Paisagem e Ambiente: ensaios.* São Paulo, n. 32, p.86. 2013.

⁶² *Idem.* p. 86-87.

do apelo ao "solo", à valorização do que se refere à paisagem em sentido mais estrito e usual do apelo ao "passado" e à história única que fez o lugar⁶³.

Para Ribeiro, o interesse na paisagem como bem patrimonial já existia quando foi institucionalizada, em 1937, a preservação do patrimônio no Brasil, assim como exposto na criação do livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Ao longo do tempo, várias transformações na prática de preservação dos bens culturais foram feitas, assim como as maneiras de compreender a paisagem, sua valorização e transformação ao longo do tempo⁶⁴.

A denominação Paisagem Cultural⁶⁵ é instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro, difundido em 2009 pelo IPHAN. Segundo a Portaria nº 127/2009 do IPHAN, que regulamenta essa chancela, a Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana produziram marcas ou conferiram valores⁶⁶.

Foi a partir da adoção da categoria de paisagem cultural que o IPHAN consegue responder à atual complexidade da sociedade, que necessita de um conjunto maior de instrumentos urbanísticos, ambientais e jurídicos para proteção do patrimônio, uma vez que aponta as possibilidades para uma gestão do território condescendido entre os agentes da esfera pública e privada. A prática brasileira fica assim atualizada ao movimento internacional que, em 1992, em complemento à Convenção da UNESCO para o patrimônio mundial assinada em 1972, adota a paisagem cultural como conceito essencial para enfrentar os desafios do mundo moderno⁶⁷.

⁶³ LAZZAROTTI, Olivier. **Tourisme et patrimoine: ad augusta per angustia**. *Annales de Géographie*. 2003. p. 91-110.

⁶⁴ RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio** – Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. p. 7.

⁶⁵ As paisagens culturais são bens culturais e representam as “obras conjugadas do homem e da natureza” a que se refere o artigo 1º da Convenção. Ilustram a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas. UNESCO, 2008, p. 22-23.

⁶⁶ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria nº 127 de 30 de Abril de 2009 - Chancela da Paisagem Cultural**. Brasília: 2009. p. 13.

⁶⁷ RIBEIRO, Rafael Winter. *Op. Cit.* p.7.

2.4. Conflitos Ambientais em Unidades de Conservação

De acordo com Viégas, debater o conceito de conflito, artifício que ocupa lugar ativo nas mais diferentes teorias sociológicas, clássicas e contemporâneas, sugere também discutir as oposições paradigmáticas aí presentes, como integração e ruptura, consenso e dissenso, estabilidade e mudança, noções essas que satisfazem a percepções diferentes de sociedade e de produção do conhecimento⁶⁸.

Ao analisar os conflitos, Simmel aponta-os como forma de interação social que são capazes de transformar unidades e organizações⁶⁹. Para Nascimento, o conflito aparece como uma forma de resolver os problemas para obtenção de algum tipo de unidade, ou seja, o lado positivo e o negativo estão constantemente integrados⁷⁰.

Existem várias abordagens dos conflitos, sendo que essas abordagens vêm mudando constantemente, deixando que cada pesquisador opte por aquela que melhor atenda à sua demanda. Segundo Theodoro, Cordeiro e Beke, a partir de meados do século XX, o percurso da humanidade foi marcado por períodos de grandes crises. Entretanto, foi no final do século XX e início do XXI que aconteceram as maiores crises sociais, econômicas e ambientais, o que levou ao surgimento de conflitos ambientais⁷¹.

Os conflitos ambientais, de acordo com Brito, estão sempre presentes no ato de gerir e manejar os recursos naturais. No Brasil, esses conflitos surgem em todos os aspectos da gestão ambiental, principalmente na gestão de Unidades de Conservação (UC's), tipologia adotada para as áreas protegidas⁷². Os conflitos ambientais ganharam evidência no país quando acontece o antagonismo entre meio ambiente e desenvolvimento econômico. Ao mesmo tempo, a partir das últimas décadas do século XX, alastrou-se um modelo de desenvolvimento predador por quase todos os países do mundo, culminando em graves consequências ambientais e sociais. Em contrapartida, as

⁶⁸ VIÉGAS, Rodrigo Nuñez. **Conflitos ambientais e lutas materiais e simbólicas**. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 19, p. 145-157, jan./jun. 2009. Editora UFPR. p. 147.

⁶⁹ SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

⁷⁰ NASCIMENTO, Daniel Trento. **O papel dos conflitos socioambientais e de fenômenos climáticos extremos no fortalecimento da gestão ambiental municipal no sul catarinense**. 2010. 325f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

⁷¹ THEODORO, Suzi Huff; CORDEIRO, Pamora Figueredo; BEKE, Zeke. **Gestão ambiental: uma prática para mediar conflitos socioambientais**. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd25/theodoro.pdf>> Acesso em 04 de janeiro de 2016. p. 2.

⁷² BRITO, Daguiete Maria Chaves. **Conflitos em Unidades de Conservação**. *PRACOS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, UNIFAP. n.1, dez 2008. p.1.

questões ambientais ganham um grande impulso nas discussões acadêmicas, uma vez que os problemas ambientais deixam de ser embeate de ‘amantes da natureza’ para um problema de toda a sociedade.

Os parques, usualmente, atendem aos anseios de atores sociais ligados ao turismo, o que, sem dúvida, acirra ainda mais os conflitos, pois, de um lado excluem-se comunidades que estiveram enraizadas a essas áreas, usando e ajudando a proteger os recursos naturais, e, por outro, gerando lucros para aqueles atores que dispõem de poder político e econômico, numa visão mercadológica na natureza.

As discussões levantadas levam a refletir que a forma de lidar com os problemas ambientais necessita entrar numa discussão da própria forma de organização da sociedade. A utilização dos recursos naturais de formas diferenciadas, intercaladas entre interesses individuais e coletivos, revela a base de todo o conflito ambiental. A questão clara e objetiva que a realidade nos coloca se trata da reflexão em torno da sobreposição dos interesses políticos e econômicos aos interesses e necessidades das populações locais. Como bem afirma Acsehrad, “a questão ambiental é intrinsecamente conflitiva”⁷³.

"A própria gestão das UC's envolve, além de problemas ambientais, dificuldades de ordem econômica, social e, principalmente, política, o que, em geral, ocasiona graves conflitos entre as populações locais e as ações dos responsáveis por sua gestão"⁷⁴. Diegues ressalta que esses conflitos têm origens nas bases com as quais foram criadas as primeiras áreas protegidas, já que essas tinham somente a característica de reserva de recursos, sem considerar a interação entre as populações e o meio ambiente⁷⁵.

Zhour e Laschefski corroboram em dizer que existem diferentes tipos de conflitos que tiveram eficácia diferenciada ao longo da história da apropriação social do espaço. No entanto, tenderam a ser unificados sob um mesmo universo semântico a partir da conformação da problemática ambiental, quando relacionados aos modos de articulação espaço-temporal das práticas sociais.

⁷³ACSELRAD, Henri. **Cidadania e Meio Ambiente**. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Meio Ambiente e Democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992. p. 8.

⁷⁴*Ibidem*. p.4

⁷⁵DIEGUES, Antonio Carlos Santana. *Op. Cit.*

Os autores propõem, assim, a identificação de três tipologias de conflitos ambientais: os distributivos, os espaciais e os territoriais⁷⁶. Os conflitos distributivos são aqueles que se caracterizam pelas graves desigualdades sociais em torno do acesso e do uso dos recursos naturais. Essa categoria de conflito marca os debates ambientais internacionais desde a sua origem, porém não se restringe ao discurso nos grandes debates ambientais. Vários são os conflitos que envolvem a utilização de recursos das florestas, da água, dos minérios etc.⁷⁷.

Os conflitos ambientais espaciais envolvem aqueles causados por efeitos ou impactos ambientais que excedem os limites entre os territórios de diferentes agentes ou grupos sociais, tais como emissões gasosas, poluição da água, entre outros. Não se trata de um conflito de ordem territorial, uma vez que os conflitos espaciais, apesar de acontecerem em um determinado lugar, podem provocar impactos ambientais que gerarão conflitos ao nível nacional/internacional⁷⁸.

Já os conflitos de ordem territorial assinalam situações em que existe sobreposição de reivindicações de diversas partes sociais, portadores de identidades e lógicas culturais individualizadas, sobre o mesmo recorte espacial. A diferença em relação aos conflitos sobre a terra é que os grupos submergidos apresentam modos diferentes de produção dos seus territórios, o que se reflete nas diversas formas de apropriação da natureza para aqueles recortes espaciais⁷⁹.

Para entender os conflitos ambientais em Minas Gerais, mais precisamente na região da Zona da Mata, é importante considerar os conceitos de conflitos ambientais utilizados pela Sociologia e Antropologia, devido à complexidade desse território e seu histórico de exploração. Nessa perspectiva é que Little discute o conceito de conflitos ambientais que ultrapassa as barreiras da discussão política e econômica, acrescentando ingredientes cosmológicos, rituais, identitários e morais, que muitas vezes passam despercebidos aos olhares de outras linhas de conhecimentos⁸⁰.

Na Zona da Mata Mineira, como aponta Fonseca, existem diversos casos de conflitos ambientais. Cada conflito apresenta uma particularidade diferente e define o

⁷⁶ZHOURI, Andréia; LASCHEFSKI, Klemens. (org.) **Desenvolvimento e Conflitos ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 17-18.

⁷⁷ *Idem*. p. 18-20.

⁷⁸ *Ibidem*. p. 17-18

⁷⁹ *Ibidem*.. p. 23.

⁸⁰ LITTLE, Paul Elliott. **Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n.25, 1º semestre de 2006. p. 91-92.

território como dotado de características seja social, econômica, geográfica, política, física e cultural única. No Parque Estadual Serra do Brigadeiro, foco desta pesquisa, foram identificados dois tipos de conflitos ambientais, sendo eles: conflitos entre empresas de mineração de bauxita (Companhia Brasileira de Alumínio, Mineração Rio Pomba, Mineração Curimbaba e MMX-Anglo Ferrous) e a administração do Parque e agricultores da região e conflitos fundiários entre pequenos agricultores e o PESB. É válido destacar que a luta dos pequenos agricultores dispensou cota altimétrica de 1000 metros proposta inicialmente para demarcação dos limites do PESB. Entretanto, permanecem conflitos relativos à indenizações e averbação de Reserva Legal⁸¹.

De acordo com Silva⁸², o projeto de mineração visa outra proposta de desenvolvimento que contradiz com práticas e os grupos ligados à agricultura familiar⁸³. Bonfim, em sua pesquisa no entorno da Serra do Brigadeiro, constatou que, com a criação do PESB, surgiram também algumas situações peculiares que contribuiriam para gerar mais conflitos como: estudos técnicos realizados de forma genérica, não acompanhando, assim, a realidade local e regional; pouco ou nenhum aprofundamento nos estudos realizados, com o projeto foi conduzido inicialmente, sem participação local, o que levou à resistência da população envolvida; e, além disso, a participação de oito municípios, diferentes organizações governamentais e a sociedade civil, o que contribuiu para diferentes conflitos de interesses⁸⁴.

⁸¹ FONSECA, Bruno Costa da; OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de; SOUSA, Dayane Rouse Neves de. **Conflitos ambientais: atores, causas e desdobramentos na zona da mata mineira**. *Caminhos de Geografia* – Revista online. v. 13, n. 42, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>>. Acesso em 27/09/2016. p. 292-294.

⁸² SILVA, Claudinei Heleno. **Conflitos Ambientais no entorno do Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB): Agricultura familiar e Mineração de bauxita no município de Miradouro-MG**. 2012. 186f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

⁸³ Agricultura familiar aparece com alternativa da população que vive no entorno do PESB.

⁸⁴ BONFIM, Verônica Rocha. **Conflitos, participação e lições apreendidas no processo de criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB), MG**. 2006.183f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.

Capítulo 3: Descortinando uma paisagem invisível

3.1. Introdução

Após realizar a discussão teórica sobre os conceitos que permeiam e sustentam este estudo, adentra-se, de fato, no local de pesquisa, a cidade de Araponga. A análise de dados, referentes aos aspectos sociais e econômicos do município, desde a década de 1990, se fizeram importantes para compreender o itinerário principal do trabalho, o Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB).

Neste capítulo serão abordados os itens relacionados ao levantamento de dados do município de Araponga, bem como os aspectos físicos, sociais e econômicos do Parque Estadual Serra do Brigadeiro e as atividades desenvolvidas dentro desse território. Os dados foram obtidos através de um trabalho *in loco*.

3.2. Caracterização do município de Araponga-MG

A Zona da Mata Mineira se localiza na porção sudeste do Estado de Minas Gerais, fazendo divisa com outras três mesorregiões mineiras: o Sul de Minas, ao sul, a região do Rio Doce, ao norte, e a região metalúrgica/Campo das Vertentes, a oeste. A leste, a Zona da Mata limita-se com os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. A região é composta por 142 municípios que ocupam uma superfície de 35.748,7 mil km², o que corresponde a 6,09 % da área total do Estado⁸⁵.

A região da Zona da Mata é consequência do processo de exploração da mineração do ouro na região central de Minas, fundamentalmente a partir do século XVIII. Como essa área fazia parte de um conjunto de acesso às minas de exploração mineral, a manutenção da floresta tinha como estratégia estabelecer uma barreira natural, conforme Caio Prado Júnior verificou ao colher o depoimento do Governador das Minas, Luís da Cunha Meneses, que afirmara que a Mata seria uma região fechada ao povoamento, não por falta de interesse português, mas para manter uma barreira

⁸⁵ SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Projeto Integrado de Pesquisa e Desenvolvimento em Agricultura Familiar (PROPEDAF)** – Relatório Técnico Subprojeto 01. Viçosa: FUNARB/EPAMIG, 2002. 79p.

natural aos descaminhos do ouro⁸⁶. Porém, cabe salientar que, antes da alcunha de Zona da Mata, a mesma área era denominada Sertões do Leste⁸⁷.

O PESB tem uma de suas entradas através da BR-482, que atravessa o município de Araponga até Fervedouro, ambos representam respectivamente 40% e 26% da área do Parque, e está encravada entre as montanhas (Figura 4). Araponga pertence à mesorregião da Zona da Mata Mineira e à microrregião de Viçosa.

O distrito, criado com a denominação de São Miguel das Almas de Arrepiados, pelo alvará de 07/11/1826 e pela lei estadual de 14 /09/1891, era subordinado ao município de Viçosa. Com a lei provisória nº 3387, de 10/07/1886, o distrito de São Miguel das Almas de Arrepiados passou a denominar-se São Miguel de Araponga. A partir do decreto-lei estadual nº 148, de 17/12/1938, o distrito de São Miguel de Araponga teve sua denominação simplificada para Araponga. Sob o mesmo decreto, o distrito de Araponga deixa de pertencer ao município de Viçosa para ser anexado ao de Erval, que pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31/12/1943, passa a denominar-se Ervália. Araponga é elevada à categoria de município pela lei estadual nº 2764, em 30/12/1962, desmembrando do município de Ervália⁸⁸.

A população total do município é de 8152 habitantes, sendo que 62,7% dessa população vivem na zona rural, enquanto 37,3% moram na área urbana da cidade⁸⁹. A cidade está localizada a 20° 40' 58" de latitude sul e 42° 32' 08" de longitude oeste e faz divisa com os municípios de Carangola, Miradouro, Ervália, Canaã, Sericita e Abre Campo, tendo como polo de desenvolvimento a cidade de Viçosa⁹⁰.

⁸⁶ LAMAS, Fernando Gaudereto. **Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira no século XVIII**. Disponível em:

<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao08/materia01/texto01.pdf>>. Acesso em 19 de Outubro de 2016, p. 1.

⁸⁷ “Sertões do Leste” designa uma “região geográfica” de limites pouco precisos que, durante o Brasil Colônia englobava basicamente parte do vale do Paraíba do Sul, a Zona da Mata mineira e o vale do Rio Doce. Antes de configurar um verdadeiro “sertão”, do ponto de vista fitogeográfico, estes “Sertões do Leste” constituíam uma região mais imaginária do que fisicamente expressa na paisagem. Era uma ideia, uma “área de ação” (para as ações da Coroa, mas também para o cotidiano do Brasil Colônia), uma região com identidade e mais constituída de fora para dentro do que reconhecida internamente. LAMAS. 2006.

⁸⁸ IBGE (2010). **Araponga**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310370&search=minas-gerais|araponga>>. Acesso em 11 de Outubro 2016.

⁸⁹ IBGE (2010). **Araponga**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310370&search=minas-gerais|araponga>>. Acesso em 11 de Outubro de 2016.

⁹⁰ PINTO, Frederico Queiroz Brumano. **Avaliação do ecoturismo em três municípios do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB)-MG**. 2005. 155f. Tese (Doutorado em Ciências Florestal)-Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.

Figura 4: Pórtico de entrada da cidade de Araponga

Fonte: Autoria de Edson Soares Fialho

O Quadro 4 aborda alguns dados e indicadores sociais referentes ao município em estudo, com destaque para o baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, de apenas 0,536, que revela-se alarmante, fundamentalmente no que diz respeito aos índices da educação do município, na faixa de 0,339. Isso contribui para manter o município com um IDH bem menor que a média do território brasileiro para 2010, que é de 0,731.

Quadro 4: Dados referentes ao município de Araponga

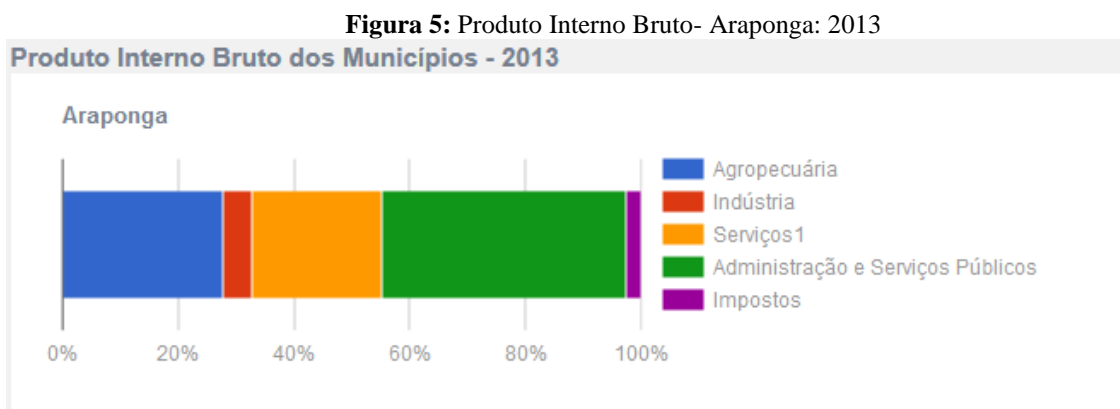
Indicadores Sociais do Município de Araponga				
Área 303,793km ²	IDMH (2010) 0,536	População 8152 habitantes	Esperança de Vida 70,6 anos	
Densidade Demográfica 26,83 hab/km ²	Microrregião Viçosa	Mesorregião Zona da Mata	População Rural= 5111	População Urbana= 3041

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano, 2013.⁹¹

Araponga pode ser definida como uma cidade de pequeno porte, uma vez que apresenta menos de 10.000 habitantes. A atividade industrial da cidade é praticamente

⁹¹ ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2013. **Araponga**. (Quadro 3) Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em 09 de Outubro de 2016.

inexistente. A população do município tem como principais formas de obtenção de renda e subsistência a administração e os serviços públicos, concebidos pela prefeitura e a agropecuária, que se destaca como a segunda principal atividade econômica e, também, com importância considerável, desenvolve-se o setor de serviços. A Figura 5 confirma essa declaração através de dados do Produto Interno Bruto do município.



Fonte: IBGE, 2013.⁹²

De acordo com o Quadro 5, entre 1991 e 2000, a população do município cresceu a uma taxa média anual de 0,06. No mesmo período o Brasil apresentou um crescimento de 1,63%. Na década, a taxa de urbanização do município passou de 20,71% para 32,10%, apresentando o maior crescimento urbano do município para os últimos anos. Entre 2000 e 2010, a população de Araponga cresceu a uma taxa média anual de 0,29%, enquanto no Brasil foi de 1,17%. A cidade apresenta um crescimento natural positivo nos últimos anos, mas os indicadores estão bem abaixo da média nacional para o mesmo período. Nesta década, a taxa de urbanização do município passou de 32,10% para 37,30%, o que indica que a maioria populacional ainda vive no campo e o crescimento urbano é reduzido nesse município.

A partir da análise do Quadro 6, podemos identificar que a estrutura etária de Araponga, assim como a tendência do território brasileiro nos últimos anos, está se modificando de forma significativa. A taxa de natalidade vem diminuindo paulatinamente, de 1991 para 2010, e o número de idosos vem aumentando de forma

⁹²Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=310370&search=minas-gerais|araponga|infográficos:-despesas-e-receitas-or%E7ament%E1rias-e-pib>> Acesso em 10 de Outubro de 2016.

gradativa. Dessa forma, o que é possível inferir é que as famílias estão diminuindo o número de filhos a partir de um maior planejamento familiar, bem como a qualidade da saúde está melhorando.

Quadro 5: População Total, por Gênero, Rural/Urba.

População total, por Gênero, Rural/Urba-Município- Araponga-MG						
População	População (1991)	% do total (1991)	População (2000)	% do total (2000)	População (2010)	% do total (2010)
População Total	7.874	100,00	7.916	100,00	8.152	100,00
População residente masculina	3.973	50,43	4.089	51,65	4.191	51,41
População residente feminina	3.901	49,54	3.827	48,35	3.961	48,59
População urbana	1.631	20,71	2.541	32,10	3.041	37,30
População rural	6.243	79,29	5.375	67,90	5.111	62,70

Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2017).

Quadro 6: Estrutura Etária da População - Araponga

Estrutura Etária da População- Município-Araponga-MG						
Estrutura Etária	População (1991)	% do total (1991)	População (2000)	% do total (2000)	População (2010)	% do total (2010)
Menos de 15 anos	3.265	41,47	2.666	33,68	2.089	25,63
15-64 anos	4.264	54,15	4.823	60,93	5.473	67,14
População de 65 anos ou mais	345	4,38	427	5,39	590	7,24
Razão de dependência	84,66	-	64,13	-	48,95	-
Taxa de envelhecimento	4,38	-	5,39	-	7,24	-

Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2017).

No que se refere à expectativa de vida, nota-se que as taxas dos araponguenses vêm aumentando nos últimos anos, acompanhadas pela diminuição da mortalidade infantil e a mortalidade até cinco anos de idade. No entanto, esses indicadores estão

abaixo da média do estado de Minas Gerais e do território brasileiro, o que demonstra que, apesar das melhorias nas condições de saúde e qualidade de vida, a população precisa superar alguns problemas socioeconômicos para melhorar ainda mais sua qualidade de vida, o que indica o Quadro 7 e a Figura 6.

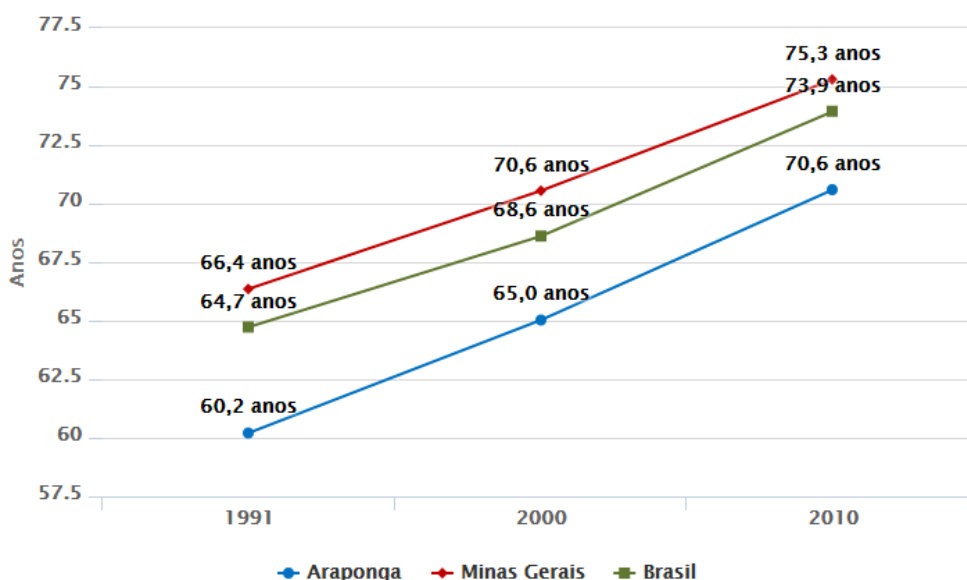
Quadro 7: Longevidade, Mortalidade e Fecundidade: Araponga-MG.

Longevidade, Mortalidade e Fecundidade-Araponga-MG	1991	2000	2010
Esperança de vida ao nascer	60,2	65,0	70,6
Mortalidade Infantil	56,2	45,9	23,1
Mortalidade até 5 anos de idade	71,9	50,1	26,8
Taxa de fecundidade total	4,4	3,3	1,7

Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2017).

A expectativa de vida de Araponga registra uma evolução de 10 anos de 1991 a 2010, passando de 60 para 70 anos. Se compararmos aos dados do estado de Minas Gerais e do Brasil, o município está abaixo de ambos. Investimentos em saúde e qualidade de vida são cruciais para que esse indicador supere suas deficiências e continue a aumentar, contribuindo para a elevação do Índice de Desenvolvimento Humano da cidade.

Figura 6: Esperança de vida ao nascer (1991-2010).



Fonte: IBGE 2010.

Considerando os grupos étnicos que formam o território brasileiro, como mostra a Figura 7, a população de Araponga, em sua maioria, se autodeclara parda, com 59,49% do contingente populacional. Apesar da história do município apontar que essa população é remanescente da comunidade indígena, nenhuma pessoa se declarou como pertencente dessa etnia.

Figura 7: População Municipal e Etnias de Araponga

População Municipal e Etnias

ARAPONGA - MG	POPULAÇÃO AMARELA	POPULAÇÃO BRANCA	POPULAÇÃO INDÍGENA	POPULAÇÃO PARDA	POPULAÇÃO PRETA
% População	0,81%	26,51%	--%	59,49%	13,19%
Habitantes	66 habitantes	2.161 habitantes	0 habitantes	4.850 habitantes	1.075 habitantes

IBGE | Organizado por Datapedia.info

Fonte: IBGE,2010 apud DATAVIVA [s.d.].

A falta de reconhecimento como grupo indígena pode estar ligada à resistência que essa população tem no reconhecimento de sua própria identidade, uma vez que os indígenas dessa região, como de todo território brasileiro, foram explorados e dizimados quase que por completo.

3.3. Parque Estadual Serra do Brigadeiro

A história da Serra do Brigadeiro está ligada aos seus remanescentes históricos. Até o século XIX, o local, que hoje chamamos de Brigadeiro, chamava-se Serra dos Arrepiados, nome dado por causa da habitação de índios “arrepiados” no local⁹³. Os arrepiados eram de etnia Puri de origem Tupi, habitantes, durante séculos, da Serra do Brigadeiro⁹⁴.

⁹³VITARELLI, Camila Costa. **A concepção de desenvolvimento sustentável na atuação de ONGS no entorno do Parque Estadual Serra do Brigadeiro, MG.** 2005. 118f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.

⁹⁴BARBOSA, Willer. **Cultura Puri e educação popular em Araponga, MG: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente.** 2005. 234f. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Os índios Puris eram hábeis pescadores que viviam originalmente no litoral do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Entretanto, tiveram que se adaptar às regiões serranas a partir de 1500, em consequência da chegada dos portugueses e a consequente escravização. Foram, assim, obrigados a recuar para o interior do Brasil até chegarem à região da Serra do Brigadeiro. Encurralados pelos europeus e por algumas tribos indígenas inimigas como os “Boruns”, mais conhecidos por “Botocudos” ou “Aymorés”, dominantes do Vale do Rio Doce, sua única opção para sobrevivência foi se adaptar às matas fechadas e ao frio da Serra dos Arrepiados⁹⁵.

De acordo com Barbosa⁹⁶, é descrito como Puri o povo indígena sobre qual se tem dados “oficiais” até meados do século XIX. Os descendentes dessa cultura são hoje agricultores familiares que se identificam como grupo indígena, embora a etnia seja considerada extinta há mais de um século.

A preservação foi garantida na serra até o ano de 1800, entretanto coibiu a região de registros históricos e documentais. A chegada dos colonizadores à Serra do Brigadeiro marcou o desaparecimento dos índios Arrepiados e Guarutos. O primeiro emissário do governo que chega à região para inspecionar as divisas da província de Minas Gerais, Brigadeiro Bacelar, aboliu a única referência à presença indígena na região. Seduzido com a beleza do lugar, rebatizou o rio Guarutos e a serra, o rio passou a se chamar Glória e a serra, Brigadeiro⁹⁷.

Existia até 1800, na Zona da Mata Mineira, uma extensa cobertura vegetal integrada ao bioma Mata Atlântica. Após a exploração do ouro, a atividade agrícola veio para substituir parte da vegetação, com a pecuária de corte extensiva e a cafeicultura⁹⁸.

A partir de meados da década de 1960, a região do PESB voltou a sofrer intensamente com a exploração florestal a partir da empresa multinacional Belgo Mineiro, com finalidade na produção de carvão e abastecimento de usinas siderúrgicas.

⁹⁵ SANTILIANO, Thiago Costa. **Os índios Goitacases e Puris que habitavam nossa região**. Disponível em : <<http://geocostan.webnode.com.br/historia/historia/indios-que-habitavam-nossa-regiao>>. acesso em 18 de Outubro de 2016.

⁹⁶ BARBOSA, Willer Araújo. **Envolvimento Local Ambiente e Culturas**. II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS: IDENTIDADE, DIFERENÇAS, MEDIAÇÕES. 2003. Santa Catarina. **Anais...** 8 a 11 de abril, UFSC. 2003.

⁹⁷ VITARELLI, Camila Costa. *Op. Cit.* p. 47.

⁹⁸ BONFIM, Verônica Rocha. *Op. Cit.*

Essa exploração culminou com a construção da Escola Nacional de Florestas em Viçosa-MG e com o interesse de professores e técnicos em preservar parte do que sobrou da Serra do Brigadeiro⁹⁹. A Figura 8 retrata a fazenda do Brigadeiro, sede da empresa Belgo Mineira dentro do Parque Estadual Serra do Brigadeiro.

Figura 8: Fazenda do Brigadeiro

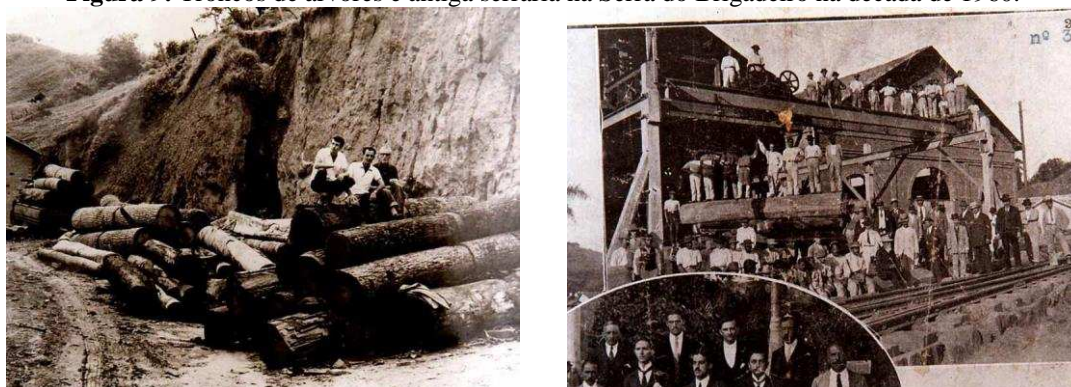


Fonte: Silva, 2017. (Acervo da autora)

A fazenda do Brigadeiro localiza-se na parte norte do Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Em 2002, a fazenda foi tombada como Patrimônio Histórico e Cultural do município de Araçuaia. Erguido há cerca de 70 anos, no estilo neocolonial, o casarão da Fazenda Brigadeiro tem aproximadamente 240 m² de área construída. A Figura 09 mostra parte da exploração da empresa Belgo Mineira no interior do território que hoje conhecemos como Serra do Brigadeiro.

⁹⁹ *Idem.*

Figura 9: Troncos de árvores e antiga serraria na Serra do Brigadeiro na década de 1960.



Fonte: Site As Minas Gerais. [s.d.].¹⁰⁰

Nesse período, a área que hoje compreende o PESB era apontada como um lugar de oportunidade, uma vez que era com a exploração madeireira que os moradores do entorno conseguiam obter trabalho, dinheiro e também fontes de recursos naturais.¹⁰¹

A partir da década de 1960, professores e técnicos passaram a frequentar a região e a ressaltar atributos importantes, como os recursos hídricos, a fauna, a flora e o solo. Foi através de diversos estudos que os pesquisadores puderam observar a devastação das matas do local e a destruição do habitat de espécies da fauna, uma vez que muitas delas já se encontravam em extinção. Por ser um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica no estado de Minas Gerais, essas constatações culminaram em várias tentativas de criação de uma unidade de conservação que fosse apropriada para conservar uma representativa área desse bioma¹⁰².

O Parque Estadual Serra do Brigadeiro é uma Unidade de Conservação (UC). Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, a categoria Parque Nacional, quando criada pelo Estado, possui a denominação de Parque Estadual, como é o caso do PESB, que se inclui dentro do grupo das Unidades de Proteção Integral¹⁰³. Apesar de criado em 1996, o PESB foi aberto à visitação em 2005, tendo como seu principal ponto de acesso a cidade de Araponga-MG. Ele recebe anualmente turistas de diversas

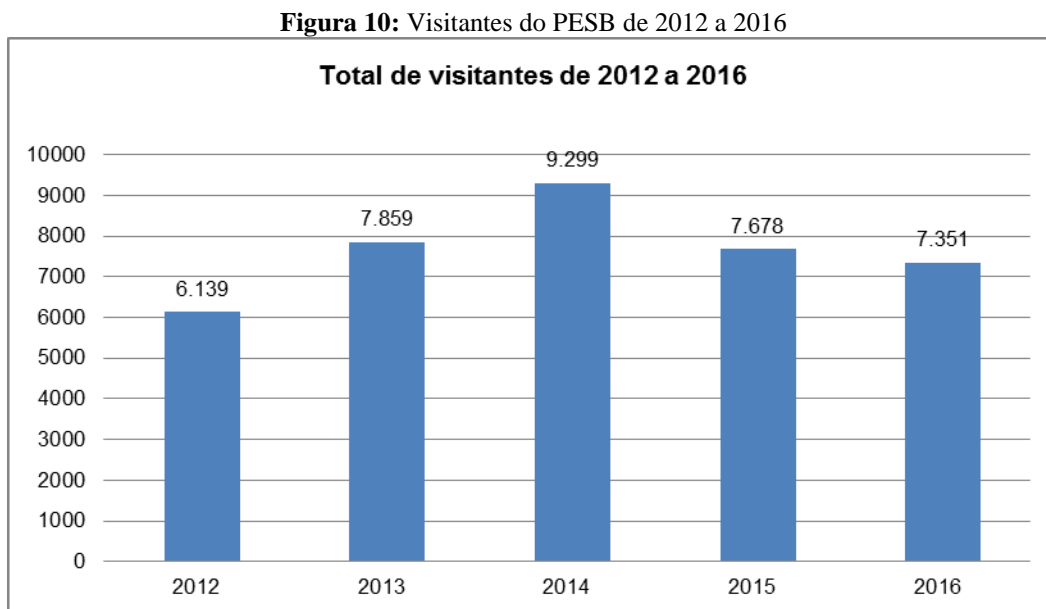
¹⁰⁰ Disponível em: < <http://www.asminasgerais.com.br> > Acesso em: 10 de março de 2017.

¹⁰¹ PRAÇA, Heitor Levy Ferreira. **Criação de Unidades de Conservação e modernização no meio rural:** o caso do entorno do Parque Serra do Brigadeiro, Minas Gerais. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

¹⁰² BONFIM, Verônica Rocha. *Op. Cit.* p. 33.

¹⁰³ BRASIL. **Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000: Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.** Brasília. MMA/SBF, 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>> Acesso em: 21 de setembro 2016.

localidades de todo o país, sendo eles, fundamentalmente, pesquisadores e estudantes das escolas particulares e públicas do estado de Minas Gerais. A Figura 10 apresenta os visitantes do parque nos últimos anos.



Fonte: Arquivo do PESB. ¹⁰⁴

O número de turistas aumentou entre 2012 e 2013, tendo seu ápice em 2014, porém vem reduzindo nos anos de 2015 e 2016 e o principal motivo apresentado pela monitora do Parque é a queda acentuada, principalmente, de visitas escolares. Os professores relataram que a falta de transporte para sair com os alunos da escola dificulta a visita ao PESB, uma vez que a maioria das escolas pertence à rede pública de ensino, onde, em momento de crise e cortes públicos, os recursos ficam escassos. Em 2016, o Parque ficou um período fechado devido à febre amarela, o que também contribuiu para a redução do número de visitantes.

O PESB está situado na Zona da Mata de Minas Gerais, na divisa entre as microrregiões de Viçosa, Muriaé, Manhuaçu e Ponte Nova, entre os meridianos 42° 40' e 40° 20' Oeste e os paralelos 20° 33' e 21° 00' Sul¹⁰⁵. O Parque se localiza no extremo norte da Serra da Mantiqueira, ocupa parte dos municípios de Araponga, Fervedouro, Miradouro, Ervália, Sericita, Pedra Bonita, Muriaé e Divino. Com uma Zona de

¹⁰⁴ PARQUE ESTADUAL SERRA DO BRIGADEIRO – PESB. Visitantes do PESB de 2012 à 2016. Quadro 08.

¹⁰⁵ INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF.. Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, 2007. 98p. p.3.

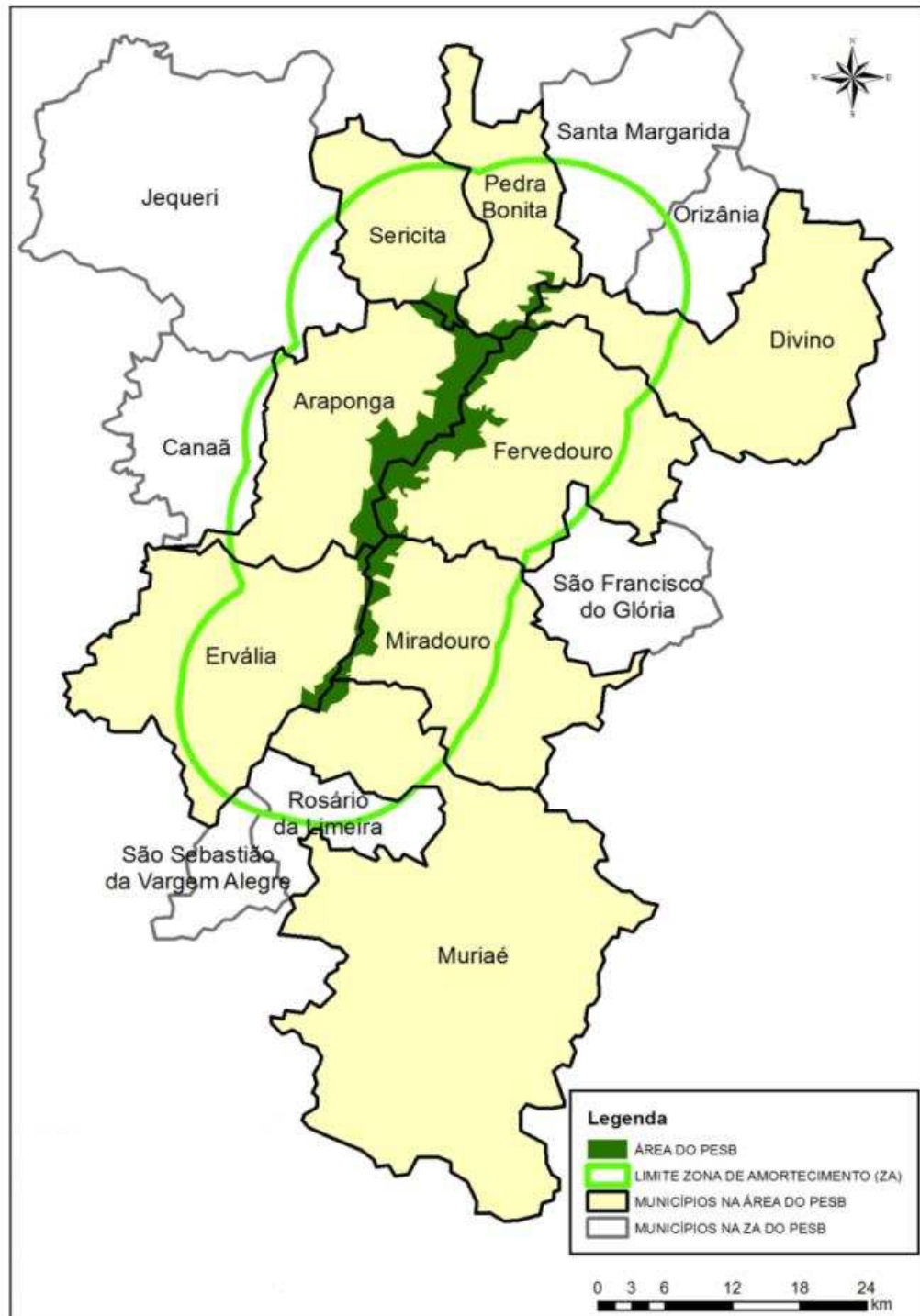
Amortecimento¹⁰⁶ definida com o limite de 10 km ao redor do Parque, engloba também parte dos municípios de Santa Margarida, Jequeri, Pedra Bonita, Sericita, Orizania, Divino, Araponga, Fervedouro, Canaã, São Francisco do Glória, Miradouro, Ervália, Muriaé, Rosário da Limeira e São Sebastião da Vargem Alegre¹⁰⁷, como mostra a Figura 11.

O Quadro 8 representa a participação em extensão territorial de cada município que compõe a Serra do Brigadeiro, sua área e porcentagem dentro da unidade de conservação e a regionalização de cada cidade no território do Parque. O município de Araponga e Fervedouro são os que apresentam a maior área dentro do Parque com 5.702,18 e 4.101 hectares de terra, respectivamente. O município de Divino, com 394,5 hectares, é o que apresenta menor quantidade de terra entre os municípios que integram o PESB.

¹⁰⁶ A zona de amortecimento corresponde à área do entorno (vizinhança) da UC, onde as atividades e usos da terra devem ser compatíveis com a proteção ambiental, como, por exemplo: turismo sustentável, sistema agroflorestal, agricultura orgânica, cooperativismo ambiental etc.

¹⁰⁷ IEF. Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**, 2007. 98p, p. 18.

Figura 11: Municípios limítrofes e zona de amortecimento do PESB.



Fonte: CEDEF (2014).¹⁰⁸

¹⁰⁸Centro de Estudos e Desenvolvimento Florestal. – CEDEF. **Municípios limítrofes e zona de amortecimento do PESB.**

Quadro 8: Municípios limítrofes do PESB, área total e área do município e % dentro do Parque

Município	Região do PESB	Área do município em (Km ²)	Área do município no PESB (ha)	Porcentagem do município no PESB
Araponga	Central	303,79	5.702,18	38
Divino	Norte	337,77	394,5	3
Ervália	Sul	337,48	982,85	7
Fervedouro	Central	357,68	4.101	27
Miradouro	Sul	301,67	1.821	12
Muriaé	Sul	841,69	410,27	3
Pedra Bonita	Norte	173,92	913,95	6
Sericita	Norte	166,01	659,05	4

Fonte: MENDES, 2014.¹⁰⁹

A Figura 12 destaca a localização geográfica do PESB na Zona da Mata mineira, bem como sua altimetria e os divisores de água, que delimitam os municípios que compõem essa Unidade de Conservação.

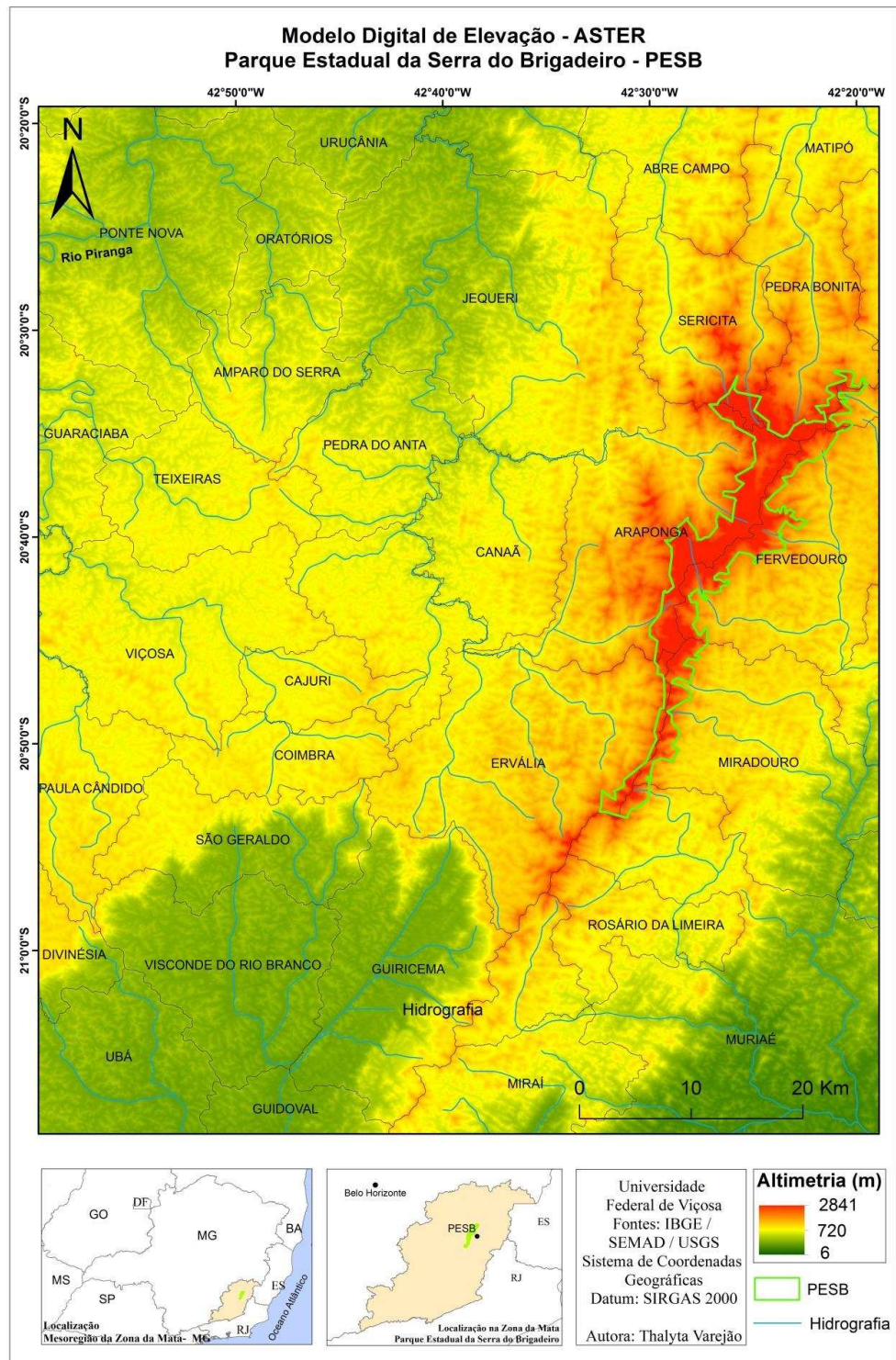
Na unidade de conservação predomina a Mata Atlântica, montanhas, vales, chapadas, encostas, além de diversos cursos d'água que integram as bacias dos rios Paraíba do Sul e Doce. O Parque abriga vários Picos: o do Soares (1.985 m), o Campestre (1.908 m), o do Grama (1.899 m) e o do Boné (1.870 m). A altitude e o relevo amenizam a temperatura local e a neblina cobre os picos durante quase todo o ano¹¹⁰.

O bioma Mata Atlântica, principal formação vegetal da área, está interposta com os Campos de Altitude e afloramentos rochosos. O Parque compõe um ecossistema rico em espécies vegetais, como bromélia (Figura 13), peroba, ipê, orquídea, cajarana, jequitibá, óleo-vermelho e palmito doce.

¹⁰⁹ MENDES, Ana Eurica de Oliveira. **Incêndios florestais, diálogos e interações entre agricultores do entorno de unidade de conservação.** 2014. 124f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2014.

¹¹⁰ IEF. Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro,** 2007. 98p. p. 3.

Figura 12: Localização Geográfica do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB)



Fonte: VAREJÃO, 2016. ¹¹¹

¹¹¹ VAREJÃO, Thalyta. Localização Geográfica do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB). (Figura 12). Laboratório de Bioclima. UFV. 2016.

Figura 13: Bromélias em afloramento rochoso, nas proximidades do centro de apoio do PESB



Fonte: FIALHO, Edson Soares em 30 de Setembro de 2016.

A neblina (Figura 14) que, durante quase o ano todo, cobre os picos onde se localizam os campos de altitude, propicia as condições para a formação de um ecossistema rico em espécies como orquídeas, samambaias, líquens, bromélias, variedades de gramíneas, arbustos e cactos, dentre outras¹¹².

Na diversa fauna do Parque, destacam-se a suçuarana ou puma, a jaguatirica, a caititu, o veado mateiro, o cachorro-do-mato, o tamanduá-de-colete, o caxinguelê, a preguiça-de-três-dedos, o macaco-prego, o sagui-da-serra. A unidade de conservação ainda é refúgio de espécies da fauna ameaçadas de extinção, como o sauá, o mono carvoeiro ou muriqui (conhecido como maior primata das Américas), a onça-pintada, a jaguatirica, o sapo-boi. Diversas espécies de aves também podem ser encontradas no Parque, como o pavó, o papagaio-do-peito-roxo, o gavião-pomba, o tucano-do-peito-amarelo, o trinca-ferro e a araponga¹¹³.

O PESB representa um dos últimos fragmentos da Mata Atlântica com grande extensão de florestas contínuas do Estado de Minas Gerais, sendo que cerca de 80% da floresta atualmente é composta por mata secundária e apenas 20% de mata em estágio primário, localizada em região de difícil acesso acima do 1500m de altitude. Encaixado entre os picos rochosos de um prolongamento das Serras da Mantiqueira e Caparaó,

¹¹²INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/biodiversidade/dados-da-biodiversidade/index.php?option=com_content&task=view&id=197&Itemid=146> Acesso em 20 de Agosto de 2016.

¹¹³ *Idem*.

abriga tanto espécies endêmicas da Mata Atlântica quanto da própria Serra do Brigadeiro, além de ser refúgio de espécies em risco de extinção¹¹⁴.

Figura 14: Neblina forte no dia 30 de setembro de 2016, impedindo a visão do centro de visitantes ao fundo da imagem, na direção da estrada.



Fonte FIALHO, 2016.

3.4. Aspectos Físicos do Parque

O Parque Estadual Serra do Brigadeiro abrange as partes mais elevadas de um conjunto de serras integrantes da Cadeia da Mantiqueira, com relevo bastante movimentado, chegando aos 1.985m acima do nível do mar em sua cota máxima (Pico do Soares)¹¹⁵.

O clima da área de estudo, segundo a classificação de Koppen, que foi aplicada na região da Zona da Mata Mineira por Orlando Valverde, identifica para Araponga um clima mesotérmico de Koppen (Cwb), também chamado de subtropical de altitude, caracterizado por verões chuvosos e invernos de 4 a 5 meses secos, com temperatura média de 18°C e mínimas inferiores a 0°C, nas áreas mais elevadas, e precipitação média de 1.500 mm/ano, com período seco de junho a agosto¹¹⁶. Porém, para a área de estudo em questão, que se localiza a mais de 1.300 metros de altitude, o mapa que se encontra na Figura 16, classifica a mesma sob um clima Cfb, que significa um clima temperado

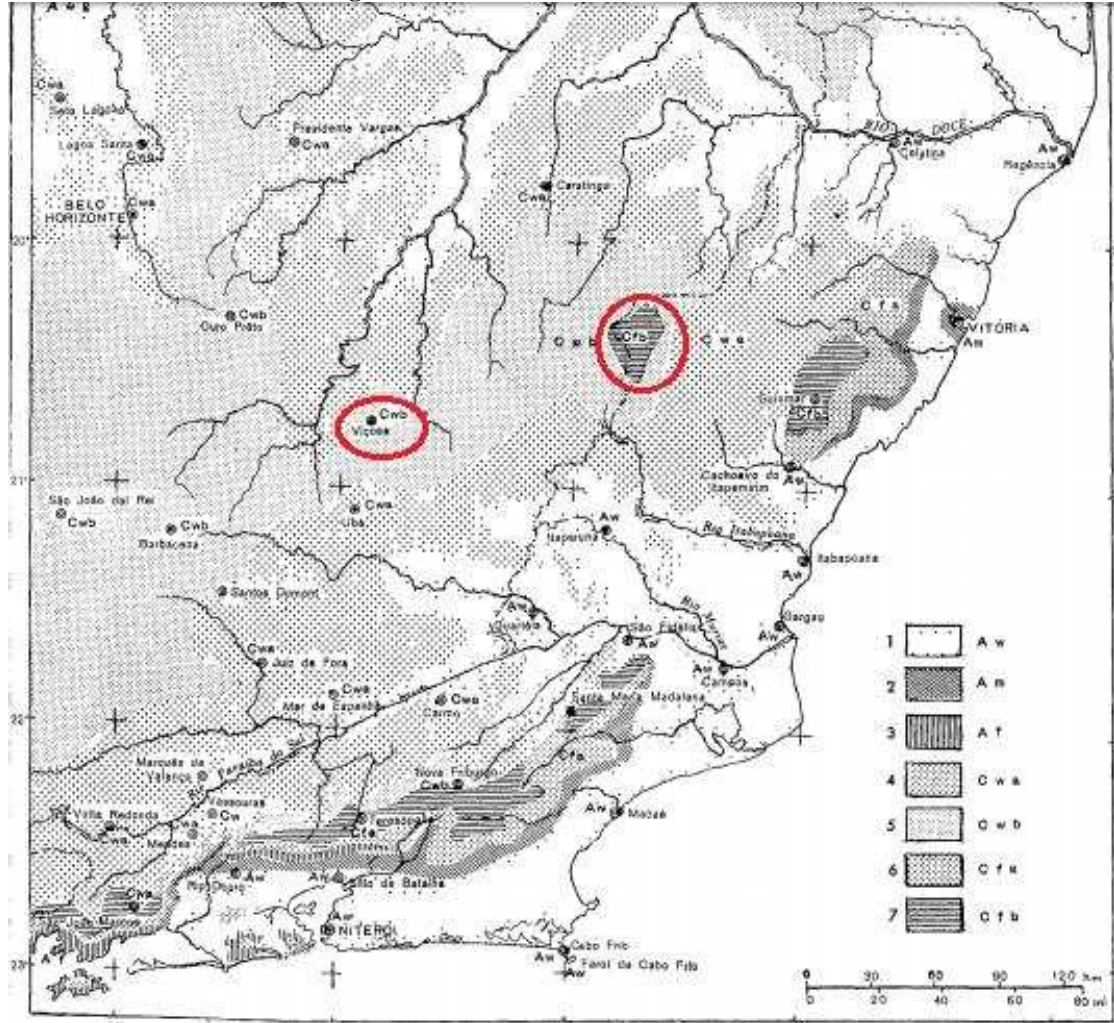
¹¹⁴ FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org). *Op.Cit.* p. 6.

¹¹⁵ FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et.al. (org). *Op. Cit.* p. 4.

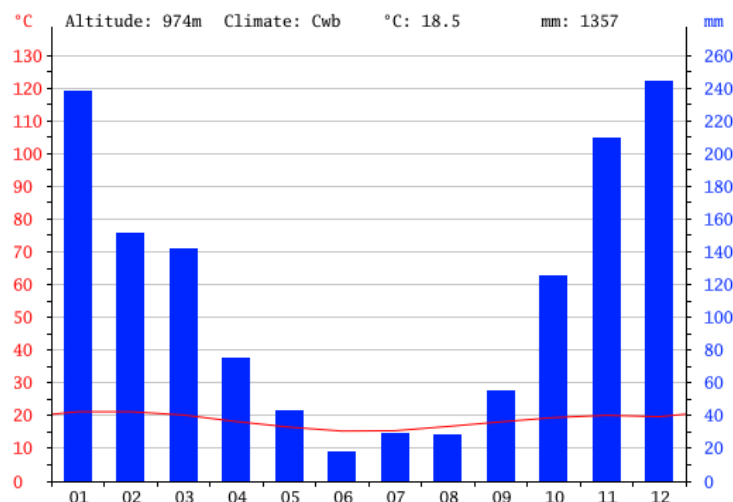
¹¹⁶ VALVERDE, Orlando. **Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais**. *Revista Brasileira de Geografia*, ano XX, nº 1, janeiro-março. 1958. p. 21.

úmido sem estação seca e verão temperado, enquanto o Cwb, que tem a representação do climograma, na Figura 15, registra clima temperado úmido, com Inverno seco (junho, julho e agosto) e o verão temperado. A diferença é o período seco no inverno em Araponga em relação à sede do Parque, que se localiza a 1.340 metros de altitude.

Figura 15: Características Climáticas PESB



Fonte: VALVERDE, 1958. p.21.

Figura 16: Climograma ombrotérmico de Gaussen para Araponga (sede)

Fonte: CLIMATE-DATA.ORG, [s.i.].¹¹⁷

O Parque está inserido em uma região cujas características climáticas se encontram numa estacionalidade marcante¹¹⁸. A vegetação do PESB apresenta características ombrófilas, com ocorrência de campos de altitude nas partes mais elevadas. As áreas de floresta são, em sua grande maioria, secundárias, devido ao grande desmatamento ocorrido no passado. As florestas primárias ocupam apenas as áreas mais inacessíveis do Parque¹¹⁹.

Os solos da região são, em geral, pobres em nutrientes (distróficos) e com altos teores de alumínio, podendo apresentar elevados teores de matéria orgânica¹²⁰. Há predominância de latossolo vermelho amarelo húmico álico¹²¹. A geologia é constituída de relevo pouco montanhoso, mais arredondado, típicos de mares de morros, onde predominam os gnaisses.

As diversas características do PESB, em especial a vegetação e a localização, associadas a um relevo de serra, composto por sucessivas cristas e vales encaixados e

¹¹⁷ CLIMATE.DATA.ORG. **Clima – Araponga**. (Figura 16). Disponível em: <<http://pt.climate-data.org/location/176511/>>. Acesso em 19 de outubro de 2016.

¹¹⁸ IEF. Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**, 2007, 98p.

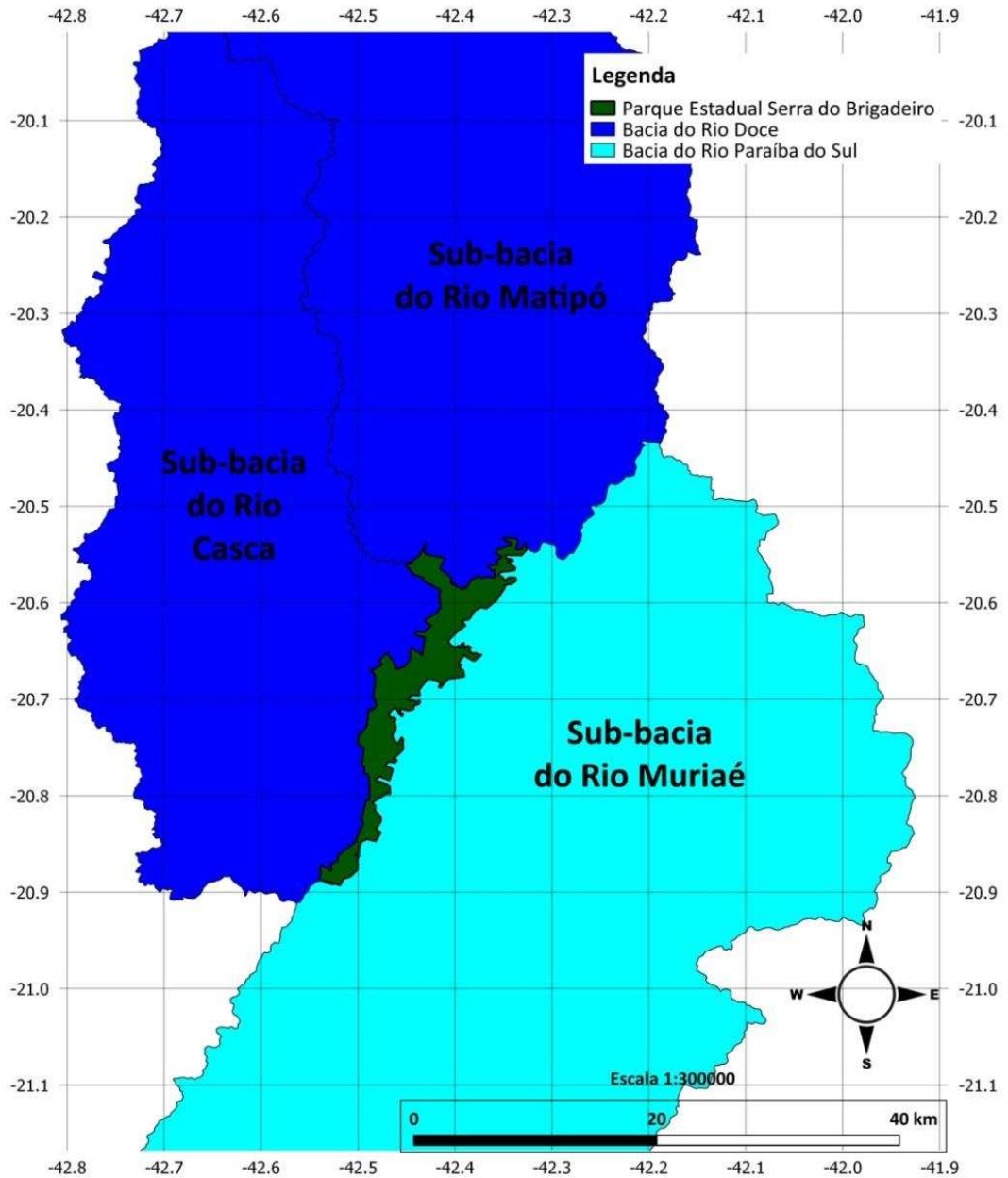
¹¹⁹ IEF. Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**, 2007, 98p. p. 4.

¹²⁰ BENITES, Vinicius Melo. **Caracterização química e espectroscópica da matéria orgânica e suas relações com a gênese de solos da Serra do Brigadeiro, Zona da Mata Mineira**. 1998. 123 f. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1998.

¹²¹ FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org). *Ibidem*. p.5.

estreitos, proporcionam o surgimento de várias cabeceiras de cursos d'água, que abastecem tributários dos rios Paraíba do Sul e Doce (Figura 17 e 18)¹²².

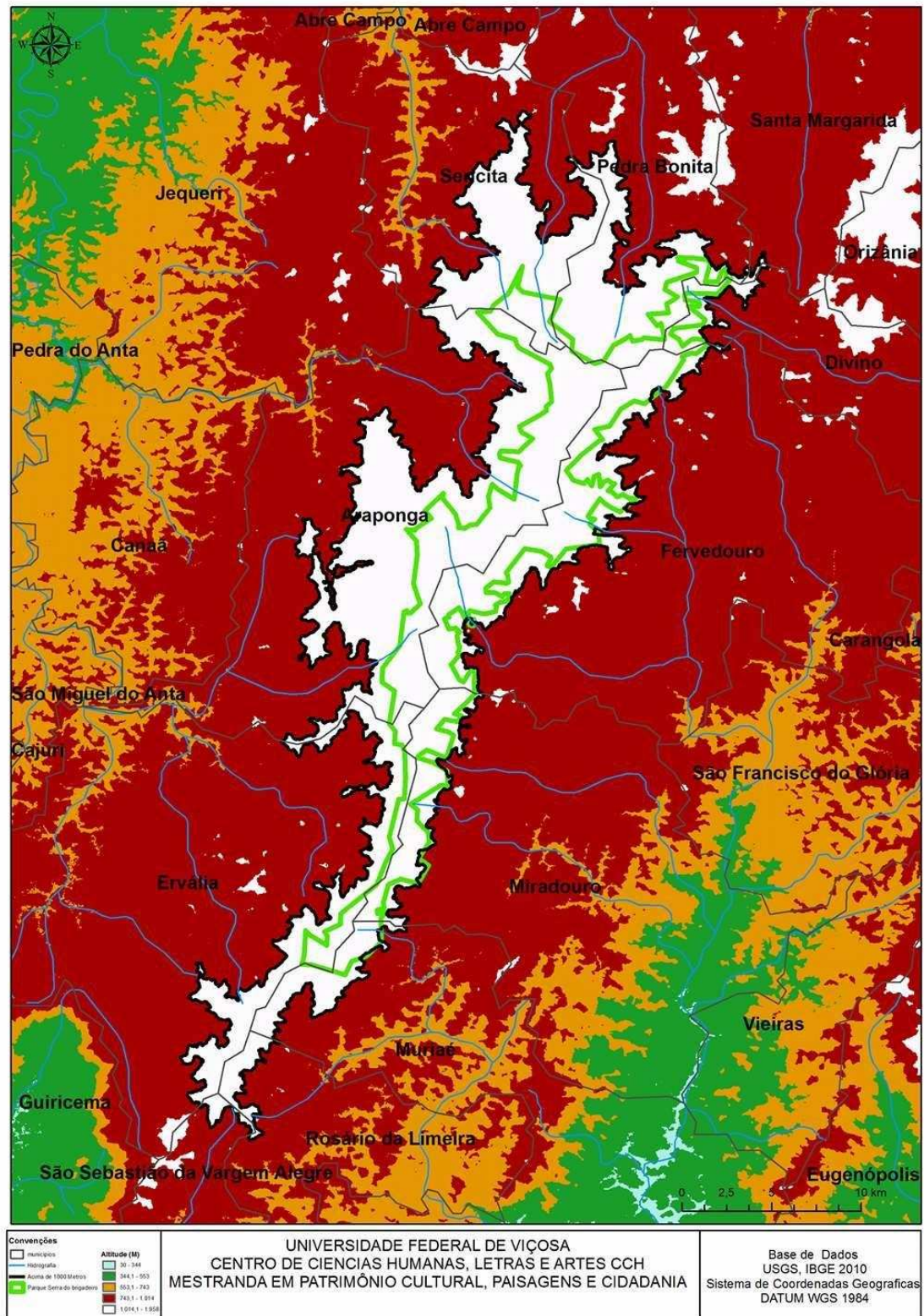
Figura 17: Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul e do Rio Doce.



Fonte: Arquivo PESB.

¹²² IEF. Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**, 2007. 98p. p. 4.

Figura 18: Delimitação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e o limite da cota 1.000 metros de altitude, com a presença dos principais canais fluviais que nascem na Serra do Brigadeiro



Fonte: Laboratório de Bioclima UFV. 2017.

Apesar de inserido na região fitogeográfica da Floresta Estacional Semidecidual¹²³, com estações secas e chuvosas bem definidas, a maior parte da área do Parque é recoberta por formações florestais com características ombrófilas. Em áreas acima da cota de 1.600 m, em platôs e pontões isolados, ocorrem extratos expressivos de campo de altitude, formando Complexos Rupestres de Altitude¹²⁴.

3.5. A zona de amortecimento do Parque Serra do Brigadeiro

Será considerada na pesquisa a zona amortecimento do PESB. Segundo definição do SNUC, zona de amortecimento é a área do entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade.

A população da zona de amortecimento tem origens culturais distintas. Na parte oriental, mais íngreme, encontram-se descendentes de migrantes europeus, que chegaram à região no início do século XX. Já na parte ocidental, encontram-se principalmente remanescentes de população negra e dos antigos Puris¹²⁵.

Dados do Plano de Manejo, bem como do IBGE (2000), apontavam que apenas a cidade de Muriaé tinha maioria populacional vivendo na cidade. Porém, o Quadro 9 vai mostrar que essa conjuntura de maioria da população dos municípios que compõem o PESB vivendo na zona rural está mudando significativamente, o que pode estar ligado às poucas condições de sobrevivência na zona rural do entorno do PESB e, por isso, aumento do êxodo rural e até mesmo migração para outras cidades e estados do Brasil. Ao observar os dados, nota-se um aumento populacional de 7,73%, entre 2000 e 2010, um decréscimo de 8,85% da população rural.

¹²³ IEF. Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**, 2007. 98p. p. 4.

¹²⁴ BENITES, Vinícius Melo. **Caracterização dos solos e das substâncias húmicas em complexos rupestres de altitude**. 2002. 86f. Tese (Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

¹²⁵ FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org.) **Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e entorno**. SIMPÓSIO CONTRIBUIÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO INTEGRADO E PARTICIPATIVO DO PESB E ENTORNO. Anais... Viçosa: UFV, 2000.p. 4.

Quadro 9: Dados Demográficos

Municípios	Área (Km ²)	2000			2010		
		População Total (hab.)	População Urbana (hab.)	População Rural (hab.)	População Total (hab.)	População Urbana (hab.)	População Rural (hab.)
Araponga	303.79	7.911	2.537	5.374	8.152	3.041	5.111
Divino	337.78	18.425	8.668	9.757	19.133	10.796	8.337
Ervália	357.49	17.010	7.555	9.455	17.946	9.470	8.337
Fervedouro	357.68	9.670	3.714	5.956	10.349	4.764	5.585
Miradouro	301.67	9.770	4.918	4.852	10.251	5.671	4.580
Muriaé	841.69	91.525	83.347	8.178	100.765	93.225	7.540
Pedra Bonita	173.93	6.238	1.303	4.935	6.673	1.807	4.866
Rosário da Limeira	111.16	3.863	1.645	2.218	4.247	2.296	1.951
Sericita	116.01	6.990	3.020	3.970	7.128	3.718	3.410
Total	2.951,20	171.402	116.707	54.695	184.644	134.788	49.856

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000).¹²⁶

No entorno do Parque, predominam pequenas propriedades agrícolas com produção familiar sem assistência técnica e baixo acesso à tecnologia e mecanização. As características topográficas da região, com declives acentuados, são impróprias para a pecuária, resultando em baixa produtividade. A pequena oferta de atividades industriais e serviços e a dificuldade para absorver o excedente de mão de obra agrícola gera um intenso fluxo migratório, em especial no meio rural, tanto interno como externo à região¹²⁷.

Na Zona da Mata, as propriedades de até 100 hectares concebem 90,2% do número total de estabelecimentos. Na Serra do Brigadeiro, a concentração de pequenas propriedades é ainda maior, sendo que 97% das propriedades têm área menor do que 100 hectares. A concentração maior está nas propriedades com menos de 20 hectares, totalizando 65% das propriedades da Serra, como indica o Quadro 10.

¹²⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2010. .

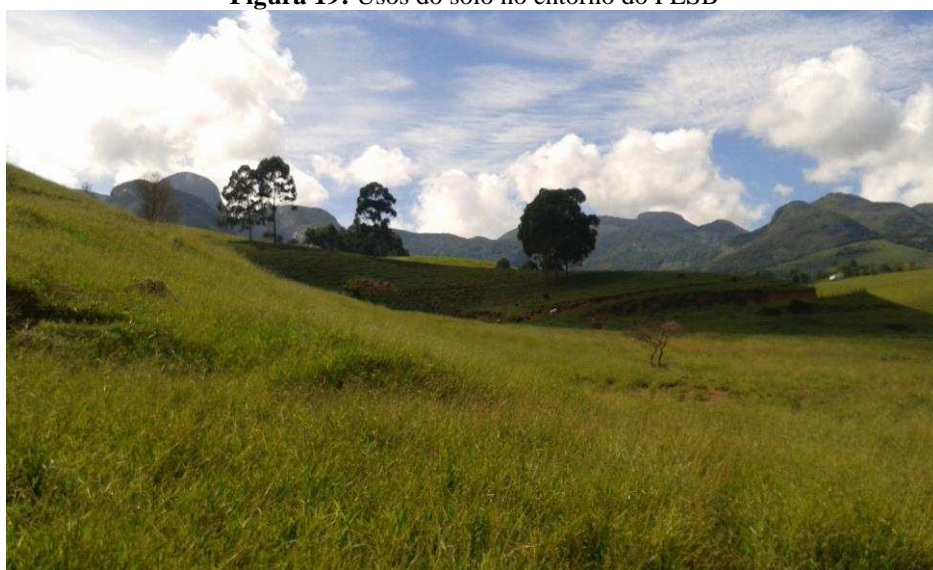
¹²⁷ FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org). *Ibidem*. p. 3.

Quadro 10: Estrutura Fundiária no entorno do Parque

Área	% do Total
Menor de 20 hectares	65%
Menor de 50 hectares	92%
Menor de 100 hectares	97%
Maior de 100 hectares	3%

Fonte: CTA-ZM. Arquivo interno.

O trabalho agrícola é dedicado, principalmente, à produção cafeeira nas terras altas e à pecuária nas áreas de baixada, como mostram as Figuras 19 e 20, além de pequena parcela da agricultura sendo desenvolvida em regime de trabalho familiar de subsistência, que vem crescendo através da agroecologia¹²⁸. A pecuária e a cafeicultura, portanto, foram as principais atividades responsáveis pela ocupação da região e também pela sua devastação, prevalecendo até os dias atuais. O manejo impróprio do solo, aliado às limitações ao uso agrícola, dada à elevada declividade, deflagrou vários processos de degradação ambiental, especialmente os processos erosivos¹²⁹.

Figura 19: Usos do solo no entorno do PESB

Fonte: SILVA, 2016. (Acervo da autora)

¹²⁸ BARBOSA, Willer. **Cultura Puri e educação popular em Araponga, MG**: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente. 2005. 234f. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

¹²⁹ FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org.). *Op. Cit.* p.20.

Figura 20: Usos do solo no entorno do PESB



Fonte: Silva, 2016 (Acervo da autora).

A produção de café, acompanhada pela produção de grãos para autoconsumo, representa grande parte da produção agrícola dos municípios do Território Rural da Serra do Brigadeiro (TRSB). Somente no município de Miradouro, a produção de milho é superior, em números de estabelecimentos e em valor da produção, à produção de café¹³⁰. E, no caso, a área de cultivo do café situa-se próxima ao limite com o Parque, como pode ser visto na Figura 21, onde localiza-se também a estrada, já nas proximidades do pórtico de entrada do Parque. Abaixo está um registro do cultivo de café acima e abaixo da estrada.

¹³⁰ IBGE. Censo Agropecuário. 2006.

Figura 21: Cultivo de café acerca de 900 metros de altitude, na BR-482



Fonte: SILVA, 2016 (Acervo da autora).

A criação do Território da Serra do Brigadeiro (TSB) foi uma das tentativas de fixação do agricultor no meio rural, tendo como objetivo promover a implantação e integração de políticas públicas com a finalidade de melhorar a qualidade de vida dos agricultores familiares, comunidades rurais e diminuir as desigualdades regionais. O TSB está incluído dentro da política pública dos territórios rurais, também conhecido como Território Rural da Serra do Brigadeiro (TRSB).

O conceito de território adotado pelo TSB é definido por um conjunto de municípios com características semelhantes, definido como um:

Espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população, com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial¹³¹.

O conceito de território adotado vem ganhando espaço no campo das políticas públicas, destacando-se o ano de 2003, com a entrada em vigor, no Brasil, do programa

¹³¹BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA)/SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL (SDT). **Referências para uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável no Brasil**. 2005.

de desenvolvimento rural com enfoque territorial, realizado no âmbito da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Desde então, foram instituídos 164 Territórios Rurais em diferentes estados e regiões do país¹³².

O Território da Serra do Brigadeiro – TSB está entre os primeiros Territórios que foram homologados, em 2003, pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial – SDT, do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, para fazer parte do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais – PRONAT. Constituído pelos municípios de Araponga, Divino, Ervália, Fervedouro, Miradouro, Muriaé, Pedra Bonita, Rosário de Limeira e Sericita, o TSB tem como principais elementos de identidade os aspectos ambientais, econômicos e culturais que permearam o processo de criação e implantação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro¹³³.

De acordo com Ferrari¹³⁴, a construção do TSB remete à criação do Parque e também às articulações entre organizações e sujeitos locais do entorno do PESB, que lutaram pela legitimidade e pelo fortalecimento da agricultura familiar. A articulação e identificação entre os moradores e o PESB aconteceram de tal forma que a existência da Unidade de Conservação é também considerada como fator que possibilita a construção de identidades territoriais da Serra do Brigadeiro.

3.6. Sobreposições de limites territoriais e as dificuldades de manejo no PESB

O Parque Estadual Serra do Brigadeiro, enquanto Unidade de Conservação, passa por alguns entraves¹³⁵ que influenciam diretamente no seu manejo. Considerando que o PESB abriga oito municípios (Araponga, Fervedouro, Divino, Miradouro, Ervália,

¹³² BRASIL/MDA/INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Índices Básicos 2005. Definição de Indicadores Cadastrais**. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=153&Itemid=182>. Acesso em 02 de Junho de 2017.

¹³³ BRASIL/MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO/SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL. **Território da Serra do Brigadeiro-Minas Gerais**. Brasília, 2006.

¹³⁴ FERRARI, Clara Teixeira. **Desenvolvimento Territorial: Olhares Geográficos para a construção de territorialidades alternativas, um estudo a partir do Território Rural da Serra do Brigadeiro**. 97 f. Monografia (Departamento de Geografia) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG. 2008.

¹³⁵ Os entraves e conflitos serão melhor analisados no capítulo de resultados e discussões da pesquisa.

Sericita, Muriaé, Pedra Bonita), os quais integram quatro microrregiões distintas (Viçosa, Muriaé, Manhuaçu e Ponte Nova), cada qual com sua história de ocupação e perfil socioeconômico, pode-se identificar que a região apresenta elementos de isolamento e falta de articulação regional¹³⁶.

Mesmo abrangendo nove territórios rurais (Araponga, Fervedouro, Divino, Miradouro, Ervália, Sericita, Muriaé, Pedra Bonita e Rosário da Limeira), seis comarcas (Miradouro, Ervália, Carangola, Muriaé, Divino e Abre Campo), três dioceses Mariana, Leopoldina, e Caratinga) e três circuitos turísticos (Circuito Turístico Serra do Brigadeiro-ABRIGA, Circuito Turístico Montanhas e Fé e Circuito Serras de Minas), o PESB possui apenas um único órgão responsável, o IEF, que, nos últimos anos, perdeu sua função de polícia, aumentando os problemas no Parque, pois, depende das comarcas que compõem a unidade de conservação para a realização de suas operações¹³⁷. Nesse sentido, o Parque do Brigadeiro pode ser estudado como um campo definido por conflitos.

O território também abriga outras Unidades de Conservação pertencentes ao seu entorno, entre Áreas de Preservação Ambiental (APA¹³⁸) e Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN¹³⁹), como mostra o Quadro 11.

¹³⁶ INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**, 2007. 98p. p. 20.

¹³⁷ As comarcas atendem ao chamado caso o acontecido seja dentro do limite estabelecido para sua atuação.

¹³⁸ Área de preservação permanente: área protegida nos termos dos arts. 2º e 3º da lei 4771 do código florestal, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.

¹³⁹ É uma unidade de conservação criada em área privada, gravada em caráter de perpetuidade, com o objetivo de conservar a diversidade biológica. A criação de uma RPPN é um ato voluntário do proprietário, que decide constituir sua propriedade, ou parte dela, em uma RPPN, sem que isto ocasione perda do direito de propriedade. INSTITUTO CHICO MENDES DE BIODIVERSIDADE. **Reserva Particular do Patrimônio cultural**. Disponível em <<http://www.icmbio.gov.br/menu/rppn-reservaparticular-do-patrimonio-natural>>. Acesso em 10 de Maio de 2017.

Quadro 11: Unidades de Conservação do Entorno

MUNICÍPIO	DESCRIÇÃO
Araponga	APA Araponga
Divino	APA Fervedouro, RPPN Federal Panelão dos Muriquis e RPPN Estadual Fazenda Boa Vista
Ervália	APA Ervália
Fervedouro	* APA Divino
Miradouro	* Miradouro
Muriaé	APA Pico do Itajuru, RPPN Estadual Usina Coronel Domiciano e APA Pontão
Sericita	-----
Pedra Bonita	-----
-	10

Fonte: CTA-ZM. Dados da Diretoria de Proteção de Biodiversidade do IEF-MG, dezembro de 2002.

* **Em fase de criação e/ou regularização, pois não consta a existência de acordo com a Diretoria de Proteção de Biodiversidade do IEF.**

Essas Unidades de Conservação são importantes para a proteção da área do entorno do PESB. As RPPN e as APA são áreas de conservação que, na maioria das vezes, não conseguem atender os quesitos de conservação ideais para o entorno de um Parque e, muitas vezes, podem sobrepor a Unidade principal. Como a presente pesquisa se pautou no município de Araponga, a única APA pelo qual percorremos no caminho deste estudo foi a APA-Araponga, como identificada na Figura 22.

Figura 22: Placa APA de Araponga

Fonte: Autoria de Tatiane Cristina da Silva.

A Figura 22 foi retirada a caminho da sede do PESB e a partir da placa que orienta a educação ambiental e também a necessidade de proteção no entorno do

Parque. No entanto, em uma entrevista com um dos funcionários da Secretaria de Agricultura e Turismo do município de Araçuaia, este ressaltou que “infelizmente, apesar de oferecermos várias palestras de orientação às famílias do entorno, nós não conseguimos controlar o uso e ocupação do solo da nossa cidade. O desmatamento, por exemplo, apesar de muitos saberem que está fora da lei, é prática preferida, pois muitos agem na ilegalidade e escolhem por arcar com as consequências”¹⁴⁰.

¹⁴⁰ Entrevistado nº 11, em entrevista concedida à autora.

Capítulo 4: O Caminho Percorrido

O presente capítulo tem por finalidade apresentar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

Para que esta pesquisa se realizasse, após aprovação no mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, foi feita uma visita à área de estudo com a finalidade de conhecer melhor o ambiente e delimitar qual seria o foco principal da pesquisa a ser desenvolvida. Após definição do tema e da área de abrangência, foi elaborado o projeto de pesquisa, devidamente registrado no Comitê de Ética da UFV, com aprovação em agosto de 2016. Após essa aprovação, o estudo começou a ser construído, sendo apresentados, neste texto, os resultados obtidos com a pesquisa.

4.1. Ambiente de Pesquisa

O município do entorno do PESB escolhido para a realização da pesquisa foi Araponga-MG. A amostra selecionada no município de Araponga se explica por ser o maior município que envolve o Parque, sendo também o que participou de forma mais efetiva da criação dessa unidade de conservação. Além disso, esse município se constitui no principal acesso ao PESB e à área de maior proximidade geográfica da pesquisadora deste estudo.

A pesquisa analisou as tensões e conflitos entre os agentes envolvidos na criação do Parque Serra Brigadeiro que vivem no município de Araponga-MG, bem como a importância dessa Unidade de Conservação para a população e os entraves entre poder público que rege a UC e a população do entorno.

4.2. Técnica de coleta de dados

A pesquisa utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas como técnica de coleta dos dados, tendo em vista complementar os objetivos propostos e a elaboração do produto deste estudo. Além das entrevistas, foram consultadas publicações científicas que abordam a temática em estudo, assim como outras literaturas que auxiliassem na

compreensão de paisagens-território definidas por conflitos, tensões, relações de poder e forte resistência.

A entrevista semi-estruturada, segundo Manzini¹⁴¹, está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Nesse sentido, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Para realização das entrevistas, foram feitas visitas ao local de estudo, a fim de solicitar informações *in loco* aos moradores do município de Araponga. Esses, por sua vez, passaram pelo processo de institucionalização do Parque e possuem informações sobre os conflitos ambientais embutidos nesse território, bem como as razões que motivaram a sua implantação; a importância de sua criação para a dinâmica social local e para a preservação do fragmento florestal; os diferentes usos sociais e significados do mesmo para a população do entorno.

Foram feitas entrevistas com 10 famílias de agricultores do município de Araponga, as quais foram escolhidas obedecendo aos dois critérios: associação ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Araponga¹⁴² e participação no processo de institucionalização do Parque. As entrevistas abarcaram também um funcionário do Parque, um funcionário da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente e o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga, com a finalidade de entender diferentes visões e opiniões sobre os conflitos nessa paisagem-território.

As entrevistas foram devidamente gravadas e transcritas literalmente, com vistas à descrição densa sobre as várias percepções dos entrevistados com relação ao processo de institucionalização do Parque. Com base no levantamento de dados, mediante análise qualitativa e quantitativa, os dados foram tabulados, analisados e discutidos buscando responder aos objetivos propostos e ao problema de pesquisa. As metodologias

¹⁴¹ MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**, p. 1. Disponível: <<http://www.sepq.org.br/IIcipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>> Acesso em 13 de maio 2015.

¹⁴² Considerando a falta de membros que tivessem participado de forma efetiva da criação do parque como filiados ao sindicato dois dos entrevistados não são filiados ao sindicato, apenas participaram do processo de criação do PESB.

utilizadas foram realizadas a partir do consentimento dos entrevistados, uma vez que foi redigida uma carta de permissão para elaboração das entrevistas, sendo somente participantes da pesquisa os entrevistados que se julgaram dispostos a contribuir com o estudo. Foi solicitada, também, uma autorização para realização de filmagens, fotos e gravações, sendo que os nomes dos participantes e de seus familiares não foram revelados nos trabalhos e nos documentos escritos na pesquisa, mantendo a integridade dos ajudantes e fundamentais parceiros deste trabalho.

O Quadro 12 indica o número de entrevistas realizadas a localidade onde os entrevistados residem e o dia de realização das entrevistas.

Quadro 12: Entrevistas Realizadas em Araponga.

Entrevistas Realizadas	Localização-Araponga	Dia de Realização da entrevista
Agricultor 1	Fazenda do Brigadeiro	01/05/17
Agricultor 2	Praia Danta	01/05/17
Agricultor 3	Córrego Tromba Danta	01/05/17
Agricultor 4	Córrego do Boné	01/05/17
Agricultor 5	Córrego do Boné	01/05/17
Agricultor 6	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 7	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 8	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 9	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 10	Serrinha	13/05/17
Membro da Secretária de Agricultura e Meio Ambiente	Araponga-Área Urbana	24/03/17
Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Praia Danta	29/04/17
Membro do Parque Estadual Serra Brigadeiro	Sede do Parque	24/03/17
Agricultor 1	Fazenda do Brigadeiro	01/05/17
Agricultor 2	Praia Danta	01/05/17
Agricultor 3	Córrego Tromba Danta	01/05/17
Agricultor 4	Córrego do Boné	01/05/17
Agricultor 5	Córrego do Boné	01/05/17
Agricultor 6	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 7	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 8	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 9	Serra das Cabeças	13/05/17
Agricultor 10	Serrinha	13/05/17
Membro da Secretária de Agricultura e Meio Ambiente	Araponga-Área Urbana	24/03/17
Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Praia Danta	29/04/17
Membro do Parque Estadual Serra Brigadeiro	Sede do Parque	24/03/17

Fonte: SILVA, 2017. (Autoria da autora).

4.3. Visões da população e ambiente de pesquisa

Foram cerca de 200 km percorridos em visitas a dez famílias de trabalhadores rurais do município de Araçuaia. A área rural visitada compreendeu a Serra das Cabeças, comunidade próxima à cancela de entrada do Parque, Serrinha, Praia Danta e Estouro que compreende a maior comunidade rural de Araçuaia e estão divididos entre vilarejos menores, entre eles, alguns dos visitados na pesquisa, foi o Córrego do Boné, Fazenda do Brigadeiro e Córrego Tromba Danta.

No caminho da comunidade de Estouro, principalmente, encontram-se grandes latifúndios com predominância da pastagem nas partes mais baixas. No sopé, estão as famílias entrevistadas, das quais se destacam trabalhadores rurais que precisam do trabalho no campo para sobreviver. A luta dessas famílias por manter seu pedaço de terra e o sustento familiar fez com que a maioria dos trabalhadores rurais desse município participasse de reuniões e lutasse, junto aos sindicatos e organizações sociais, para que a cota 1000¹⁴³, proposta inicial de construção do Parque, não fosse concretizada.

Esses agricultores falam com orgulho de terem feito parte da construção do Parque e também de terem conseguido manter suas famílias enraizadas naquele território, no espaço que teoricamente deveria ser implantado o Parque. Em entrevista, um dos agricultores faz sua ponderação com base na construção do PESB e na permanência das famílias no entorno. “O parque só é parque porque as espécies são do parque, mas para preservar depende do ser humano. Isso foi o que eu falei nas reuniões de que participei”¹⁴⁴.

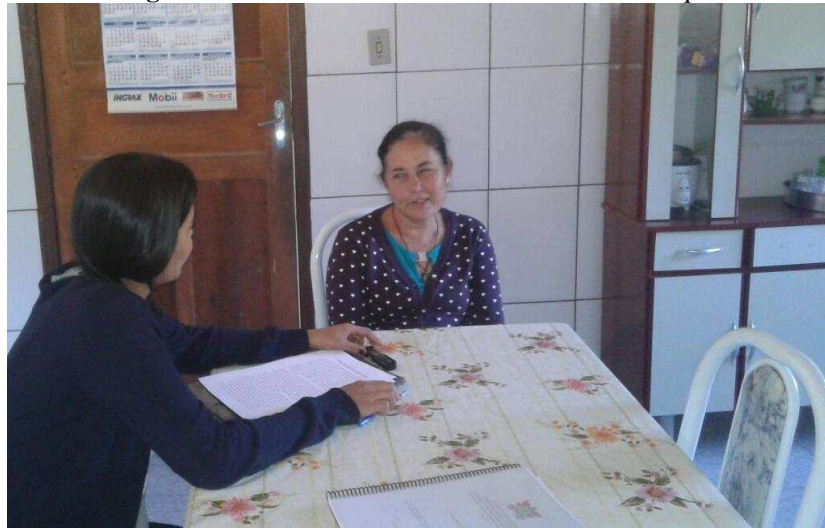
Famílias simples, receptivas, que gentilmente já convidam para entrar em suas residências e logo oferecem um café. Até hospedagem foi oferecida, uma vez que a noite chegava e o trabalho de campo ainda acontecia. Formada tal população por líderes religiosos, contadores de história, trabalhadores rurais, produtores rurais, líderes comunitários, cada um com seu trabalho e função na comunidade. Essa diversidade de visões, olhares e gênero foi crucial para o desenvolvimento desta pesquisa. As Figuras

¹⁴³ Proposta inicial de criação do parque onde toda a área acima de 1000 metros seria incluída na Unidade de Conservação.

¹⁴⁴ Entrevista nº1 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

23 e 24 mostram duas imagens obtidas durante as entrevistas a campo na Serra das Cabeças e Serrinha, respectivamente.

Figura 23: Entrevistas realizadas no entorno do Parque



Fonte: Aatoria de Wemerson Carlos da Silva

Figura 24: Entrevistas realizadas no entorno do Parque



Fonte: Aatoria de Wemerson Carlos da Silva

Encontrar as famílias em casa durante o período da colheita do café, foi tarefa complicada, pois a maioria está trabalhando na colheita do café, principal atividade econômica da região¹⁴⁵. Nas palavras do presidente do sindicato rural:

Aqueles que não estão trabalhando na colheita de café estão cuidando do café no terreiro e buscando as sacas na lavoura. Muitas famílias só trabalham nessa época do ano, a nossa colheita dura cerca de seis meses (abril a setembro), as famílias reservam o dinheiro pra sobreviver durante os outros meses¹⁴⁶.

4.4. Produto

Foi elaborada uma cartilha que teve como focos a discussão da implantação do PESB, a história do município de Araçuaia-MG, a preservação da natureza, os espaços de visitação do PESB, a educação ambiental no Parque e algumas percepções sobre a população de Araçuaia.

A cartilha surgiu de uma demanda que foi verificada com a gerência do Parque em visita ao local, uma vez que a sede não apresenta nenhum material que tenha como prioridade uma discussão mais ampla da Unidade de Conservação e de sua zona de amortecimento. O material foi elaborado com base no diálogo entre agricultores, funcionários do Parque, sindicato rural, nas entrevistas coletadas e nos levantamentos cartográficos e bibliográficos discutidos neste estudo.

Após a confecção do referencial teórico, as informações foram dispostas de forma didática, ilustrada e de compreensão acessível. O público-alvo, ao qual se destina a cartilha, é composto por estudantes da educação básica da cidade de Araçuaia, agricultores do entorno do Parque, turistas que visitam a sede do PESB e demais interessados no tema.

¹⁴⁵ A maioria das entrevistas foi realizada aos sábados, a fim de população que trabalha durante a semana na colheita do café.

¹⁴⁶ Entrevista nº12 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

PARTE II

Capítulo 5: PESB: Uma paisagem em conflito?

5.1. Introdução

O presente capítulo deste estudo fará uma abordagem dos conflitos ambientais presentes no território do PESB, visando a identificar os conflitos a partir das entrevistas realizadas com os agentes selecionados.

Após a realização das entrevistas, foram elaboradas categorias para as análises das mesmas, tendo em vista a criação do Parque e a importância dos agricultores do entorno para preservação dos remanescentes de floresta existentes na paisagem em análise. Com foco em trabalhar as dificuldades no manejo da Unidade de Conservação, a proposta foi desvendar os diferentes conflitos de interesses entre a população do entorno e o poder estatal.

- 1) Iniciativas de criação do Parque, problemas que ocorreram e a organização e luta dos moradores para não serem desapropriados.
- 2) Reconhecimento da importância do Parque por parte das pessoas, e a importância do homem para a preservação da natureza.
- 3) Conflitos e a identificação daquilo que incomodam os moradores do entorno até os dias atuais.

Essas categorias foram criadas para estabelecer uma linha de raciocínio desde as primeiras iniciativas de criação do Parque, na década de 1990, até os dias de hoje.

5.2. Primeiras iniciativas de Criação do Parque

Durante as entrevistas, pôde-se observar que o PESB, nos dias de hoje, tem sua importância reconhecida pela maioria da população que vive no entorno. Porém, nem sempre foi assim, como evidencia o relato abaixo:

Na época que começou esse Parque aqui pra nós foi a maior tristeza. Para muitos não podia acontecer não. Esse povo que estava ao redor do parque tanto aqui como do outro lado da Serra seria tudo desapropriado na época.

Então o povo ficou preocupado. Como iria ter um parque se as pessoas não tinham para onde ir.¹⁴⁷

Esse drama relatado por um dos agricultores foi recorrente nas entrevistas de campo, uma vez que, diante da proposta inicial de construção do Parque, a maioria da população perderia suas terras e, conseqüentemente, o seu sustento. Foi a partir daí que a população começou a se mobilizar, participar de reuniões, criticar as propostas estabelecidas e, junto aos sindicatos e ao Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA), procurar alternativas para que não houvesse desapropriação de suas famílias. Além disso, os moradores passaram a acompanhar as reuniões que estavam acontecendo em prol da construção do Parque e a buscar os direitos e estabelecer acordos junto dos órgãos responsáveis pela implantação do PESB. Isso é possível perceber na arguição do presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Araponga em entrevista à autora.

Uma das discussões era que a terra estava muito fraca, aí um dos agricultores perguntou como vamos melhorar a terra se vamos perder ela para criar bicho? Uma contradição né? Cria uma proposta pra poder tentar fazer um trabalho com os agricultores diferente e aparece uma que não vale a pena, pois vou perder a Terra. Foi a partir daí que cria a demanda dos agricultores de saber que parque era esse, que criação era essa e aonde era mesmo. Porque dizia cota 1000, que cota 1000 é essa? Onde a cota 1000 passava? Foi um trabalho de correr até o IEF pra mostrar o mapa pra gente, eles escondiam não mostrava aí o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da época foi a uma das reuniões e representou regionalmente os agricultores, foi onde foi feito um diagnóstico em Muriaé e aí o IEF liberou o mapa. Aí começou a corrida atrás, reuniões e mais reuniões, mobilizações para levar o maior número de agricultores possíveis em busca de alterar a proposta inicial que tiraria todos nós da nossa Terra¹⁴⁸.

O relato indica que, de início, os agricultores não tinham conhecimento de como se daria a implantação do PESB e da importância da construção dessa Unidade de Conservação. Mas, a partir da demanda de proteger suas terras, eles identificaram a relevância em fazer parte do processo de criação do Parque Serra do Brigadeiro, uma vez que os maiores prejudicados com a consolidação da cota 1.000 seriam os próprios moradores do entorno.

¹⁴⁷ Entrevista nº 5 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁴⁸ Entrevista nº 12 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

Segundo Gjorup¹⁴⁹, a criação de Unidades de Conservação sem a participação e sem o apoio das populações locais não funciona. Se a população não participa, não se envolve e não é informada das decisões relacionadas com o ambiente, a tendência é de se obter resultado oposto ao que se almeja.

Com apoio dos agricultores, que, a partir das reuniões, começavam a entender a criação do Parque, esse foi sendo pensado para tentar conter o intenso processo de devastação pela qual a floresta do Brigadeiro passava, principalmente nas décadas de 1960 e 1970.

De acordo com Couto e Dietz, a partir de informações colhidas na escola Superior de Florestas, em 1960, o desmatamento na Fazenda do Brigadeiro assumia um ritmo acelerado. Diversas espécies de madeira, de alto valor econômico, eram derrubadas para a produção de carvão, entre elas cedro, cangerana, peroba, canela, vinhático, jequitibá, orelha-de-onça, ipês, liquerana e murici, praticamente já extintas na Zona da Mata de Minas Gerais¹⁵⁰.

Com a finalidade de tentar conter o desmatamento e preservar parte da biodiversidade da Mata Atlântica, é criado, no ano de 1996, o Parque Estadual Serra do Brigadeiro, contando com o envolvimento da população local e de instituições, como sindicatos, ONGs e a Universidade Federal de Viçosa, sem, contudo, desapropriar os pequenos agricultores e/ou a população tradicional do entorno. Em entrevista concedida à autora, um dos agricultores aponta sua opinião sobre a construção do PESB.

(...) a criação do nosso parque é considerada participativa, porque ele foi pensado a partir de várias reuniões e nelas todas as comunidades rurais da Serra do Brigadeiro tinham o seu representante. Eu mesmo era representante da minha comunidade e tinha o papel de ir nas reuniões e depois repassar pra comunidade. Quando eu era comunicado das reuniões muitas vezes ia de casa em casa convidando pra que todos pudessem participar. Se nós não atuássemos mais de 400 famílias do entorno seriam desapropriadas¹⁵¹.

Conforme afirma Gjorup¹⁵², todas as comunidades manifestaram interesse em participar do processo de criação do Parque, uma vez que seriam desapropriadas cerca de 400 famílias que viviam acima da cota de 1.000 m de altitude. As comunidades

¹⁴⁹ GJORUP, G. B. **Planejamento Participativo de uma Unidade de Conservação e do seu entorno: O caso do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais**. 1998. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 1998.

¹⁵⁰ COUTO, E. A. & DIETZ, J.M. **Sugestões para criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Viçosa, MG: UFV e IEF, 1976.

¹⁵¹ Entrevista nº 5 concedida a Silva, Tatiane Cristina da

¹⁵² GJORUP, G. B. *Op. Cit.*

tinham o papel de indicar seus representantes para participarem das reuniões com o IEF e do processo de discussão dos critérios a serem seguidos para a criação do Parque Serra do Brigadeiro.

Para Bomfim, a criação do Parque Serra do Brigadeiro com participação da comunidade foi um momento histórico, quando a sugestão inicial do Governo do Estado de Minas Gerais foi revista e a área do PESB foi redefinida, de forma que as terras dos agricultores familiares fossem mantidas fora dos limites do Parque. As áreas de mata dos agricultores dentro dos limites do PESB seriam negociadas, caso a caso, com o IEF no processo posterior de regularização fundiária¹⁵³.

5.3. Percepções sobre a criação do PESB

Quando questionados sobre a importância da criação do Parque, as opiniões são as seguintes: “Foi uma maravilha por causa da água, das nascentes”¹⁵⁴; “É importante né, pra preservar o meio ambiente, por causa dos bichos que tem né. E também gerar emprego para a população do entorno”¹⁵⁵; “Hoje graças a Deus quase não temos mais fogo, até produzir nossa terra melhorou demais”¹⁵⁶.

Ótima coisa essa criação do Parque, o pessoal era danado pra botar fogo, colocava fogo de lá pra cá de 3 em 3 meses. Porque a gente tem que preservar eu estou com 75 anos eu já vou, vocês em vem né, se nós formos desmatar tudo acabou uai. Árvore grossa a nova geração não vai conhecer porque o homem é um veneno pra destruir¹⁵⁷.

Água, primeiro remédio da fonte da vida do sujeito. Se não fosse a criação do parque ia acabar tudo, como você vai viver sem água. A maior importância do parque é a preservação dos produtos naturais. Os produtos naturais diminui por causa do desmatamento¹⁵⁸.

É muito importante preservar né, porque é a natureza que trás água pra gente, não sei se você sabe, mas essas serras tem várias espécies que só tem aqui e muitas estão em extinção, se homem continuar destruindo vai acabar é tudo, por isso é que criou esse parque. Essa população toda daqui conscientizou muito com a vinda do parque¹⁵⁹.

¹⁵³ Bomfim. Verônica Rocha. *Op. Cit.*

¹⁵⁴ Entrevista nº 5 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁵⁵ Entrevista nº6 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁵⁶ Entrevista nº 9 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁵⁷ Entrevista nº 10 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁵⁸ Entrevista nº 1 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁵⁹ Entrevista nº 2 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

Os entrevistados ressaltam que o Parque foi importante, principalmente no que diz respeito à preservação dos cursos d'água, menor taxa de desmatamento, diminuição da queimada, melhoramento do solo, geração de emprego (mesmo que reduzida nos últimos anos) e, sobretudo, na preservação das espécies de flora e fauna que o Parque abriga.

Vamos sempre. Tem datas marcadas pra ir lá. Sexta-feira da paixão é sagrada, levantamos de manhã juntamos a comunidade e partimos, lá fazemos uma celebração bonita lá na Ermida. Gosto de ir também porque lá tem uma maquete muito bonita, tem as trilhas, tem o pessoal que orienta as visitas e também uma moça daqui de perto que trabalha no parque¹⁶⁰.

Um dos elementos importantes que trazem a união entre o Parque e o seu entorno se faz presente na religiosidade. Apesar do distanciamento de grande parte da população do Parque, a religião funciona como um importante elo entre o homem e a natureza. Entretanto, vários outros elementos atrativos podem, de alguma forma, tentar trazer o ser humano para o meio ambiente, como citado na entrevista a partir das trilhas interpretativas, da maquete exposta na sede do Parque e também das relações de trabalho.

Outro assunto importante discutido nas entrevistas é quando o indivíduo se sente parte de uma paisagem-território, mesmo alterando de alguma maneira seus modos de vida e relações com a sociedade, não deixa com que o ser humano se distancie da natureza. “De vez enquanto estou indo lá. Eu não posso ficar muito tempo sem ir lá não. É nosso! Se nós entregar tudo, vai ficar só para os de fora! Aí nós perdemos os direitos”¹⁶¹.

Considerar o PESB como um ambiente familiar acaba por aproximar o homem da natureza, tornando o ser humano crucial para a conservação e preservação da floresta. Quando questionados sobre a importância da população para a manutenção dos remanescentes de Mata Atlântica no Parque, todos os entrevistados afirmaram que o homem é necessário à Unidade de Conservação e atua nela positiva e negativamente. Algumas das respostas foram as seguintes: “Nós precisamos e muito da floresta, mas sem nós a floresta não existe”¹⁶²; “O Parque mudou nossa vida, nossa água estava

¹⁶⁰ Entrevista nº 7 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁶¹ Entrevista nº 1 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁶² Entrevista nº 12 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

acabando, temos muito a melhorar pra poder contribuir com toda essa beleza que temos no nosso quintal”¹⁶³.

Hoje nós já temos consciência da nossa importância, mas no início foi difícil, mas depois as pessoas começaram a ver os benefícios e começou a se conscientizar. A maioria vendia muita madeira aqui. Eu mesmo fui serrador de madeira. A partir das reuniões e simpósio eu aprendi a cultivar e preservar a natureza¹⁶⁴.

Durante muito tempo nosso solo pobre e as poucas tecnologias né acabou por ajudar a manter a floresta, mas com a chegada da Belgo Mineira tudo mudou, porque do nada começou a ter muita coisa que nos nem conhecia direito, pra muitos era bom demais, porque se ficava doente tinha farmácia mais perto, o emprego aumentou demais, mas a floresta foi indo embora junto com aquele progresso repentino. Se o desmatamento não fosse cessado eu não sei o que seria de nós não. Chegamos a um ponto que não tinha mais jeito, nossa água estava por um fio¹⁶⁵.

Para Praça¹⁶⁶, a criação do Parque levará um processo de mudança da realidade vivida naquelas serras, tanto nos termos mais óbvios e materiais, quanto da maneira mais sutil e subjetiva possível. Isso pode ser observado nas relações sociais que ali se desenvolviam e que passaram a estar conectadas a outras, até então pouco presentes, e a transformar-se em sua natureza.

Para Lovejoy, é prioritário reconhecer que cada Unidade de Conservação existe dentro de uma paisagem maior e dentro de um ecossistema mais amplo. Isso sugere a inter-relação entre a unidade e seu entorno, fato que não pode ser ignorado, pois é importante conhecer que a conservação da biodiversidade tem de ocorrer também fora da UC, em especial nas áreas que circundam a unidade¹⁶⁷. Contudo, percebe-se a relevância do entorno para a conservação de um parque.

¹⁶³ Entrevista nº 4 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁶⁴ Entrevista nº 5 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁶⁵ Entrevista nº 2 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁶⁶ PRAÇA, Heitor Levy Ferreira. **Criação de Unidades de Conservação e modernização no meio rural: o caso do entorno do Parque Serra do Brigadeiro, Minas Gerais. 2009.** 124f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

¹⁶⁷ LOVEJOY, T. **Compromissos Globais e multilaterais para conservação da biodiversidade: O papel do Brasil e a importância das Unidades de Conservação brasileiras.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. Anais... Curitiba, PR: IAP-UNILIVRE, Rede Nacional Pro Unidade de Conservação, 1997.

5.4. Conflitos no entorno da Unidade de Conservação

Cabe destacar que a forma como aconteceu a criação do PESB, de maneira participativa, ou seja, com envolvimento dos agricultores do entorno, acabou por diminuir os conflitos nessa Unidade de Conservação, porém, mesmo que em escala inferior, esses ainda existem.

Apesar de todos os entrevistados apontarem grande relevância em consideração à criação do parque, existe, ainda hoje, grande resistência da população com vista à implantação Unidade de Conservação, como apontam alguns dos entrevistados: “Aí dentro da mata tem muito medicamento, nós usava o medicamento. Tem vários remédios, várias coisas, mas não pode ser utilizado”¹⁶⁸; “Às vezes a criação do parque é um problema por causa que a pessoa conhece a planta, sabe que tem, mas não pode buscar”¹⁶⁹.

Não costumo ir ao parque não, infelizmente com a criação do parque os funcionários de lá viram o Estado. O funcionário do Estado esquece que deve trabalhar para o povo. Esse IEF mesmo é visto pela maioria como alguém que vai chegar pra nos punir. Na verdade ele só fiscaliza, mas não traz nenhuma melhoria pra nós¹⁷⁰.

Poucas pessoas daqui frequentam o parque, mais as escolas, pois restringiu muito. De certa forma recuou. Você precisa de alguém pra te conduzir, já não é mais aquela liberdade que era antes. O poder do governo incomoda, muda a relação. A Pedra Redonda, por exemplo, é um lugar que podemos subir a hora que a gente quiser. Não é área de Parque. Subimos quando bem quisermos¹⁷¹.

Os depoimentos das entrevistas analisadas corroboram em identificar os conflitos que a criação de um parque gera à população do entorno. O primeiro deles se faz pela utilização dos recursos de que aquela área dispõe, uma vez que antes da criação, os medicamentos e a madeira podiam ser utilizados por todos e, após a implantação, o uso é proibido e grande parte da população não consegue entender que é pelo bem da natureza e da população que vive naquele ambiente.

O segundo conflito elucidado é o distanciamento dos moradores do entorno do parque, uma vez que a lei e as regras que a Unidade de Conservação exigem, acabam,

¹⁶⁸ Entrevistada nº 1 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁶⁹ Entrevistada nº 5 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁷⁰ Entrevistada nº 3 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁷¹ Entrevista nº 12 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

muitas vezes, por afastar a população das áreas de parque, pois consideram o poder estatal como inimigo e o Parque como uma área que dispõe de um novo dono.

A monitora do Parque, durante a entrevista, corrobora em dizer que: “Para a gestão eficiente da unidade de conservação é preciso buscar o ser humano pra dentro da unidade. Hoje já estamos mais próximos da comunidade, pelo menos quando vamos até eles somos bem recebidos”¹⁷². O funcionário da secretaria de agricultura e meio ambiente confirma a importância da relação do homem e a natureza, porém acredita que precisa de um estreitamento maior entre a gestão e seu entorno. Em suas palavras:

Falta o parque ir mais até o agricultor. Ter mais contato para ver as necessidades deles mesmo. Procurar uma relação mais pacífica. Ver as necessidades pode ajudar diminuir os conflitos mesmo. Uma participação mais efetiva. Falta estreitar a relação, estar mais próximo, claro que hoje com a quantidade de funcionários que tem lá fica mais difícil. Mas estratégias precisam ser criadas pelo próprio órgão gestor. Porque não é só abrir as portas para atender os turistas não¹⁷³.

Em pesquisa no entorno do PESB, em 2001, Bonfim já apontava a relação distante entre o órgão gestor da unidade (IEF) com as comunidades do entorno, por vez que para os moradores cabe ao IEF apenas a função repressora, pois desconhecem a função da instituição em sua totalidade. Desse modo, falta maior aproximação e comunicação entre a instituição e as comunidades¹⁷⁴.

Segundo Benatti, os critérios para a criação das unidades de conservação foram deliberados com base em princípios conservacionistas do início do século, com valores culturais vastamente divergentes da atual realidade brasileira. A Constituição Federal de 1988 dá garantia de preservação à identidade e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Entretanto, o estabelecimento das áreas protegidas tem se dado sob a atuação de uma política de desenvolvimento que, primordialmente, considera os aspectos naturais em detrimento do cultural¹⁷⁵.

¹⁷² Entrevista nº 13 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁷³ Entrevista nº 11 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁷⁴ BONFIM, Verônica Rocha. **Diagnóstico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG**. 2001. 70f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2001.

¹⁷⁵ BENATTI, José. **Unidades de Conservação e Populações Tradicionais: aspectos jurídicos**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PRESENÇA HUMANA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. Anais... Brasília/DF, 26 – 29 de Novembro de 1996.

De acordo com Diegues, na visão naturalista do mundo pós-industrial, a única maneira de proteger a natureza seria afastá-la do homem por meio de criação de ilhas de preservação¹⁷⁶. Esse artifício faz ressurgir antigos mitos que garantiam respeito à natureza pelas civilizações passadas e compõem o grande paradigma para o pensamento técnico-racional, que aponta o desenvolvimento como atrelado ao pensamento mítico e simbólico da natureza.

Outro obstáculo citado pelos entrevistados é a insatisfação dos moradores com a forma que vem sendo organizada a gestão do Parque, uma vez que várias das promessas iniciais, como a geração de emprego para a população do entorno, não são cumpridas pelo órgão gestor, tendo em vista que o parque foi terceirizado e as empresas que ganharam a licitação ficaram responsáveis pela contratação dos funcionários, que é feita por meio de processos seletivos.

Uma das promessas discutidas nas reuniões era geração de emprego pro nosso povo. No início tinha um convênio com a prefeitura e empregava até bastante gente, mas acabou o convênio o parque foi terceirizado e os empregos pra nossa população foi acabando. No início desse ano mesmo teve muitos funcionários mandados embora, um dos funcionários tinha mais de 20 anos de Parque¹⁷⁷.

O parque trouxe várias melhorias, mas estou esperando o que eles falaram com nós nas reuniões e simpósio pra criação do parque, que ia criar mais conforto pra nós que moramos bem perto do parque. Precisa renegociar algumas áreas, legalizar outras áreas pequenas de alguns agricultores. Já estamos em 2017 né. Acho que ele pode trazer mais desenvolvimento ainda, mas talvez em não esteja mais aqui pra presenciar¹⁷⁸.

O conflito se faz na insatisfação da população quanto às promessas e acordos feitos com a população para que fosse estabelecido o Parque. A oferta de emprego para o entorno, por exemplo, diminuiu consideravelmente a partir da terceirização do trabalho no PESB. Assim, a população acaba por criar uma aversão em frequentar a Unidade e, apesar de morar tão perto, as barreiras tornam aquele ambiente como muito distante da comunidade. A falta da regularização das terras com os agricultores e o desenvolvimento anunciado durante as reuniões que antecederam a criação do Parque ficaram apenas nas negociações iniciais e foram submergidos pelos órgãos gestores.

¹⁷⁶ DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 6.ed. São Paulo, Hucitec, 2008.

¹⁷⁷ Entrevistada nº 6 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁷⁸ Entrevista nº 1 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

De acordo com Rodrigues, a terceirização em Parque Nacional pode ser entendida como a delegação de bens e serviços a um ente privado, incluindo que o Estado retira-se da atividade produtiva, mas a titularidade da propriedade é pública, não implicando, logo, na venda do patrimônio público, como é o caso da privatização. Portanto, tal fator não inviabiliza que o uso e acesso ao espaço, dito público, passe a ser seletivo¹⁷⁹.

Durante as entrevistas, quando questionados sobre os problemas ambientais que existem no entorno do PESB atualmente, as opiniões foram as seguintes: “Acredito que o destino correto do lixo seja nosso maior problema no momento, não temos uma coleta e o lixo que não jogamos no mato precisamos de queimar”¹⁸⁰; “Nosso maior problema é o veneno, precisamos mudar nossas práticas para proteger nossa água. Venho fazendo no meu terreno caixas de contenção porque nossas nascentes estão secando”¹⁸¹; “É preciso mais fiscalização, tanta coisa acontece cadê eles? Nem sinal!”¹⁸².

Acho que a queimada ainda é um problema, o fogo diminuiu, mas é comum a gente ver principalmente os grandes agricultores que colocam fogo e nem são punidos por isso. A fiscalização com os grandes é pouco realizada. Essa semana mesmo teve um incêndio aqui perto, mas, como era um fazendeiro ninguém foi lá pra saber o que aconteceu¹⁸³.

Ainda esperamos nossas indenizações porque eu mesmo tenho 78 hectares dentro do Parque. Foi tudo medido. Mas indenização ainda não teve. Herança dos meus avós. Ta lá naquelas matas que você está vendo daqui é tudo praticamente da minha família. E não é só eu não tem muita gente que não foi indenizado ainda¹⁸⁴.

Os entrevistados apontam vários conflitos significativos que, de alguma maneira, estão entrelaçados nas UC's e dificultam seu manejo. São eles: o lixo para o qual não existe um tratamento correto necessariamente na zona rural; o veneno que, apesar da informação, a maioria dos agricultores ainda utiliza; a prática da queimada que ainda é utilizada do entorno, mesmo que em menores proporções no município de Araponga; a falta de fiscalização da polícia florestal e do órgão gestor, que vem aumentando nos últimos anos de crise, quando os recursos ficam escassos e o número de funcionários do

¹⁷⁹ RODRIGUES, Camila Gonçalves de Oliveira. **O uso do público nos parques nacionais: a relação entre as esferas pública e privada na apropriação da biodiversidade**. 358f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, Brasília. 2009.

¹⁸⁰ Entrevista nº 7 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁸¹ Entrevista nº 5 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁸² Entrevista nº 5 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁸³ Entrevista nº 6 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

¹⁸⁴ Entrevista nº 4 concedida a Silva, Tatiane Cristina da.

Parque foi reduzido drasticamente; o tratamento diferenciado entre grande e o pequeno agricultor rural quanto ao cumprimento da lei; e, por último, os conflitos fundiários, que apesar de pouco retratados pelos entrevistados ainda existem, uma vez que em cerca de 50% do território do PESB, segundo informações do gerente do Parque, ainda não foi feita a indenização às famílias.

De acordo com Batista, os incêndios decorrentes do uso do fogo na agricultura e na pecuária são uma das maiores ameaças às unidades de conservação, que normalmente são ilhas rodeadas por problemas socioambientais e compressões antrópicas. A prática do uso de fogo para limpeza de áreas, muitas vezes, procede em incêndios propositados ou acidentais que atingem as UC's. Esses podem causar grandes prejuízos para as áreas protegidas pela expansão da área atingida, assiduidade com que acontecem e dimensão dos danos que acarretam aos ecossistemas¹⁸⁵.

Segundo Bonfim, o uso do fogo pelas comunidades do entorno do PESB é uma de suas maiores ameaças. E concebe, também, as ameaças ao parque vinculam-se à prática da monocultura, ao manejo inadequado do solo, ao uso de agrotóxicos e à disputa fundiária¹⁸⁶. Nessa região, o uso do fogo é uma prática tradicional que admite o preparo da terra em menor tempo com menor gasto financeiro e menos utilização de mão de obra, além de auxiliar no controle de organismos indesejáveis e na rebrota das pastagens¹⁸⁷.

De acordo com Lima, os incêndios florestais vêm devastando, anualmente, grandes áreas de mata nativa no Brasil. No estado de Minas Gerais não é diferente, em particular onde as condições climáticas beneficiam a propagação do fogo. O período de julho a outubro, período mais seco, vinculado aos costumes e práticas agrícolas que fazem uso do fogo, favorece a ocorrência de incêndios florestais em várias regiões do estado¹⁸⁸.

É importante ratificar que, como afirma Bonfim, o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro não possui histórico abrangente a respeito do fogo, para que esse seja

¹⁸⁵ BATISTA, A. C.; OLIVEIRA, D. dos. S.; SOARES, R. V. **Zoneamento de risco de incêndios florestais para o estado do Paraná**. Curitiba: FUPEF, 2002. 86p.

¹⁸⁶ BONFIM, V. R.; RIBEIRO, G. A.; SILVA, E.; BRAGA, G. M. **Diagnóstico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG**. *Revista Árvore*, Viçosa, v.27, n.1, p.87-94, jan./fev. 2003.

¹⁸⁷ *Idem*.

¹⁸⁸ LIMA, G. S. **A prevenção de incêndios florestais em Minas Gerais**. *Floresta*, Curitiba, v.30, n.12, p.37-44, 2000.

enquadrado como um problema ambiental grave e urgente de se resolver. Nesse sentido, ele se torna uma preocupação específica em épocas de risco de incêndios na região. Contudo, os incêndios florestais derivam em consequências catastróficas e suas causas podem ser de caráter delincente, podendo estar ligadas à falta de conhecimento e de organização quanto ao uso apropriado do fogo¹⁸⁹.

Diante dos principais conflitos identificados no Parque Estadual Serra do Brigadeiro, o que chamou atenção, de fato, foi a falta de interlocução entre os agricultores do entorno e a gestão do PESB. Apesar de a monitora do Parque afirmar que atualmente existe uma maior proximidade entre os moradores e a unidade de conservação, apenas dois do(a)s, dos doze entrevistado (a)s, com exceção da funcionária do PESB, afirma ir ao Parque com maior frequência e ter uma relação mais próxima com os funcionários da Unidade. Até mesmo o presidente do sindicato e o funcionário da secretaria de agricultura e meio ambiente corrobora com as ideias dos agricultores, afirmando que, ainda hoje, mais de 20 anos após a criação do Parque, existem muitos obstáculos a serem superados para um manejo mais consciente dessa unidade de conservação.

Portanto, para amenizar os conflitos, é necessária uma maior aproximação entre a gestão do Parque e os moradores do entorno, com trabalhos de educação ambiental voltados para uma maior conexão entre ambos. Além disso, é importante também a disponibilidade de mais recursos públicos que visem cumprir parte das promessas feitas durante o processo de implantação do PESB.

¹⁸⁹ BONFIM, Verônica Rocha. *Op Cit.* p. 45-46.2001.

Capítulo 6: Produção e Análise da Cartilha

6.1. Introdução

O produto desta pesquisa foi elaborar uma cartilha que simbolizasse parte das referências deste estudo e trouxesse ao PESB e às comunidades da sua zona de amortecimento um material para complementar a história de construção da unidade de conservação, bem como sua importância para manutenção de remanescentes florestais.

Como forma de buscar uma interlocução entre o entorno e o Parque, a cartilha elaborada resultou de elementos bibliográficos e cartográficos com a finalidade de explicitar a história do PESB, ressaltar os aspectos da biodiversidade e a importância da educação ambiental para a conservação da natureza. Esse produto foi organizado com base nas demandas do Parque e tem como intuito estreitar as relações entre Parque e sua zona de amortecimento em prol de um manejo sustentável da Unidade de Conservação.

A cartilha foi produzida no âmbito do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, do Departamento de História da UFV. De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o mestrado profissional é uma modalidade cujo intuito é promover o aperfeiçoamento da qualificação profissional. Ao iniciar essa modalidade de mestrado, além de apresentar uma análise teórico-metodológica sobre determinado assunto, deve-se também, a partir daquela reflexão, apresentar uma parte prática. Essa parte prática corresponde a uma atividade ou material no qual sejam aplicados os conhecimentos teóricos obtidos durante a realização das atividades teóricas do mestrado.

6.2. Objetivos da Cartilha

O objetivo geral da cartilha foi elaborar um material que trouxesse para a comunidade do entorno maior conhecimento e estreitamento com o PESB e também o entendimento do espaço do Parque como um local regido pelo Estado, mas pertencente à comunidade local.

Especificamente, pretendeu-se:

- Identificar os espaços do PESB atraentes a visitação;

- Assinalar a biodiversidade da Unidade de Conservação em estudo;
- Analisar a relevância da educação ambiental para a preservação da floresta;
- Apresentar algumas percepções da população de Araponga investigada neste estudo, em relação ao Parque Estadual Serra do Brigadeiro.

6.3. Abordagens da Cartilha

Nas entrevistas realizadas, foi questionado sobre o que os agricultores gostariam de ler no texto da cartilha e também sobre qual assunto as crianças poderiam ter maior interesse em saber sobre o PESB. Com base nas respostas coletadas, o texto da cartilha foi elaborado discutindo os temas que a maioria dos entrevistados ressaltou como importante para o conhecimento dessa importante Unidade de Conservação do estado de Minas Gerais. São eles:

- ✓ História de criação do Parque e do município de Araponga-MG;
- ✓ Preservação da natureza (água, fauna e flora);
- ✓ Educação Ambiental;
- ✓ Principais espaços para visita no PESB/Turismo;
- ✓ Percepções da população de Araponga-MG.

6.4. Público Alvo da Cartilha

A cartilha tem como princípio ser destinada, primeiramente, aos estudantes da educação básica da cidade de Araponga-MG, às escolas do município e do Estado dispostas na cidade e na zona rural. Como esta pesquisa não possui financiamento, será entregue, inicialmente, um exemplar da cartilha em cada escola.

Após atingir as crianças, com a entrega das cartilhas nas escolas, será entregue um exemplar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com vistas a levar o material aos agricultores do entorno do Parque e também será disponibilizado um exemplar para a sede do Parque Serra do Brigadeiro, a fim de que os turistas que visitam a sede do PESB e demais interessados no tema tenham acesso a esse produto.

6.5. A Importância da Cartilha

A elaboração da cartilha neste estudo surgiu a partir da necessidade de organizar um produto para esta pesquisa que fosse um retorno à comunidade de Araponga e um cumprimento das normas do mestrado. Desde o primeiro momento, a presente autora ponderou a cartilha como um material que pudesse complementar a pesquisa e retribuir à população que, com gentileza, muito contribuiu para que esse material fosse produzido. O gerente do parque considerou a proposta como necessária e fundamental, uma vez que não existe nenhum material que envolva o estudo do Parque Estadual Serra do Brigadeiro e a população do seu entorno da maneira como a cartilha sugeriu.

A cartilha será importante para a comunidade de Araponga em termos de informação e também aproximação com área do PESB. Para os estudantes, a cartilha vem como um material didático em apoio à educação e também à educação ambiental, que carece ser ampliada no entorno do parque.

De acordo com Penteado, a escola é um local indispensável de se promover a consciência ambiental, a partir da junção das questões ambientais com as sócio-políticas. “A escola é um local, dentre outros (trabalho, família, igreja etc.), onde professores e alunos exercem a sua cidadania, ou seja, comportam-se em relação a seus direitos e deveres de alguma maneira”¹⁹⁰. Contudo, é tarefa da escola proporcionar um ambiente favorável para o processo de ensino-aprendizado das questões relacionadas ao meio ambiente.

A aplicação da cartilha, nesse sentido, é voltada para o desenvolvimento mais preciso da educação ambiental no entorno do PESB. A cartilha é um dos mecanismos necessários para diminuir os conflitos ambientais e proporcionar a integração entre o ser humano e o meio ambiente. Para Fochi:

A educação ambiental é desafiada a encontrar a maneira ideal de ajudar as pessoas, tanto a nível individual quanto coletivo e público, a formar uma consciência ecológica e social de caráter universal e introduzindo-os à ação particular e comunitária para o equacionamento dos problemas do meio ambiente, em nível local e global¹⁹¹.

¹⁹⁰ PENTEADO, H. **Meio ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1994. p.53.

¹⁹¹ FOCHI, Eunice da Rocha. **Educação Ambiental**. In: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Gravataí. **Caminhos da Educação Popular**. Gravataí, RS: Teoria e Afazeres, v.2, 1999.

6.7. Impressões da Cartilha

Após a elaboração da cartilha, a presente autora retornou a campo, com a finalidade de apresentar à comunidade entrevistada a cartilha produzida.

A proposta inicial foi reunir os entrevistados e fazer uma análise conjunta da cartilha dentro do espaço do Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Porém, pelas comunidades estarem muito distantes uma das outras e a maioria trabalhar na colheita do café nessa época do ano, não foi possível reunir todos. Outro problema foi o fechamento do Parque durante os meses de surto de febre amarela, tornando, assim, inviável a apreciação conjunta do texto produzido.

Dessa forma, surgiu uma segunda opção, apresentar cartilha às famílias entrevistadas, com a ideia de discutir e pedir sugestões para aprimorar a construção da capa e ouvir as ponderações pertinentes ao texto produzido. A figura mostra os entrevistados conhecendo a cartilha.

Figura 25: Entrevistados conhecendo o texto da cartilha



Fonte: Autoria de Wemerson Carlos da Silva

Levar a cartilha para os entrevistados foi fundamental para que eles se sentissem parte daquele material, que foi elaborado a partir das suas contribuições, durante as entrevistas de campo. No momento em que foi apresentada, a presente pesquisadora foi anotando as ponderações, sendo algumas delas as seguintes:

“Essas Bromélias e orquídeas são bem cobiçadas por aqui”¹⁹².

“A melhor coisa daqui foi o parque e estamos morrendo de medo dele acabar”¹⁹³.

¹⁹² Entrevista n° 7, concedida à autora.

¹⁹³ Entrevista n° 7, concedida à autora.

“Como é bonito esse lugar, precisamos valorizar mais”¹⁹⁴.

“Tenho uma Trilha no meu terreno que está incluída no plano de manejo”¹⁹⁵.

“Gostamos do parque, mas ele realmente tirou nossa liberdade. Vários piqueniques que eram feitos não pode mais ser feito sem a companhia de um guarda-parque. Precisamos de mais abertura para poder visitar mais”¹⁹⁶.

“A capelinha é o principal ponto de visitação dentro do Parque”¹⁹⁷.

“90% dos moradores daqui apesar de muitos não ter conhecimento tem sangue indígena”¹⁹⁸.

“Nossa essa é a pousada do Dico Simão! Acredita que ainda não conheço ela? Espero poder ir lá antes de morrer”¹⁹⁹.

“Vamos sempre a capelinha, na sexta feira santa e no dia do meio ambiente reunimos para fazer uma celebração”²⁰⁰.

Todos os comentários sinalizados corroboram em afirmar que, apesar da diversidade de percepção dos entrevistados, cada um, da sua maneira, conseguiu identificar-se com os diferentes espaços do Parque que foram abordados na cartilha. Os comentários trouxeram tanto uma análise do texto produzido como também das imagens que, de alguma forma, proporcionaram uma identidade daquele povo com o Parque.

A cartilha analisada precisava de uma foto de capa que representasse aquele povo e, por isso, a primeira página foi em branco, apenas com o título, para que fosse produzida em conjunto com os agricultores, como mostra a Figura 26.

¹⁹⁴ Entrevista n° 2, concedida à autora.

¹⁹⁵ Entrevista n° 9, concedida à autora.

¹⁹⁶ Entrevista n° 2, concedida à autora.

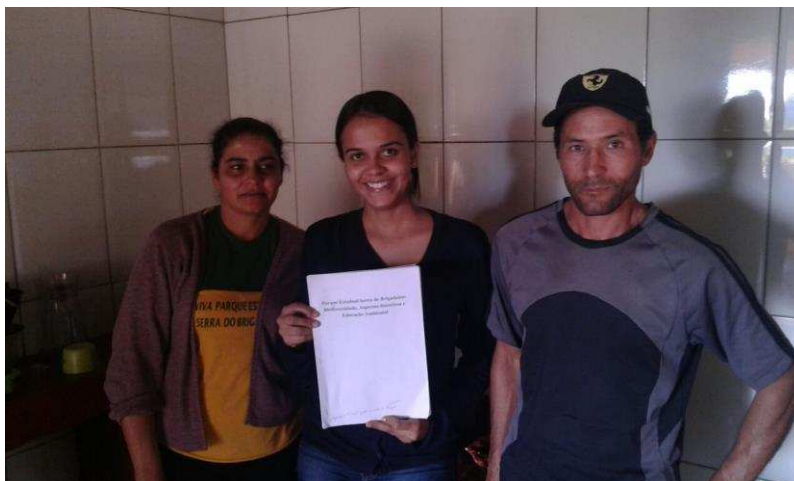
¹⁹⁷ Entrevista n° 9, concedida à autora.

¹⁹⁸ Entrevista n° 12, concedida à autora.

¹⁹⁹ Entrevista n° 9, concedida à autora.

²⁰⁰ Entrevista n° 7, concedida à autora.

Figura 26: Apresentação da Cartilha na residência de um dos entrevistados Serra das Cabeças



Fonte: Autoria de Wemerson Carlos da Silva

As principais sugestões foram:

“Você pode colocar a Fazenda do Brigadeiro, pois ela deveria ser a sede do Parque”²⁰¹.

“A Fazenda do Brigadeiro²⁰², pois ela foi muito importante pro município na época da exploração da Belgo Mineira”²⁰³.

“Nas espécies da flora e da fauna coloque também a Braúna, porque é uma espécie bem conhecida por aqui e está em extinção”²⁰⁴.

“A Fazenda do Brigadeiro é um cartão postal do Parque, acredito que ela representa bem o Parque”²⁰⁵.

“Por interesses e proximidade com a Rodovia a sede ficou na Fazenda da Neblina, mas Brigadeiro mesmo é aqui! É bom colocar a Fazenda na capa pra quebrar essa associação”²⁰⁶.

“Tem vários elementos importantes, mas eu colocaria a Ermida Antônio Martins, ela é o principal ponto de visitação dentro do parque, sempre está cheia de visitantes que vão lá pra fotografar e também para expressar a religião”²⁰⁷.

A partir dos comentários, foi definido que a capa teria duas imagens: a Fazenda do Brigadeiro e a Ermida Antônio Martins. A fazenda, porque a maioria dos

²⁰¹ Entrevista n  5, concedida à autora.

²⁰² Entrevista n  4, concedida à autora.

²⁰³ Empresa Belgo Mineira referida na cita o da entrevista faz uma alusão   explora o de madeira/carvão durante a década de 1960/1970 na área que hoje integra o Parque Estadual Serra do Brigadeiro.

²⁰⁴ Entrevista n  2, concedida à autora.

²⁰⁵ Entrevista n  1, concedida à autora.

²⁰⁶ Entrevista n  1, concedida à autora.

²⁰⁷ Entrevista n  9, concedida à autora.

entrevistados ressaltou a importância dela para a história de implementação do Parque e para o desenvolvimento econômico da população do entorno. Já a Ermida foi escolhida, tendo em vista que a religião se apresenta como um dos principais fatores de união e identidade entre o entorno e a Serra.

Os agricultores tinham como papel também indicar elementos importantes do PESB, que não estavam na cartilha, para que estes fossem inseridos e complementassem o texto. As sugestões foram:

“Coloque a Fazenda do Brigadeiro como ponto turístico, ela é um importante ponto de visitação”²⁰⁸.

“A Pedra Redonda é muito importante também pra nossa região principalmente porque não precisamos de Guarda-parque pra subir”²⁰⁹.

“Acho que você deve inserir a casa de Hóspedes, ela ressalta bem a história de criação do Parque porque ela era uma antiga Fazenda antes da criação do Parque e virou casa de Hóspedes após a criação do Parque, ela foi restaurada, mas mantém suas características originais”²¹⁰.

Os comentários acabaram por justificar essa pesquisa, tendo em vista que os conflitos estão nítidos a todo tempo nos comentários dos entrevistados, podendo separar os entrevistados em três grupos: moradores do Estouro, da Serra das Cabeças e Serrinha e da Praia Danta.

Os moradores do Estouro, por exemplo, ressaltam que a Fazenda do Brigadeiro deveria ser a sede do Parque e justificam tal fato com base no desenvolvimento social e econômico daquele lugar, principalmente durante a atuação da empresa Belgo Mineira, que explorava a floresta e, ao mesmo tempo, oferecia muitos empregos aos moradores da região. Já os moradores das áreas próximas à Sede do Parque (Serra das Cabeças e Serrinha) consideram que a casa de Hóspedes, antiga fazenda que fica na sede do Parque e a Ermida Antônio Martins, sejam locais cruciais para contar a história do PESB. Apontando uma terceira opinião, os moradores da área mais próxima, a Pedra Redonda no Córrego Praia Danta, destacam a importância e necessidade de fugir do poder estatal e buscar calma, tranquilidade em um ambiente natural de beleza diferenciada, como é a Pedra Redonda.

²⁰⁸ Entrevista nº 1, concedida à autora.

²⁰⁹ Entrevista nº 12, concedida à autora.

²¹⁰ Entrevista nº 7, concedida à autora.

6.8. A Cartilha



Figura 28: Ermida Antônio Martins
Fonte: Arquivo PESB

Educação Ambiental do Parque Estadual Serra do Brigadeiro



Figura 29: Fazenda do Brigadeiro
Fonte: A autoria de Tatiane Cristina da Silva

FICHA TÉCNICA:**AUTORIA:**

Tatiane Cristina da Silva

COLABORADORES:

Agricultores do município de Araponga

Capes- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IEF – Instituto Estadual de Florestas

Mestrado em Patrimônio Cultural Paisagens e Cidadania

Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Araponga

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga

UFV- Universidade Federal de Viçosa

Orientação: Edson Soares Fialho

ÍNDICE

1. Parque Estadual Serra do Brigadeiro	92
2. A história da Serra.....	94
3. Localização geográfica do Parque	95
4. Biosociodiversidade da Serra de Araçuaia	98
4.1 A População do Entorno.....	100
5. Elementos atrativos do PESB	103
6. Educação Ambiental no Parque	107
7. Conversando com os agricultores	108
8. Bibliografia	110

1. Parque Estadual Serra do Brigadeiro

Existia até 1800, na Zona da Mata Mineira, uma extensa cobertura vegetal, inserida no Bioma Mata Atlântica. Após a exploração do ouro, a atividade agrícola subtraiu parte da vegetação original, juntamente com a pecuária de corte extensiva e a cafeicultura.

Em meados da década de 1960, a região do Parque voltou a sofrer com a exploração florestal, a partir da empresa multinacional Belgo Mineiro, que tinha por finalidade a produção de carvão e abastecimento de usinas siderúrgicas. Essa exploração criou condições para a edificação da Escola Nacional de Florestas em Viçosa-MG, com interesse de professores e técnicos em preservar os resquícios de fragmentos florestais da Serra do Brigadeiro. As Figuras 30 e 31 retratam um pouco da exploração da empresa Belgo Mineira na área que se tornou o Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB).

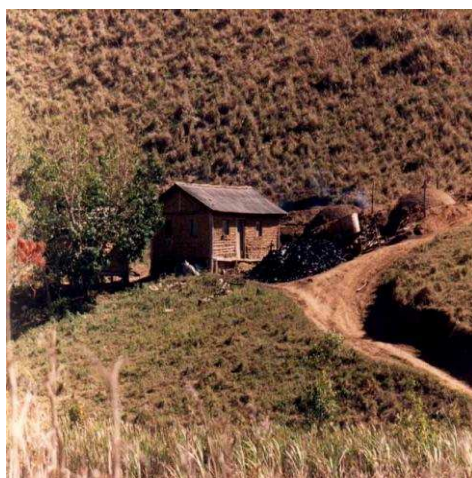


Figura 30 e 31: Carvoaria e Árvores dilaceradas proveniente da exploração na região que compreende o PESB.

Fonte: www.asminasgerais.com.br

O parque foi criado no ano de 1996 a partir da iniciativa de professores da UFV, sindicatos dos trabalhadores rurais, CTA e população do entorno. A criação aconteceu após um momento de grande destruição pela empresa Belgo Mineira. Assim surgiu a importância de preservar os cursos d'água, os animais e plantas.

A partir da década de 1960, professores e técnicos passaram a frequentar a região e a levantar informações técnicas importantes de atributos geobiofísicos, como:

recursos hídricos, a fauna, ao solo e a flora. Com base nestes levantamentos, puderam observar a devastação das matas. Esse movimento deu origem ao PESB, e a paulatina contenção da destruição do habitat de espécies da fauna, uma vez que muitas delas já se encontravam em extinção. Por ser um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica no Estado de Minas Gerais, o Parque culminou em várias tentativas de criação de uma unidade de conservação que fosse apropriada para conservar uma representativa área desse bioma.

A história de criação do PESB remete à década de 1970, sendo consolidado pelo decreto nº 38.319 de 27 de setembro de 1996, no qual o governo do estado deu origem legal com área de 13.210 hectare e perímetro de 156 km. No final de 2005 saiu um novo decreto de demarcação do PESB com área de 14.984 hectares, fruto de ações de regularização fundiária encaminhadas pelo Instituto Estadual de Florestas IEF-MG.

A proposta original abrangia uma área de 32.500 hectares que, de acordo com pesquisadores, seria o mínimo para a efetiva conservação. O critério utilizado delimitava uma cota mínima de 1.000 m de altitude para os limites físicos do parque, abrangendo a área citada, no qual existiam pequenas propriedades rurais produtivas que seriam inevitavelmente desapropriadas (Figura 34). Com efetiva participação popular e de movimentos sociais, a cota deixou de existir em favor do direito da posse da terra pelas famílias que ali viviam.

Independente da proposta inicial do limite do PESB, um argumento importante da própria criação do parque se deve a preservação das nascentes, como pode ser visto na Figura 32, onde se identifica rios que são drenados para as bacias do rio Doce e Paraíba do Sul. O fato do PESB está situado em uma posição delimitadora de duas bacias hidrográficas muito importantes, no contexto de Brasil, pois seus rios são fonte do abastecimento de água em várias cidades, demonstra o qual é importante e necessário se faz a preservação.

Além disso, o fato da serra ser um prolongamento das Serras da Mantiqueira e Caparaó abriga tanto espécies endêmicas da Mata Atlântica quanto da própria Serra do Brigadeiro, ambiente de refúgio de espécies em risco de extinção, como é o caso do miqui *Brachyteles hypoxanthus*, maior primata das Américas.

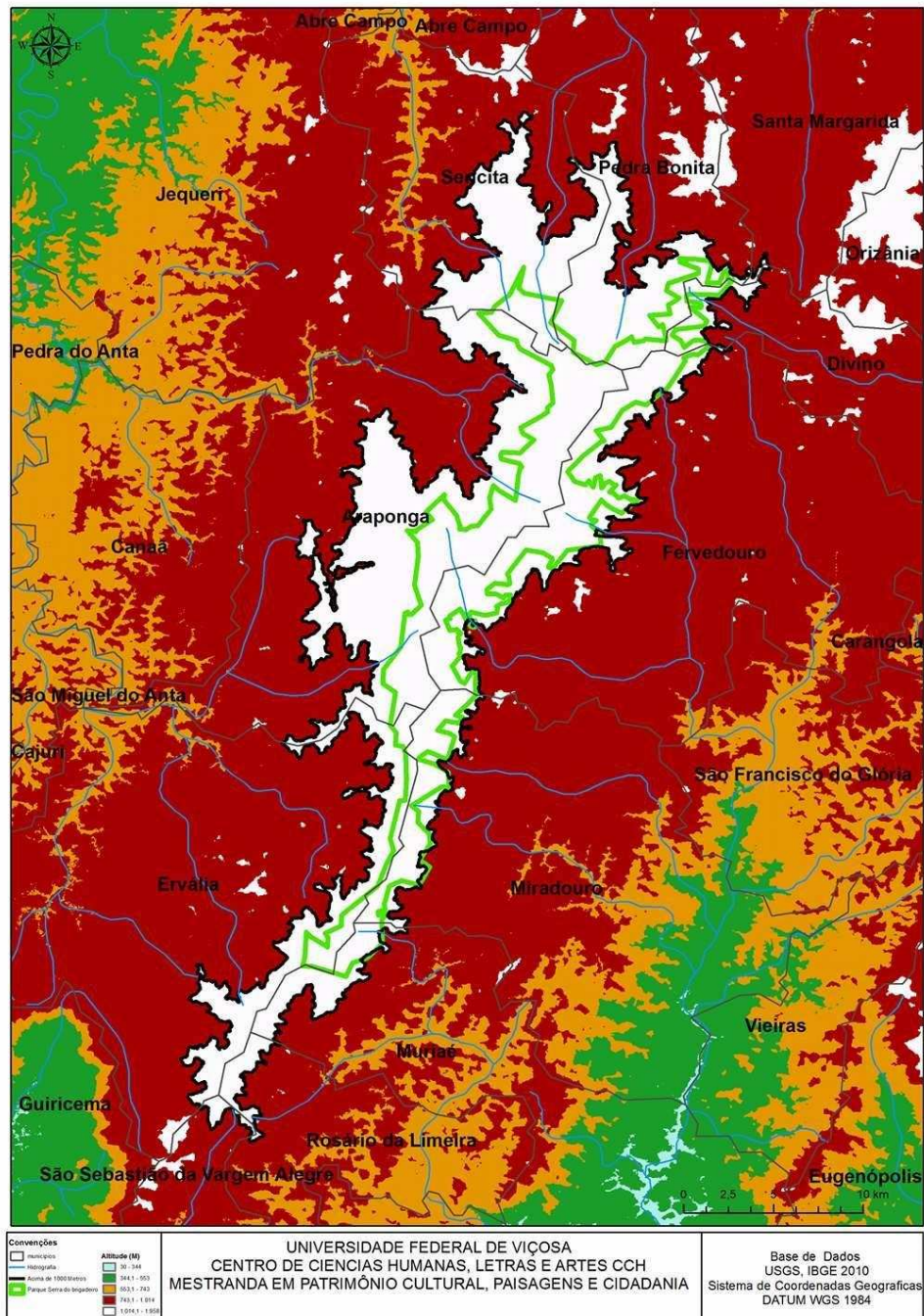


Figura 32: Delimitação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e o limite da cota 1.000 metros de altitude, com a presença dos principais canais fluviais que nascem na serra do brigadeiro.
Fonte: Laboratório de Bioclima UFV. 2017.

2. A história da Serra

A história da Serra do Brigadeiro está ligada aos seus remanescentes históricos. Até o século XIX, o local que hoje chamamos de Brigadeiro chamava-se Serra dos Arrepiados, nome dado por causa da habitação de índios “arrepiados” no local. Os

arrepiados eram de etnia Puris, de origem Tupi, e ao longo de séculos habitaram a Serra do Brigadeiro.

Os índios Puris eram hábeis pescadores que viviam originalmente no litoral do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Entretanto, tiveram que se adaptar às regiões serranas a partir de 1500, em consequência da chegada dos portugueses e a consequente escravização. Sendo assim, foram obrigados a recuar pelo interior do Brasil até chegarem à região da Serra do Brigadeiro. Encurralados pelos europeus e por algumas tribos indígenas mais selvagens como os “Boruns”, mais conhecidos por “Botocudos” ou “Aymorés”, dominantes do Vale do Rio Doce, a única opção de sobrevivência foi se adaptar às matas fechadas e ao frio da Serra dos Arrepiados.

É definido como Puris, povo indígena no qual se têm dados “oficiais” até meados do século XIX. Os descendentes dessa cultura são hoje agricultores familiares que se identificam como grupo indígena, embora a etnia seja considerada extinta há mais de um século.

A preservação da área do Parque foi garantida na serra até o ano de 1800, entretanto, coibiu a região de registros históricos e documentais. A chegada dos colonizadores na Serra do Brigadeiro marcou o desaparecimento dos índios Arrepiados e Guarutos. O primeiro emissário do governo que chega à região para inspecionar as divisas da província de Minas Gerais, Brigadeiro Bacelar, aboliu a única referência à presença indígena na região, seduzido com a beleza do lugar, rebatizou o rio Guarutos e a serra, o rio passou a se chamar Glória e a serra, Brigadeiro.

3. Localização geográfica do Parque

O Parque Estadual Serra do Brigadeiro está situado na zona da mata do estado de Minas Gerais, na divisa entre as microrregiões de Viçosa, Muriaé, Manhuaçu e Ponte Nova, entre os meridianos 42° 40' e 40° 20' Oeste e os paralelos 20° 33' e 21° 00' Sul. O Parque se localiza no extremo norte da Serra da Mantiqueira e ocupa parte dos municípios de Araponga, Fervedouro, Miradouro, Ervália, Sericita, Pedra Bonita, Muriaé e Divino. Com uma Zona de Amortecimento, definida com o limite de 10 km ao redor do Parque, engloba também parte dos municípios de Santa Margarida, Jequeri, Pedra Bonita, Sericita, Orizania, Divino, Araponga, Fervedouro, Canaã, São Francisco

do Glória, Miradouro, Ervália, Muriaé, Rosário da Limeira e São Sebastião da Vargem Alegre, como mostra a Figura 33a e 33b.

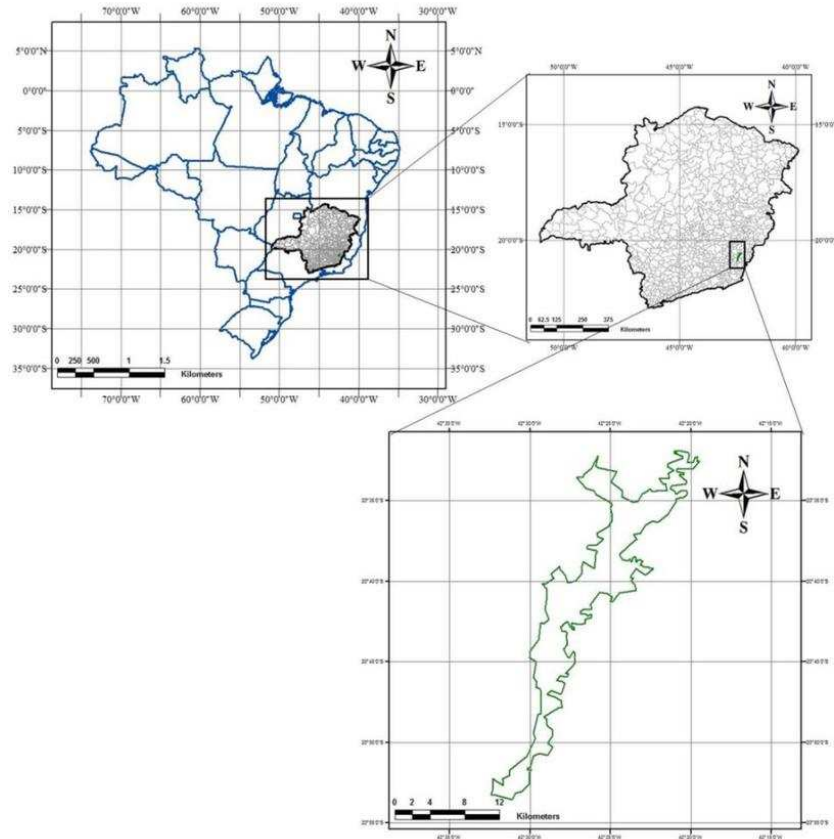


Figura 33a: Municípios do PESB e Zona de Amortecimento
Fonte: Paula *et. al.* (2015).

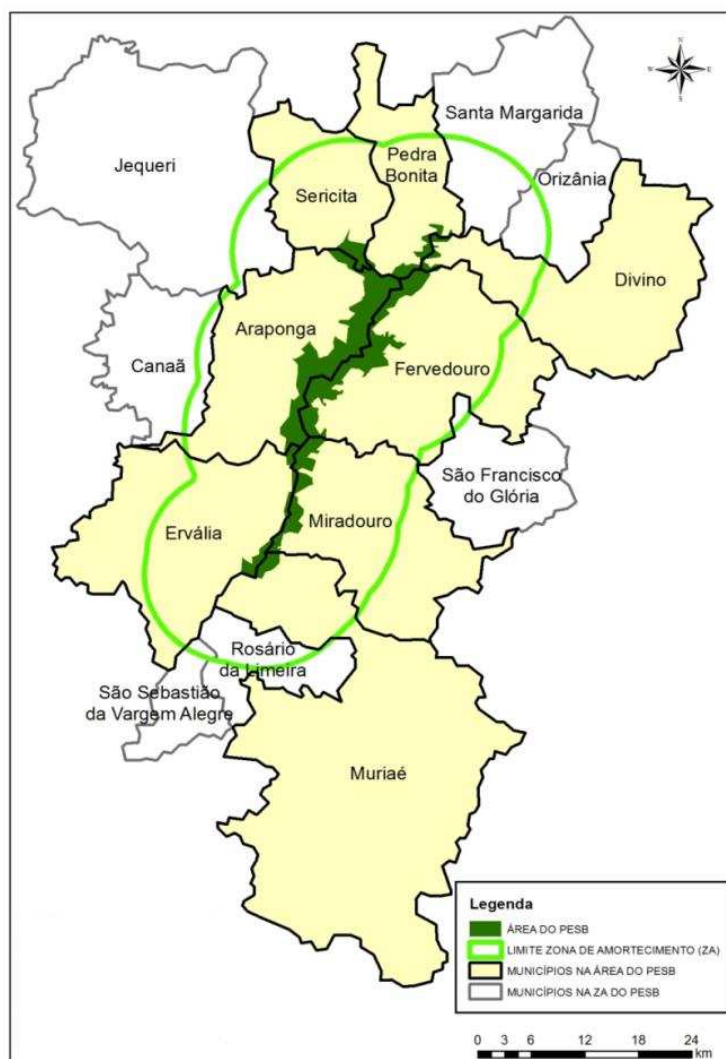


Figura 33b: Municípios do PESB e Zona de Amortecimento
Fonte: CEDEF (2014).

Apesar de criado em 1996, o PESB foi aberto à visitação em 2005, tendo como seu principal ponto de acesso a cidade de Araponga-MG. A unidade de conservação tem 14.984 hectares, de onde predominam a Mata Atlântica, montanhas, vales, chapadas, encostas, além de diversos cursos d'água que integram as bacias dos rios Paraíba do Sul e Doce. O Parque abriga vários Picos: o do Soares (1.985 m), o Campestre (1.908 m), o do Grama (1.899 m) e o do Boné (1.870 m). A altitude e o relevo amenizam a temperatura local e a neblina cobre os picos durante quase todo o ano.

4. Biosociodiversidade da Serra de Araponga

O Bioma Mata Atlântica, principal formação vegetal da área, está interposta com os Campos de Altitude e afloramentos rochosos. O parque compõe um ecossistema rico em espécies vegetais, como bromélia, peroba, ipê, orquídea, cajarana, jequitibá, quaresmeira, óleo-vermelho e palmito doce. Nas Figuras 34, 35, 36 e 37 é possível observar parte da diversidade vegetal do PESB.



Figura 34: Orquídea
Fonte: www.asminasgerais.com.br



Figura 35: Jequitibá
Fonte: www.asminasgerais.com.br



Figura 36: Bromélia
Fonte: www.asminasgerais.com.br



Figura 37: Quaresmeira de Campo de Altitude
Fonte: www.asminasgerais.com.br

Na diversa fauna do parque, destacam-se a suçuarana ou puma, a jaguatirica, a caititu, o veado mateiro, o cachorro-do-mato, o tamanduá-de-colete, o caxinguelê, a preguiça-de-três-dedos, o macaco-prego, o sagui-da-serra. A unidade de conservação ainda é refúgio de espécies da fauna ameaçadas de extinção, como o sauá, o mono carvoeiro ou muriqui (conhecido como maior primata das Américas), a onça-pintada, a jaguatirica, o sapo-boi. Diversas espécies de aves também podem ser encontradas no

parque, como o papagaio-do-peito-roxo, o gavião-pomba, o tucano-do-peito-amarelo, o trinca-ferro e a araponga. As Figuras 38 e 39 estão expostas parte da imensa fauna que compõe o Parque Serra do Brigadeiro.



Figura 38: Barbado
Fonte: www.asminasgerais.com.br



Figura 39: Mono Carvoeiro/Muriqui
Fonte: www.asminasgerais.com.br

No Parque Estadual Serra do Brigadeiro encontra-se umas das maiores populações de muriqui, o maior primata das Américas, que pode chegar a 1,5 metros de altura e pesar mais de 12 kg (imagem 39). Endêmico da mata atlântica, a espécie está ameaçada de extinção. Seu nome vem do tupi muri'ki, que significa gente bamboleia, e pode se referir tanto ao hábito de balançar em galhos pendurando pela cauda, quanto à sua docilidade. O animal costuma abraçar os companheiros, e os adultos usam seu próprio corpo como ponte, entre uma árvore e outra, para os mais jovens passarem.

As diversas características do PESB, em especial a vegetação e a localização, associadas a um relevo de serra, composto por sucessivas cristas e vales encaixados e estreitos, proporcionam o surgimento de várias cabeceiras de cursos d'água, que abastecem tributários dos rios Paraíba do Sul e Doce. A riqueza dos recursos hídricos, na região favorece ao desenvolvimento da atividade turística na região. As imagens dispostas nas Figuras 40 e 41 representam a abundância dos cursos d' água do Parque.



Figura 40: Pousada Vale das Luas
Fonte: <http://www.verdejawa.com.br>



Figura 41: Pousada Serra D'água.
Fonte: <http://www.verdejawa.com.br>

O Quadro 13 demonstra algumas das principais espécies da fauna e da flora encontradas no PESB.

Nomes populares de algumas espécies da Fauna encontradas no PESB	Nomes populares de algumas espécies da Flora encontradas no PESB
Tucano	Orquídeas
Gavião-pomba	Bromélias
Gavião-carijó	Samambaias
Caracará	Cactáceas
Beija-flor-tesoura	Cedro
Curiango	Peroba
Jacupemba	Canjerana
Jacu	Canela
Surucuí	Jequitibá
Saíra	Roxinho
Canário-da-terra	Angico
Trinca-ferro	Palmito-doce
Curió	Braúna

Quadro 13: Espécies da fauna e da flora encontradas no PESB

Fonte: www.asminasgerais.com.br (Adaptada)

4.1. A população do entorno

As comunidades visitadas foram Serra das Cabeças, comunidade próxima à cancela de entrada do parque via Araponga-MG, Serrinha, Praia Danta e Estouro (que compreende a maior comunidade rural do município de Araponga-MG), sendo este dividido em vilarejos menores, entre eles, alguns dos visitados na pesquisa, foram o Córrego do Boné, Fazenda do Brigadeiro e Córrego Tromba Danta.

No caminho do Estouro, principalmente, encontram-se grandes latifúndios com predominância da pastagem nas partes mais baixas. No sopé, as famílias entrevistadas,

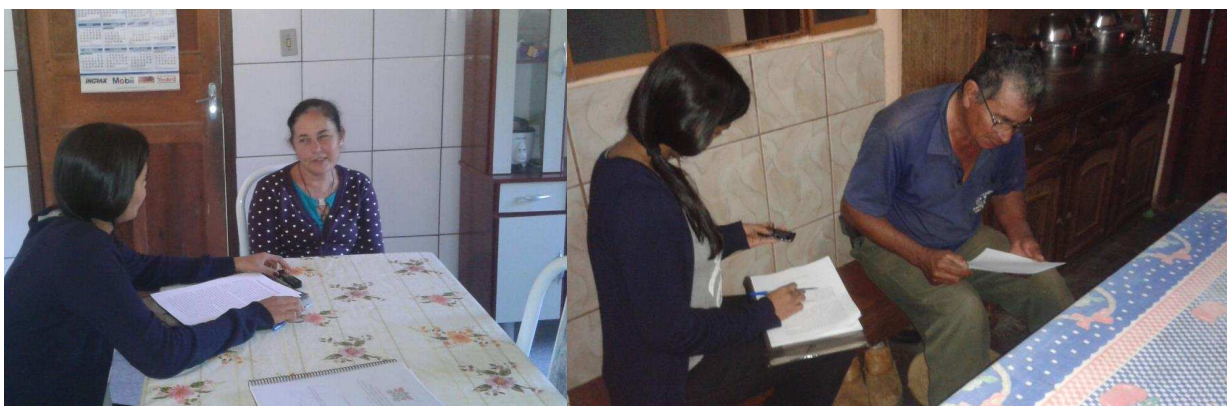
trabalhadores rurais que precisam do campo para sobreviver, têm sua luta por manter seu pedaço de terra e o sustento familiar isso fez com que a maioria dos trabalhadores rurais desse município participasse de reuniões e lutasse junto aos sindicatos e organizações sociais para que a cota 1000, proposta inicial de construção do parque, não fosse concretizada.

Os agricultores falam com orgulho de terem feito parte da construção do Parque e também de obterem seus objetivos de manutenção de manter as famílias que já estavam enraizadas no território, espaço que teoricamente deveria ser o parque. Um dos entrevistados faz sua ponderação com base na construção do PESB e na permanência das famílias no entorno. “O Parque só é Parque porque as espécies são do Parque, mas para preservar depende do ser humano. Isso foi o que eu falei nas reuniões que participei”.

A população do entorno do Parque é composta por famílias humildes, receptivas, que gentilmente convidam os visitantes para entrar em suas residências e logo oferecem um café acompanhado em alguns momentos com bolo de fubá. Podendo até oferecer hospedagem, quando a visita se prolonga até o início da noite.

As pessoas que habitam a serra, não se enquadram apenas dentro de um perfil específico de uma imagem de um agricultor. Existe uma grande diversidade de funções e tipos de trabalhadores, como: líderes religiosos, contador de história, trabalhadores rurais, produtor rural, líderes comunitários.

Essa diversidade de percepção e gênero foi crucial para a pesquisa e produção da cartilha. As Figuras 42 e 43 apresentam duas imagens obtidas durante as entrevistas de campo na Serra das Cabeças e Serrinha, respectivamente.



Figuras 42 e 43: Entrevistas realizadas no entorno do Parque
Fonte: Aatoria de Wemerson Carlos da Silva

Encontrar as famílias em casa nessa época do ano foi tarefa complicada, pois, a maioria está trabalhando na colheita do café, principal atividade econômica da região.

Aqueles que não estão trabalhando na colheita de café estão cuidando do café no terreiro e buscando as sacas na lavoura. Muitas famílias só trabalham nessa época do ano, a nossa colheita dura cerca de seis meses (abril a setembro), as famílias reservam o dinheiro pra sobreviver durante os outros meses.

Diante do mundo moderno e da modernização do rural brasileiro, o que ficou, de fato, foi que o entorno da Serra visitado, já está adquirindo as novas tecnologias típicas do urbano, embora ainda se mantenha a simplicidade e os modos de vida de um rural tradicional comum no século passado. O contraste entre a modernidade e o tradicional pode ser observado nas Figuras 44, 45, 46 e 47 que representam as moradias de quatro dos entrevistados, que confirmam tal fato citado.



Figura 44: Vista panorâmica da casa de dois dos entrevistados na Serra das Cabeças.

Fonte: Autoria de Tatiane Cristina da Silva



Figura 45: Vista panorâmica da casa de dois dos entrevistados na Praia Danta.



Figura 46 e 47: Entrevistada na frente da sua casa, e vista panorâmica da casa de um dos entrevistados.

Fonte: Autoria de Tatiane Cristina da Silva

5. Elementos atrativos do PESB

O PESB apresenta várias paisagens que, por sua exuberância, são visitadas durante todo o ano por moradores das cidades vizinhas e também os de municípios mais distantes. As Figuras 48 até a 53 ressaltam os principais pontos procurados pela população que vem de encontro à calma e tranquilidade da Serra.

O Pico do Boné possui 1870 metros de altitude, sendo o terceiro mais alto do parque e está a 28 km da sede. O nome desse atrativo vem do formato da rocha, semelhante a um boné, dependendo da posição observada. Sua extensão de 4 km em mata atlântica, passando por trechos com belas cachoeiras e natureza exuberante. É o principal atrativo do parque, sendo também o mais visitado.

A Pousada Serra D'Água, localizada no Portal de entrada do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, no município de Araponga, Minas Gerais, oferece diversas atividades de lazer, ecoturismo e aventura, além de uma típica culinária mineira, cachoeiras, piscinas naturais, lindas paisagens, trilhas, caminhadas, passeios a cavalo, prática de esporte de aventura rapel e escaladas, trilhas de bicicleta e moto.

Já o sítio do senhor Dico Simão está localizado na comunidade do Pico do Boné aproximadamente a 20 km de Araponga. Em sua propriedade encontram-se mais de 100 mil pés de café sem agrotóxicos e com excelente qualidade. Sua propriedade é

reconhecida pelo IEF como um importante núcleo de Turismo e um lugar extremamente agradável para passar as férias ou finais de semana.

A Ermida Antônio Martins é procurada tanto pela população do entorno, com a finalidade de pagar promessas ou para celebrações religiosas, e também pelos turistas que vêm de outras localidades. Situada a 700m de distância da sede, a capela foi construída em 1908 e está localizada a 1.324m de altitude.

Próximo ao centro urbano encontra-se a Pedra Redonda, enorme maciço com cerca de 1.572 metros de altitude; guarda histórias do tempo do desbravamento e povoação das Minas Gerais. Contam os moradores do lugar que a Pedra servia de orientação aos Bandeirantes que passavam pela região à procura de ouro.

A fazenda do Brigadeiro localiza-se na parte norte do Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Em 2002 a fazenda foi tombada como Patrimônio Histórico e Cultural do município de Araponga. Erguido há cerca de 70 anos, no estilo neocolonial, o casarão da Fazenda Brigadeiro tem aproximadamente 240 m² de área construída.



Figura 48: Pico do Boné
Fonte: <http://www.verdejawa.com.br>



Figura 49: Pousada Serra D'água
Fonte: <http://www.verdejawa.com.br>



Figura 50: Pousada Dico Simão
Fonte: <http://www.verdejawa.com.br>



Figura 51: Ermida Antônio Martins
Fonte: <http://www.verdejawa.com.br>



Figuras 52 e 53: Pedra Redonda e Fazenda do Brigadeiro

Fonte: Autoria de Tatiane Cristina da Silva

O parque dispõe também de trilhas interpretativas e da sede administrativa visitada principalmente por pesquisadores da Universidade Federal de Viçosa, professores e estudantes das escolas públicas das cidades vizinhas.

As três principais trilhas (Figura 54), feitas pelos monitores com os visitantes, são a Trilha da Lajinha, do Encontro e a do Muriqui. A trilha do encontro possui 400m de extensão e está a 100m de distância da sede. Essa trilha é educativa e tem como tema o ecossistema, apresentando hábitos e características de alguns animais, como a onça. A trilha tem o nome de encontro por ser a confluência entre as trilhas sendo elas do Encontro, Lajinha e Serrinha e também entre os Córregos Serra Nova e o do Moinho do Zeca.

A trilha da Lajinha possui 500m de extensão e está a 100m de distância da sede. Durante a caminhada, pode-se observar a biodiversidade da mata Atlântica. No final do percurso, há um jardim de bromélias em uma laje de pedra. Já a Trilha do Muriqui possui 1,1 km de extensão fica a 100 metros de distância da sede. A trilha pode ser percorrida com propósito educativo, pois tem como tema a biodiversidade da mata atlântica, com destaque para as plantas medicinais e outras espécies da flora e fauna. Nessa trilha o visitante poderá ver o muriqui.

As maquetes (Figura 55) da área interna tem a missão de educar e conscientizar os visitantes sobre a paisagem do parque, permitindo um conhecimento prévio, mesmo antes de se conhecer alguns pontos turísticos do PESB, ultrapassando assim os limites do papel, possibilitando o pensar, a reflexão e o diálogo entre os guias e educadores e os visitantes.

A Fazenda da Neblina (Figura 56), um casario que pertencia a um proprietário particular, antes mesmo da criação do PESB, quando foi instituído, transformou a sede

da propriedade na casa dos hóspedes, com auxílio do Programa de Proteção da Mata Atlântica de Minas Gerais (Promata) com recursos da Cooperação Financeira Internacional Brasil-Alemanha, repassados através do Banco Kreditanstalt für Wiederaufbau (KfW), que investiu cerca de R\$ 1,25 milhão. A Fazenda fica próxima a uma represa.

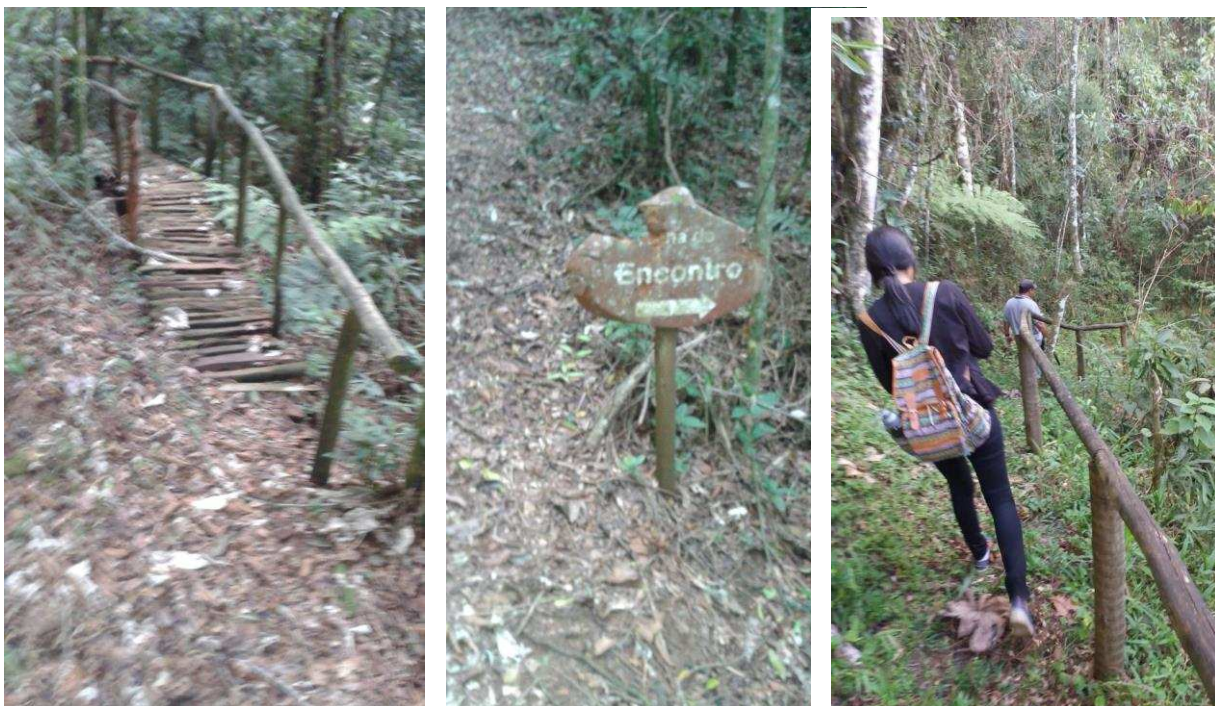


Figura 54: Trilhas Interpretativas no PESB.
Fonte: Aatoria de Wemerson Carlos da Silva



Figura 55: Espaço interno do PESB
Fonte: Arquivo interno do Parque.



Figura 56: Casa de Hóspedes/Fazenda da Neblina nas dependências da sede
Fonte: Arquivo interno do Parque.

6. Educação Ambiental no Parque

A educação ambiental é desafiada a encontrar a maneira ideal de ajudar as pessoas, tanto a nível individual quanto coletivo e público, a formar uma consciência ecológica e social de caráter universal e introduzindo-os à ação particular e comunitária para o equacionamento dos problemas do meio ambiente, em nível local e global.

O PESB compõe o grupo das Unidades de Conservação (UC). Essas UC's podem torna-se um espaço educativo, tendo em vista que a educação ambiental está prevista em todas as categorias descritas no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). A UC precisa ser pensada como parte integrante de um território que contém vários outros elementos como populações tradicionais, populações vizinhas, culturas e saberes diversos, identidades e diversidades. Ao trabalhar a Educação Ambiental em unidades de conservação é imprescindível, nesse sentido, promover ações educativas com o entorno e com as pessoas que de alguma forma adentrarem naquele ambiente, com vistas a diminuir os impactos na natureza e a conscientizar a população da importância do meio ambiente para toda a sociedade.

A Educação Ambiental no PESB é alcançada principalmente nas visitas das escolas ao parque. Em entrevista com uma monitora do PESB ela afirma que “o processo é lento, mas, obtivemos um resultado gradativo, onde o educando é estimulado a uma sensibilização ambiental”.

As Figuras 57 e 58 representam dois momentos de visitas de estudantes ao parque com vistas a conhecer melhor as dependências do PESB e trabalhar junto com a teoria discutida em sala de aula a parte prática de conhecer o ambiente e a importância da preservação e conservação dele, uma vez que o contato com o meio natural pode trazer conhecimento e sensibilidade à pessoa que adentra nesse espaço.

A educação ambiental deve funcionar como uma importante iniciativa de aproximar as pessoas do meio ambiente, uma vez que, a educação ambiental funciona a maneira mais eficaz para amenizar a problemática entre o homem e a natureza.



Figura 57 e 58: Visitas de estudante ao PESB
Fonte: Arquivo PESB.

7. Conversando com os agricultores

O PESB nos dias de hoje é reconhecido pela maioria da população que vive no entorno, porém nem sempre foi assim.

Na época que começou esse Parque aqui pra nós foi a maior tristeza. Para muitos não podia acontecer não. Esse povo que estava ao redor do parque tanto aqui como do outro lado da Serra seria tudo desapropriado na época. Então o povo ficou preocupado. Como iria ter um parque se as pessoas não tinham para onde ir.

Esse drama relatado por um dos entrevistados foi recorrente nas entrevistas de campo, uma vez que, com a proposta inicial de construção do parque, a maioria da população perderia suas terras, seu sustento e de suas famílias. Foi aí que a população começou a mobilizar, participar de reuniões criticarem as propostas estabelecidas e juntos aos sindicatos e Centro de Tecnologias alternativas da Zona da Mata (CTA) com intuito de procurar alternativas para que não houvesse desapropriação de suas famílias.

Quando questionado sobre a importância da criação do Parque as opiniões são as seguintes: “Foi uma maravilha por causa da água, das nascentes”. “É importante né, pra preservar o meio ambiente, por causa dos bichos que tem né. E também gerar emprego para a população do entorno”.

Ótima coisa essa criação do Parque, o pessoal era danado pra botar fogo, colocava fogo de lá pra cá de 3 em 3 meses. Porque a gente tem que preservar eu estou com 75 anos eu já vou, vocês em vem né, se nós formos desmatar tudo acabou uai. Árvore grossa a nova geração não vai conhecer porque o homem é um veneno pra destruir.

Água, primeiro remédio da fonte da vida do sujeito. Se não fosse a criação do parque ia acabar tudo, como você vai viver sem água. A maior importância do parque é a preservação dos produtos naturais. Os produtos naturais diminuí por causa do desmatamento.

Apesar de todos os entrevistados apontarem grande relevância em consideração à criação do parque, existe ainda hoje grande resistência da população com vistas à Unidade de Conservação. “Aí dentro da mata tem muito medicamento, nós usava o medicamento. Tem vários remédios, várias coisas, mas não pode ser utilizado.”

Poucas pessoas daqui frequentam o parque, mais as escolas, pois restringiu muito. De certa forma recuou. Você precisa de alguém pra te conduzir, já não é mais aquela liberdade que era antes. O poder do governo incomoda, muda a relação. A Pedra Redonda, por exemplo, é um lugar que podemos subir a hora que a gente quiser. Não é área de Parque. Subimos quando bem quisermos.

Apesar de relatar diferentes relações com o território do parque dois entrevistados ressaltam que a lei, o poder estatal acaba por afastar a comunidade do entorno das dependências do Parque. Entretanto o morador do entorno precisa entender que apesar da lei que rege a Unidade de Conservação, aquele espaço é seu, de sua comunidade e de mais ninguém. Um dos agricultores sugere quanto às visitas ao PESB:

Vamos sempre. Tem datas marcadas pra ir lá. Sexta-feira da paixão é sagrada, levantamos de manhã juntamos a comunidade e partimos, lá fazemos uma celebração bonita. Gosto de ir também porque lá tem uma maquete muito bonita, tem as trilhas, tem o pessoal que orienta as visitas e também uma moça daqui de perto que trabalha no parque.

A proximidade com o Parque ressaltado por uma das entrevistadas é fundamental para o manejo da Unidade de Conservação e para um maior estreitamento do poder central e seu entorno. “De vez enquanto estou indo lá. Eu não posso ficar muito tempo sem ir lá não. É nosso! Se nós entregar tudo, vai ficar só para os de fora! Aí nós perdemos os direitos”.

A sensação de sentir dono e parte do território do parque é muito importante, uma vez que aproxima o ser humano e ajuda no cuidado e manejo do meio ambiente além de aprimorar os modos de vida da população que vive naquele lugar.

Para Praça, a criação do Parque levou a um processo de mudança da realidade vivida naquelas serras, tanto nos termos mais óbvios e materiais, quanto da maneira mais sutil e subjetiva possível. As relações sociais que ali se desenvolviam passaram a

estar conectadas a outras, que até então não se tinham feito presentes, e a transformar-se em sua natureza, tanto quanto as outras.

8. Bibliografia

BARBOSA, Willer Araújo. Envolvimento Local Ambiente e Culturas. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais: Identidade, Diferenças, Mediações. 2003. Santa Catarina. **Anais...** 8 a 11 de abril, UFSC. 2003.

_____. **Cultura Puri e educação popular em Araponga, MG: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente.** 2005. 234f. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BONFIM, Verônica Rocha. **Conflitos, participação e lições aprendidas no processo de criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB), MG.** 2006. 183f. Tese (Doutorado. em Engenharia Florestal)- Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2006.

FOCHI, Eunice da Rocha. Educação Ambiental. In: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Gravataí. **Caminhos da Educação Popular.** Gravataí, RS: Teoria e Afazeres, v.2, 1999.

FONTES, Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org.). Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e entorno: **Anais** do Simpósio sobre contribuições para elaboração do plano de manejo integrado e participativo do PESB e entorno. Viçosa: UFV, 2000.

ICMBIO. **Educação Ambiental em Unidades de Conservação:** ações voltadas para comunidades escolares no contexto da gestão pública da biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente. Brasília. 2016. p. 36.

IEF. Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro,** 2007. 98p.

PAULA, T. A. R.; ARAUJO, G. R.; DECO-SOUZA, T.; CSERMAK Jr., A. C.; BERGO, L. C. F.; MANTOVANI, J. E.; SILVA, L.C.; MAGLADI, R. C. F.; TRECE, A. S.; CALIMAN, J. P. Aspectos do uso territorial por onça parda (*Puma concolor*), através de monitoramento via satélite, na região do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v.67, n.1, p.80-88, 2015.

PRAÇA, Heitor Levy Ferreira. **Criação de Unidades de Conservação e modernização no meio rural:** o caso do entorno do Parque Serra do Brigadeiro, Minas Gerais. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VITARELLI, Camila Costa. **A concepção de desenvolvimento sustentável na atuação de ONGS no entorno do Parque Estadual Serra do Brigadeiro, MG.** 2005.

118f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após 30 meses de pesquisa, é possível concluir que a aprendizagem teórica e prática com área de pesquisa e principalmente com as famílias entrevistadas contribuíram enormemente para um grande enriquecimento profissional da autora. Diante disso é possível apontar as principais considerações feitas neste estudo realizado em uma das mais importantes áreas naturais da zona da mata de Minas Gerais, o Parque Estadual Serra do Brigadeiro.

Assim, pode-se identificar que as dificuldades no manejo da Unidade de Conservação Parque Serra do Brigadeiro começam pela própria organização dos Parques Nacionais e Estaduais em todo país, partindo da ideia norte-americana de construção de parques sem ponderar as necessidades locais do nosso território e das paisagens que cada Unidade de Conservação apresenta.

Em visitas ao parque, apesar dos funcionários afirmarem que existe uma maior aproximação com a comunidade, ainda hoje existe um diálogo que precisa ser fortalecido com os moradores do entorno e o PESB, uma vez que é preciso priorizar a preservação sem pensar apenas na questão conflitante entre o governo, que designa as regras de conservação e a população que depende do meio para sobrevivência.

No que diz respeito aos órgãos e/ou às instituições que atuam na região, pode-se concluir que eles estão paulatinamente distantes das comunidades do entorno do PESB, o qual é carente de assistência em vários sentidos.

Apesar da relevância da política pública dos territórios rurais, para o desenvolvimento da agricultura familiar e a manutenção do agricultor no meio rural, os municípios que integram o Parque carecem de maior aproximação e articulação com vista em buscar maior identidade territorial e um manejo mais palpável e próspero para os municípios da unidade de conservação.

O processo de regularização fundiária também trouxe impactos negativos para manutenção da Unidade visto que ainda se têm muitas terras sem a devida regularização, em grande parte sem documentação pelo proprietário que dificulta a compra pelo Estado.

A terceirização da UC surge como um problema que afeta a demanda por emprego das famílias que vivem no entorno e por isso acaba por afastar os agricultores e criar uma barreira entre gestão e população, pois a paisagem que deveria ser apropriada pelo ser humano passa a ser invisível para este.

A partir das reuniões que acabaram por dar origem ao Parque, as famílias consideram estarem mais conscientes para colaborar com a conservação e preservação do PESB, uma vez que é importante admitir que a conservação da biodiversidade tenha de ocorrer também fora das UC's, em particular nas áreas que circundam a unidade. Entretanto os agricultores tem consciência do poder destrutivo do ser humano, que muitas vezes devasta sem pensar nas consequências.

Em meados do século XXI, onde as discussões ambientais são de suma necessidade, descobrir outras formas de gerir as UC's se faz fundamentalmente propício. Grande parte dos conflitos embutidos nessa paisagem-território está relacionada com a proposta de conservação muito fechada e restrita aos moldes previstos pela lei, além do excesso de burocracia e do tratamento desigual na aplicação da lei entre pequenos agricultores e os grandes produtores rurais.

A cartilha construída foi feita a partir das impressões sugeridas pelos agricultores com vistas em trazer um material que fosse próximo a eles e que tivesse como finalidade propor a maior interlocução entre os moradores do entorno e a unidade de conservação em estudo, em prol de um manejo mais eficiente e menos conflitante entre os envolvidos nessa paisagem-território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. **Cidadania e Meio Ambiente**. In: _____ (Org.). **Meio Ambiente e Democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

ACSELRAD, Henri. **Cidadania e Meio Ambiente**. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Meio Ambiente e Democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

_____. ; MELLO, Cecília Campello do A.; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça Ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2013. **Araponga**. (Quadro 3) Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em 09 de Outubro de 2016.

AS MINAS GERAIS. **Troncos de árvores e antiga serraria na Serra do Brigadeiro na década de 1960**. (Figura 10). Disponível em: <www.asminasgerais.com.br> Acesso em 12 de Junho de 2017.

BARBOSA, Willer Araújo. **Envolvimento Local Ambiente e Culturas**. II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS: IDENTIDADE, DIFERENÇAS, MEDIAÇÕES. 2003. Santa Catarina. **Anais...** 8 a 11 de abril, UFSC. 2003.

_____. **Cultura Puri e educação popular em Araponga, MG: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente**. 2005. 234f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2005.

BATISTA, A. C.; OLIVEIRA, D. dos. S.; SOARES, R. V. **Zoneamento de risco de incêndios florestais para o estado do Paraná**. Curitiba: FUPEF, 2002. 86p.

BENATTI, José. **Unidades de Conservação e Populações Tradicionais: aspectos jurídicos**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PRESENÇA HUMANA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. **Anais...** Brasília/DF, 26 – 29 de Novembro de 1996

BENITES, Vinicius Melo. **Caracterização química e espectroscópica da matéria orgânica e suas relações com a gênese de solos da Serra do Brigadeiro, Zona da Mata Mineira**. Viçosa, 1998. 123f. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas)- Universidade Federal de Viçosa.

_____. **Caracterização dos solos e das substâncias húmicas em complexos rupestres de altitude**. Viçosa, 2002. 86f. Tese (Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2002.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-Marca, Paisagem-Matiz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad. de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006. 108 p.

BERTRAND, G.; BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007.

BERTRAND, George. **Paisagem e Geografia física global: esboço metodológico**. Cadernos de Ciências da Terra, São Paulo: IGEOG/USP, n. 13, 1971. (Tradução de Olga Cruz), 27p.

BONFIM, Verônica Rocha. **Diagnóstico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG**. 2001. 70f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2001.

_____.RIBEIRO, G. A.; SILVA, E.; BRAGA, G. M. Diagnóstico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG. **Revista Árvore**, Viçosa, v.27, n.1, p.87-94, jan./fev. 2003.

_____. **Conflitos, participação e lições apreendidas no processo de criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB), MG**. 2006. 183f. Tese (Doutorado em Ciência Florestal)- Universidade Federal de Viçosa, Vicoça. 2006.

BRASIL. **Decreto nº 23.793. Aprova o Código Florestal**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro, 1934

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei 9.394/1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, **Lei nº 9795/1999 Política Nacional de Educação Ambiental**, Diário Oficial da União, Brasília, 1999. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>> Acesso em 20/09/2016.+

BRASIL. **Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000: Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências**. Brasília. MMA/SBF, 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>> Acesso em: 21 de setembro 2016.

BRASIL/MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA/INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA -INCRA. **Índices Básicos 2005. Definição de Indicadores Cadastrais.** Disponível em: <http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=153&Itemid=182>. Acesso em 02 de Junho de 2017.

BRASIL/MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. SNUC – **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002; Decreto nº 5.746, de 5 de abril de 2006. Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas: Decreto nº 5.758, de 13 de abril de 2006** / Ministério do Meio Ambiente. – Brasília: MMA/SBF, 2011. 76 p.

BRASIL/MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Categorias das Unidades de Conservação, segundo SNUC** (Figura 3). 2001..

BRITO, Daguiete Maria Chaves. **Conflitos em Unidades de Conservação.** *PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais* da UNIFAP. UNIFAP. n. 1, dez 2008.

BRITTO, Monique Cristine de; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. **Paisagem e as diferentes abordagens geográficas.** *Revista de Geografia – PPGeo*, Juiz de Fora, v. 2, n.1.: UFJF, 2011.

CASSETI, Valter. **Geomorfologia.** [S.l.]: [2005]. Disponível em:<<http://www.funape.org.br/geomorfologia/>>. Acesso em abril de 2017.

CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa Gomes e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Centro de Estudos e Desenvolvimento Florestal. – CEDEF. **Municípios limítrofes e zona de amortecimento do PESB.**

CLIMATE.DATA.ORG. **Clima – Araponga.** (Figura 16). Disponível em: <<http://pt.climate-data.org/location/176511/>>. Acesso em 19 de outubro de 2016.

CORRÊA, Dora Shellard. **História ambiental e paisagem.** *HALAC*. v.II, n.1 Belo Horizonte. 2013. p.47-69.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à Geografia Cultural.** 6°. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: UERJ. 1988. p.37.

COSGROVE. Denis. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: UERJ. 1988. p.37.

_____. **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas de Teoria.** In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à Geografia Cultural.** 6°. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

COUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COUTO, Elmar Alfenas & DIETZ, James M. **Sugestões para criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.** Viçosa, MG: UFV e IEF, 1976.

DATAVIVA. **Araponga – População e etnias.** (Figura 08). Disponível em: <<http://www.dataviva.info/pt/>>. Acesso em em 19 de Abril de 2017.

DEMATTEIS, Giuseppe. O Território: Uma Oportunidade para Repensar a Geografia. In: SAQUET, Marcos A. (org.): **Abordagens e Concepções de Território.** São Paulo: Expressão Popular, p.7-11, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 198p.

FERRARI, Clara Teixeira. **Desenvolvimento Territorial: Olhares Geográficos para a construção de territorialidades alternativas, um estudo a partir do Território Rural da Serra do Brigadeiro.** 97 f. Monografia (Departamento de Geografia) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG. 2008.

FERREIRA, Vanderlei de Oliveira. **A abordagem da paisagem no âmbito dos estudos ambientais integrados.** GeoTextos, vol. 6, n. 2, dez- 2010, p. 187-208.

FIALHO, Edson Soares. **Bromélias em afloramento rochoso, nas proximidades do centro de apoio do PESB.** (Figura 13). Foto registrada em 30 de Setembro de 2016.

FIALHO, Edson Soares. **Neblina forte no dia 30 de setembro de 2016, impedindo a visão do centro de visitantes ao fundo da imagem, na direção da estrada.** Fotografia registrada em 30 de Setembro de 2016.

FIALHO, Edson Soares. **Pórtico de entrada da cidade de Araponga.** (Figura 14). Foto registrada em 30 de Setembro de 2016.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. **O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções?** *Paisagem e Ambiente: ensaios.* São Paulo, n. 32, p.86. 2013.

FOCHI, Eunice da Rocha. Educação Ambiental. In: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Gravataí. **Caminhos da Educação Popular.** Gravataí, RS: Teoria e Afazeres, v.2, 1999.

FOGLIATTI, Maria Cristina; FILIPO, Sandro; GOUDARD, Beatriz. **Avaliação de impactos ambientais: aplicação aos sistemas de transporte.** Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 249 p.

FONSECA, Bruno Costa da; OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de; SOUSA, Dayane Rouse Neves de. **Conflitos ambientais: atores, causas e desdobramentos na zona da mata mineira.** *Caminhos de Geografia – Revista online.* v. 13, n. 42, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/> Acesso em 27 de Setembro de 2016. p. 292-294 (grifos nossos). (Adaptada)

FONTES Luiz Eduardo Ferreira et. al. (org.). **Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e entorno.** In: SIMPÓSIO SOBRE CONTRIBUIÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO INTEGRADO E PARTICIPATIVO DO PESB E ENTORNO. Anais... Viçosa: UFV, 2000.

GJORUP, Guilherme Barcellos. **Planejamento Participativo de uma Unidade de Conservação e do seu entorno: O caso do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais.** 1998. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas) - UFV, Viçosa. 1998.

GONZÁLEZ, Juan Manuel. **Uma aproximación al estudio de la transformación ecológica del paisaje rural colombiano: 1850-1990.** Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/46808/18/9587010760.capitulo2.pdf>> Acesso em 01 de Junho de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (2010). **Araponga.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310370&search=minas-gerais|araponga>>. Acesso em 11 de Outubro de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (2010). **Araponga - Panorama.** (Figura 07). Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/mg/araponga/panorama>>. Acesso em 07 de Maio de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **População Municipal e Etnias de Araponga.** (FIGURA 08) apud DATAVIVA. **Araponga – População e etnias.** (Figura 08). Disponível em: <<http://www.dataviva.info/pt/>>. Acesso em 19 de Abril de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produto Interno Bruto- Araponga: 2013** (FIGURA 06). Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 19 de Outubro de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2010.

INSTITUTO CHICO MENDES DE BIODIVERSIDADE. **Reserva Particular do Patrimônio cultural.** Disponível em <<http://www.icmbio.gov.br/menu/rppn-reservaparticular-do-patrimonio-natural>>. Acesso em 10 de Maio de 2017.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. **IEF**. Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/>> Acesso em 21 de setembro de 2016.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. IEF. **Guia Parques Estaduais de Minas Gerais**. Disponível em: <<http://conservacao.mpambiental.org/wp-content/uploads/2015/03/Guia-ParquesEstaduaisdeMG.pdf>> Acesso em 21 de setembro de 2016.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Localização Geográfica do Parque Estadual Serra do Brigadeiro**. (Figura 3)

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/biodiversidade/dados-da-biodiversidade/index.php?option=com_content&task=view&id=197&Itemid=146> Acesso em 20 de Agosto de 2016.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**, 2007. 98p.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Unidades de Conservação do estado de Minas Gerais segundo regiões IEF**. (Figura 2). Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/noticias/1/1874-13-regionais-xyz>>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE FLORESTAS - IEF. **Plano de manejo do Parque Estadual Serra do Brigadeiro**. Belo Horizonte. 2007 98p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Portaria n.127 de 30 de Abril de 2009 - **Chancela da Paisagem Cultural**. Brasília: 2009.

LAMAS, Fernando Gaudereto. **Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira no século XVIII**. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao08/materia01/exto01.pdf>>. Acesso em 19 de Outubro de 2016.

LABORATÓRIO DE BIOCLIMA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Delimitação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e o limite da cota 1.000 metros de altitude, com a presença dos principais canais fluviais que nascem na Serra do Brigadeiro**. (Figura 17).

LAYRARGUES, Philippe Pomier, LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, v. XVII, n. 1, 2014.

LAZZAROTTI, Olivier. **Tourisme et patrimoine: ad augusta per angustia**. *Annales de Géographie*. 2013. p. 91-110.

LIMA, Gumercido Souza. **A prevenção de incêndios florestais em Minas Gerais.** *Floresta*, Curitiba, v.30, n.12, p.37-44, 2000.

LITTLE, Paul Elliott. **Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico.** *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n.25, 1º semestre de 2006.

LOVEJOY, Thomas. **Compromissos Globais e multilaterais para conservação da biodiversidade: O papel do Brasil e a importância das Unidades de Conservação brasileiras.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. Anais... Curitiba, PR: IAP-UNILIVRE, Rede Nacional Pro Unidade de Conservação, 1997.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros.** p.1. Disponível: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>> Acesso em: 13 de maio 2015.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o Conceito de Paisagem.** *RA'EGA*, Curitiba: Editora UFPR, n. 8. 2004. p. 83-91.

MILANO, Miguel Serediuk. **Mitos no manejo de unidades de conservação no Brasil, ou a verdadeira ameaça.** II CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, Anais... Dourados/MS. v. 1. 2000.

MENDES, Ana Eurica de Oliveira. **Incêndios florestais, diálogos e interações entre agricultores do entorno de unidade de conservação.** 2014. 124f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2014.

NASCIMENTO, Daniel Trento. **O papel dos conflitos socioambientais e de fenômenos climáticos extremos no fortalecimento da gestão ambiental municipal no sul catarinense.** Brasília, 2010.325f. Tese (Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável)- Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Ivone Adelina de. **Gestão de conflitos em parques: estudo de caso do entorno nordeste do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro Praia da Pinheira-SC.** Santa Catarina, 2005. 271f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina.

PARQUE ESTADUAL SERRA DO BRIGADEIRO – PESB. **Visitantes do PESB de 2012 à 2016.** (Figura 10).

PORTAL EDUCARBRASIL. **As unidades de Conservação: história e características.** 2010. Disponível em: <<http://www.marcosgeográficos.org.br/pdf/html.php?id=132>> Acesso em 10/05/2017.

PELEGRINI, Sandra Cássia Araújo. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental.** *Revista brasileira de História*. São Paulo, v.26, n.51, 2006.

PENTEADO, H. **Meio ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1994.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS – IPEA/FUNDAÇÃO JOÃO PINEHIRO - FJP (2017). **População Total, por Gênero, Rural/ Urbana**. (Quadro 05)

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS – IPEA/FUNDAÇÃO JOÃO PINEHIRO - FJP (2017). **Estrutura Etária da População - Araponga** (Quadro 06).

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS – IPEA/FUNDAÇÃO JOÃO PINEHIRO - FJP (2017). **Longevidade, Mortalidade e Fecundidade: Araponga-MG**. (Quadro 07).

PINTO, Frederico Queiroz Brumano. **Avaliação do ecoturismo em três municípios do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB)-MG**. Viçosa, 2005. 155f. Tese (Doutorado em Ciências Florestal)-Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa.

PISSINATI, Mariza Cleonice; ARCHELA, Rosely Sampaio. **Geossistema território e paisagem - método de estudo da paisagem rural sob a ótica bertrandiana**. *Geografia(Londrina)*. Londrina, v.18, n.1, p.8. UEL, 2009.

PRAÇA, Heitor Levy Ferreira. **Criação de Unidades de Conservação e modernização no meio rural: o caso do entorno do Parque Serra do Brigadeiro, Minas Gerais**. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

QUARESMA, Helena Doris de Almeida Barbosa. **O turismo em áreas de fronteira: alternativa para gestão de parques nacionais?** SEMINÁRIO INTERNACIONAL - AMAZÔNIA E FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO. Belém, 9 a 11 de outubro de 2008, UFPA.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007. 151 p.

RODRIGUES, Camila Gonçalves de Oliveira. **O uso do público nos parques nacionais: a relação entre as esferas pública e privada na apropriação da biodiversidade**. 2009. 358f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília Brasília. 2009.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANTILIANO, Thiago Costa. **Os índios Goitacases e Puris que habitavam nossa região**. Disponível em : <<http://geocostan.webnode.com.br/historia/historia/indios-que-habitavam-nossa-regiao>>. acesso em 18 de Outubro de 2016.

SANQUETTA, Carlos Roberto. **Experiências de monitoramento no bioma Mata Atlântica com uso de parcelas permanentes**. Curitiba: Funpar, 2008. 338p.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia**. *RA'EGA*, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SCIFONI, Simone. **A construção do patrimônio natural**. São Paulo, 2006. 294f. Tese (Doutorado. em Geografia) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Projeto Integrado de Pesquisa e Desenvolvimento em Agricultura Familiar (PROPEDAF) – Relatório Técnico Subprojeto 01**. Viçosa: FUNARB/EPAMIG, 2002.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

SILVA, Claudinei Heleno. **Conflitos Ambientais no entorno do Parque Estadual Serra do Brigadeiro (PESB): Agricultura familiar e Mineração de bauxita no município de Miradouro-MG**. 2012.186f. Dissertação (Mestrado. em Extensão Rural)- Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2012.

SILVA JÚNIOR, Roberto Donato da. Etnoconservação e o conceito de relações de poder: apontamentos teórico-metodológicos. **Caderno de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n.12, 2009.

SOLÓRZANO, Alexandro; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; GUEDES-BRUNI, Rejan Rodrigues. **Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem**. *Ambiente & Sociedade*. v. XII, n.1. p.49-66. Campinas, 2009.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço uno e múltiplo**. *Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidade de Barcelona, Barcelona, n. 93, 2001.

THEODORO, Suzi Huff; CORDEIRO, Pamora Figueredo; BEKE, Zeke. **Gestão ambiental: uma prática para mediar conflitos socioambientais**. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd25/theodoro.pdf> > Acesso em 04 de janeiro de 2016.

UICN/WCPA. 2000. **Protected Areas: Benefits Beyond Boundaries**. Material disponível no site: <http://www.iucn.org.br/themes/wcpa>.

UNESCO; World Heritage Committee (WHC). **Operational guidelines for the implementation of the world heritage convention**. Paris: UNESCO, 2008. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/opguide08-pt.pdf>>. Acesso em: 01/11. 2016.

VALLEJO, Luiz Renato. Unidades de conservação: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e de políticas públicas. **Geographia** (Niterói), v.4, n.8, 2002.

VALVERDE, Orlando. **Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais**. *Revista Brasileira de Geografia*, ano XX, n. 1, janeiro-março, 1958.

VAREJÃO, Thalyta. **Localização Geográfica do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB)**. (Figura 12). Laboratório de Bioclima. UFV. 2016.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. **Ensaios geográficos**. São Paulo: Humanitas, 2008. 200 p.

VIÉGAS, Rodrigo Nuñez. **Conflitos ambientais e lutas materiais e simbólicas**. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 19, p. 145-157, jan./jun. 2009. Editora UFPR.

VITARELLI, Camila Costa. **A concepção de desenvolvimento sustentável na atuação de ONGS no entorno do Parque Estadual Serra do Brigadeiro, MG**. 2005. 118f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)-Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2005.

VIVACQUA, Melissa; VIEIRA, Paulo Freire. Conflitos socioambientais em Unidades de Conservação. **Política e Sociedade**. n.7, 2005.

ZHOURI, Andréia; LASCHEFSKI, Klemens. (org.) **Desenvolvimento e Conflitos ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

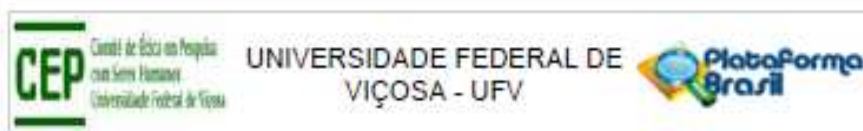
APÊNDICE

Apêndice 1: Roteiro de Entrevista

- 1) Qual a importância da criação do Parque Serra do Brigadeiro para a dinâmica local?
- 2) Em que momento acontecem as primeiras iniciativas de construção do parque? Por quê?
- 3) Você sabe ou participou do processo de criação do Parque? Qual foi seu papel nesse processo?
- 4) Você nasceu nessas áreas próximas ao parque? Qual trabalho desenvolvia antes da criação do parque? O trabalho era no campo ou na cidade? Você estudou? Aconteceram mudanças no seu trabalho com a criação do parque?
- 5) Você considera importante a criação desse Parque? Por quê?
- 6) Quais impactos você percebeu durante o processo de criação do parque? Houve muitos conflitos? Quem participou desse processo?
- 7) Qual a relação da população local com o espaço do parque? A maioria considera importante a criação do Parque?
- 8) Você participava de alguma organização social, como por exemplo: associação de moradores, cooperativas, sindicatos e etc?
- 9) Qual importância do parque hoje para as famílias do entorno e para a dinâmica local?
- 10) Qual importância da criação do Parque para a preservação da floresta presente no (PESB)?
- 11) Você ou sua família utiliza algum espaço do parque? Quais usos que a população faz dele?
- 12) Você sabe se alguém pratica a caça no entorno?
- 13) Você já viu algum mamífero de grande porte no PESB?
- 14) Quais são os problemas ambientais que você identifica no entorno do PESB?
- 15) A população do entorno na sua opinião foi responsável pela preservação dos remanescentes da mata?

ANEXOS

Anexo 1 : Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Paisagem em Conflito: um estudo de caso do processo de implantação do (PESB) e seu impacto junto aos agricultores locais

Pesquisador: Edson Soares Falho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57163815.0.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Geografia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.653.460

Apresentação do Projeto:

Os pesquisadores objetivam mapear os conflitos entre agricultores e poder público advindos da criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Supõem que a maior participação dos agricultores no processo pode minimizá-los e, ao mesmo tempo, garantir de modo mais eficaz a preservação do parque. Para tanto, lançam mão de entrevistas semiestruturadas entre dez famílias de agricultores da região de Araponga. Ademais, entrevistarão diversos outros agentes públicos (do parque e da prefeitura), bem como representante do sindicato dos trabalhadores rurais de Araponga. Definem como janela temporal o intervalo 1996-2016.

Por fim, anteveem que um dos resultados da pesquisa será um processo de preservação do parque mais zeloso, uma vez que explicitará as dificuldades elencadas pelos agricultores, harmonizando os diversos interesses em jogo.

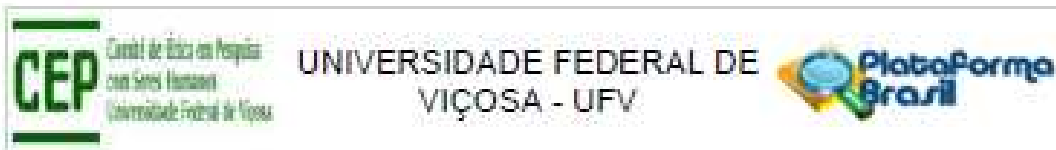
Objetivo da Pesquisa:

Mapear, descrever e analisar as dificuldades enfrentadas pelos agricultores advindas da criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Esclarecem que os participantes podem se sentir intimidados com algumas questões, haja vista que há inequivocamente em efeito de memória em questão. Além disso, há evidentemente

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
 Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-000
 UF: MG Município: VIÇOSA
 Telefone: (31)3890-2492 E-mail: cep@ufv.br



Continuação do Protocolo: 1.853-400

conflitos entre os diversos agentes/atores envolvidos, sobretudo entre as diversas esferas e instâncias do poder público e os agricultores. Em suma, uma assimetria de poderes que poderia prejudicar a parte mais vulnerável, os agricultores.

Entretanto, apontam medidas para manter o sigilo dos dados e dos nomes dos envolvidos. Além disso, desobrigam os entrevistados de responder questões que causem qualquer tipo de desconforto. Por fim, garante direitos a indenização.

Esclarecem que o resultado poderá aperfeiçoar o processo de preservação do parque. Objetivam, ademais, elaborar uma cartilha a ser distribuída nas escolas públicas do município de Araçonga de modo a incentivar a consciência pela preservação ambiental.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Como dito, os investigadores pretendem discernir sobre os conflitos e dificuldades enfrentadas pelos agricultores oriundos da criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Os autores do projeto de pesquisa creem que o mapeamento destes conflitos pode ajudar a aperfeiçoar medidas de preservação ambiental do parque. A fim de discriminá-los recomem a pesquisas semiestruturadas entre agricultores e diversos agentes públicos de diferentes esferas.

São zelosos ao enumerar os riscos a que estarão expostos, sobretudo os agricultores, mitigando-os através de diferentes medidas presentes no TCLE.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentam: a) folha de rosto: em conformidade, b) termos de autorização: em conformidade, c) projeto de pesquisa: em conformidade, d) roteiros das entrevistas: em conformidade, e) cronograma: em conformidade e, por último, f) TCLE: em conformidade.

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

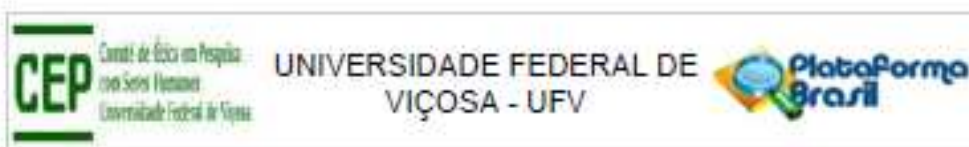
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
 Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-000
 UF: MG Município: VIÇOSA
 Telefone: (31)3890-3400 E-mail: cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 1.053.400

disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto analisado durante a 5ª reunião de 2016, realizada no dia 11 de julho de 2016.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BÁSICAS DO PROJETO_591597.pdf	18/07/2016 10:38:31		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.doc	18/07/2016 10:37:21	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Modificado.doc	18/07/2016 10:33:40	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
Outros	Autorizacao_Secretaria.pdf	19/06/2016 20:08:19	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	19/06/2016 20:07:14	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
Outros	Autorizacao_IEF.pdf	19/06/2016 20:00:23	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
Outros	Autorizacao_Sindicato.pdf	19/06/2016 19:52:03	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
Outros	Roteiro_de_Entrevistas.doc	19/06/2016 19:40:32	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.doc	19/06/2016 17:28:16	Tatiane Cristina da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	19/06/2016 16:51:55	Tatiane Cristina da Silva	Aceito

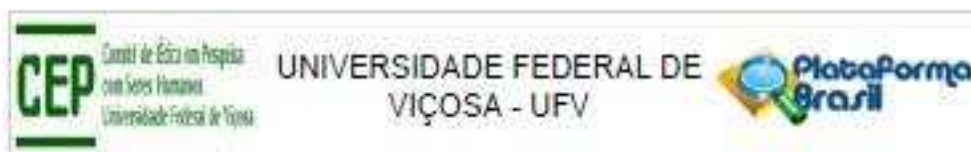
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
 Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-900
 UF: MG Município: VICOSA
 Telefone: (31)3899-2492 E-mail: cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 1.053.460




VICOSA, 29 de Julho de 2016

Assinado por:
HELEN HERMANA MIRANDA HERMSDORFF
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário CEP: 35 575-900
UF: MG Município: VICOSA
Telefone: (31)3636-2492 E-mail: cep@ufv.br

Página 02 de 02

ANEXO 2: Autorização IEF

		GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS DIRETORIA DE PROTEÇÃO À FAUNA GERÊNCIA DE PROJETOS E PESQUISAS		
AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA CIENTÍFICA NO ESTADO DE MINAS GERAIS				
Numero da Autorização 054/2016		Data da Emissão 06/06/2016		
		Prazo de Validade 06/06/2017		
INFORMAÇÕES DO RESPONSÁVEL E DO PROJETO				
Título do Projeto	"Paisagem em conflito: um estudo de caso do processo de implantação do (PESB) e seu impacto junto aos agricultores locais".			
Instituição	Universidade Federal de Viçosa - UFV			
Responsável	Tatiane Cristina da Silva	CPF	096.396.966-84	
Logradouro	Rua Celina Ladeira			
Nº/KM	78	Complemento	Casa	
Bairro/Localidade	São José do Triunfo			
Município	Viçosa	UF	MG	
CEP	36570-000			
Cx. Postal	---			
Telefone	31-3892-0170/31-3895-1046	Celular	31-998022529 / 31-992157129	
E-mail	tatiane.cristina@ufv.br; fialho@ufv.br			
INTEGRANTES DA EQUIPE				
Nome	Instituição	CPF	Função	
Edson Soares Fialho	UFV	068.767.377-13	Orientador	
INFORMAÇÕES DAS ATIVIDADES (COLETA/CAPTURE/TRANSPORTE)				
Tipo de Atividade:	<input type="checkbox"/> Captura	<input type="checkbox"/> Coleta	<input type="checkbox"/> Transporte	<input checked="" type="checkbox"/> Sem Coleta/Captura
	<input type="checkbox"/> Abiótica	<input type="checkbox"/> Microorganismos	<input type="checkbox"/> Fungo	<input type="checkbox"/> Botânica
	<input type="checkbox"/> Anfíbios	<input type="checkbox"/> Répteis	<input type="checkbox"/> Aves	<input type="checkbox"/> Invertebrados
			<input type="checkbox"/> Mamíferos	<input type="checkbox"/> Ictiofauna
OBSERVAÇÕES	Esta autorização não permite coleta/transporte de material biológico nem abiótico.			
LOCAL DA ATIVIDADE - EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO ESTADUAL				
Unidade de Conservação	Responsável pela UC	Contato (Telefone e e-mail)	Endereço da UC	Assinatura do Responsável pela UC
PE Serra do Brigadeiro	José Roberto Mendes de Oliveira	(32) 3721-7491 / (31) 98494-1545 (31) 9407-0008 pebrigadeiro@meioambiente.mg.gov.br jose.oliveira@meioambiente.mg.gov.br	Estrada Araponga / Fervedouro, Km 15 CEP: 36.594-000	
Esta autorização será válida apenas com a autenticação do responsável pela(s) Unidade(s) de Conservação.				
LOCAL DA ATIVIDADE - FORA DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO ESTADUAL (apenas para material botânico)				
Município(s)	Não se aplica			
TRANSPORTE - DESTINO DO MATERIAL COLETADO				
Instituição(ões)	Não se aplica			
Endereço(s)	Não se aplica			
Outras Observações e Ressalvas:				
1. Esta autorização não exige o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena, da unidade de conservação federal, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, posseiro ou morador de área dentro dos limites de unidade de conservação estadual cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso;				
2. O pesquisador titular deverá contatar a administração dessa unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização.				
Assinatura do responsável pela Autorização		Número do Processo SIGED - IEF/DFAU/GPROP		
 Sônia Aparecida Cordeiro de Almeida Diretora de Proteção à Fauna MAGP 1.206.652-8		472913702016-1  00000230 2101 2016 Ande abaixo o número do SI/PRO		
Cidade Administrativa Tancredo Neves, Edifício Minas - Gerência de Projetos e Pesquisas - 1º andar - Mesas: 01 Rodovia Prefeito Américo Gianetti, s/n - Bairro Serra Verde - Belo Horizonte - MG - CEP: 31630-000 Telefones: (31) 3915-1326 e (31) 3915-1327 E-mail: pesquisa.pprop@meioambiente.mg.gov.br				



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
 SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
 INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS
 DIRETORIA DE PROTEÇÃO À FAUNA
 GERÊNCIA DE PROJETOS E PESQUISAS

- das coletas e de uso da infraestrutura da unidade de conservação, quando for o caso;
3. O Instituto Estadual de Florestas não se responsabiliza por qualquer dano a equipamentos, acidentes ou lesões físicas ou psíquicas, estando ainda, o pesquisador responsável e sua equipe ciente da vulnerabilidade da área de realização da pesquisa;
 4. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
 5. O titular da autorização e os membros de sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura direcionados, sempre que possível ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos e empregar esforços de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condições *in situ*, quando for o caso;
 6. Esta autorização não permite captura/coleta/transporte:
 - para fins comerciais, industriais ou esportivos;
 - para realização de atividades integrantes do processo de licenciamento ambiental de empreendimentos, conforme resolução do CONAMA de nº 237 de 19/12/97, salvo quando especificado;
 - de espécies ameaçadas de extinção em lista oficial federal, salvo quando constante de projeto específico autorizado pelo SISBIO;
 - de espécies ameaçadas de extinção em lista oficial estadual, salvo quando constante de projeto específico autorizado pelo IEF;
 - de fauna e flora em áreas de domínio privado, sem o consentimento expresso ou tácito do proprietário nos termos do Código Civil;
 7. Esta autorização não permite transporte interestadual e internacional de material biológico;
 8. Esta autorização não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospecção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br;
 9. O titular desta autorização, assim como os membros de sua equipe, quando da violação da legislação vigente, ou quando da inadequação, omissão ou falsa descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, poderá, mediante decisão motivada, ter a autorização suspensa ou revogada pelo IEF e o material biológico coletado apreendido nos termos da legislação em vigor;
 10. O responsável poderá, durante a validade desta autorização e conforme Termo de Compromisso firmado, solicitar à Gerência de Projeto e Pesquisas do IEF Renovação, Cancelamento ou Conclusão, conforme instruções no site do IEF (<http://www.ief.mg.gov.br/biodiversidade/pesquisa-cientifica>);
 11. Esta autorização é válida somente sem emendas ou rasuras e exclusivamente no estado de Minas Gerais;
 12. O pesquisador deverá estar sempre acompanhado desta autorização para apresentá-la às autoridades, quando solicitado.

Assinatura do responsável pela Autorização

Sônia Aparecida Cordeiro de Almeida
 Sônia Aparecida Cordeiro de Almeida
 Diretora de Proteção à Fauna
 MASP 1.286.652-8

Número do Processo SIGED - IEF/DFAU/GPROP